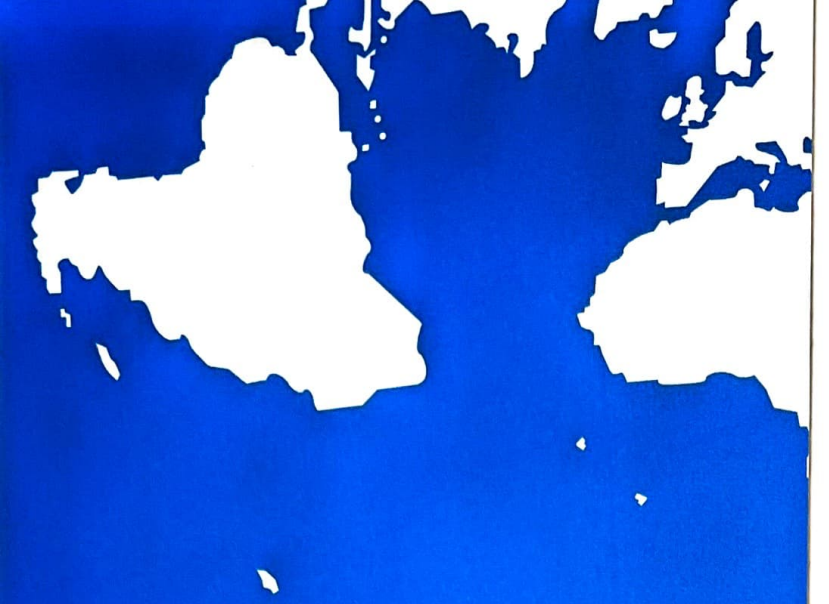
AS VÁRIAS FACES DA NOVA ORDEM MUNDIAL

ALEXANDRE COSTA, ORG.

ANA LÍGIA LIRA
ANDRÉ ASSI BARRETO
CAMILO CALANDRELI
CLÁUDIA PIOVEZAN
ELIS BOBATO
FABIO BLANCO
HÉLIO ANGOTTI NETO
LUIS VILAR
MÁRCIO SCANSANI

VIDE EDITORIAL



ALEXANDRE COSTA nasceu em São Paulo e já trabalhou em agências, editoras e veículos de comunicação. É autor das obras *Fazendo livros*, *Introdução à Nova Ordem Mundial*, *Bem-vindo ao hospício*, *O novato* e *O Brasil e a Nova Ordem Mundial*. Escreve regularmente para *sites*, revistas e jornais e ministra o curso "Nova Ordem Mundial, globalismo e geopolítica".

www.escritoralexandrecosta.com.br

AS VÁRIAS FACES DA NOVA ORDEM MUNDIAL

ALEXANDRE COSTA, ORG.

ANA LÍGIA LIRA
ANDRÉ ASSI BARRETO
CAMILO CALANDRELI
CLÁUDIA PIOVEZAN
ELIS BOBATO
FABIO BLANCO
HÉLIO ANGOTTI NETO
LUIS VILAR
MÁRCIO SCANSANI

VIDE EDITORIAL

As várias faces da Nova Ordem Mundial
Alexandre Costa (org.)
1° edição — fevereiro de 2021 — CEDET
Copyright © by Alexandre Costa

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Av. Comendador Aladino Selmi, 4630, Condomínio GR2 Campinas — módulo 8
CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas-SP
Telefone: (19) 3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:
Thomaz Perroni

Revisão:
José Carlos França dos Santos

Preparação de texto:
Letícia de Paula

Capa:
Vicente Pessôa
Rodrigo Nankin (modelagem 3D)

Diagramação:
Guilherme Conejo Lopes

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA
Costa, Alexandre
As várias faces da Nova Ordem Mundial / Alexandre Costa (organizador) — Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.
ISBN: 978-65-87138-17-6
1. Ciências Políticas 2. Filosofia e Teoria de Relações Internacionais
I. Autor II. Título.

CDD 320 / 327

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Ciências Política – 320
2. Filosofia e Teoria de Relações Internacionais – 327

VIDE Editorial – www.videeditorial.com.br
Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

SUMÁRIO

Apresentação do organizador 07

CAPÍTULO I
A evolução do globalismo
Alexandre Costa 09

CAPÍTULO II
A era da manipulação
Fabio Blanco 29

CAPÍTULO III
A utopia transumanista — uma cosmovisão escatológica imanentista aplicada à saúde
Hélio Angotti Neto 53

CAPÍTULO IV
Audiência de custódia — uma digital do globalismo na justiça penal brasileira
Cláudia Rodrigues de Morais Piovezan 97

CAPÍTULO V
Brexit: a primeira vitória de uma revolta nacional e soberanista
André Assi Barreto 129

CAPÍTULO VI
Das idéias revolucionárias e o terreno fértil para o globalismo
Luis Vilar 149

CAPÍTULO VII
As inferências do marxismo cultural na música brasileira
Camilo Calandreli 181

CAPÍTULO VIII
Um mundo sem arte
Elis Bobato 191

CAPÍTULO IX
Infantilização proposital, ou: A era da pedagogia danoninho
Márcio Scansani 211

CAPÍTULO X
Aurora
Ana Lígia Lira 233

APRESENTAÇÃO DO ORGANIZADOR

Um livro coletivo sobre os vários aspectos da Nova Ordem Mundial sempre esteve entre os meus objetivos. Antes mesmo de lançar meu primeiro trabalho sobre o assunto, quando ainda escrevia apenas em fóruns e blogs, cheguei a tentar reunir algumas pessoas para produzir algo do gênero, mas por uma série de razões o projeto acabou não acontecendo. O tempo passou, o assunto ganhou espaço e alcançou círculos cada vez mais amplos. Surgiram livros, vídeos, palestras e, principalmente, pessoas dispostas a estudar a pauta ignorada pela imprensa e ridicularizada pela Academia.

Após participar do Fórum Educação, Direito e Alta Cultura, em Londrina, e do Seminário Globalismo, promovido pela Fundação Alexandre de Gusmão e pelo Ministério das Relações Exteriores, percebi que era o momento ideal para retomar a idéia, que começou a tomar forma durante uma conversa com a Vide Editorial.

O principal objetivo deste trabalho é fornecer informações para a compreensão de um problema extremamente complexo e que deve afetar a vida de todos.

Começando pelo contexto histórico, e passando por questões essenciais ao entendimento do mundo em que vivemos, este livro pretende servir como alerta e proporcionar uma visão de conjunto deste processo que visa o totalitarismo global. Com este intuito de expandir o horizonte de compreensão do panorama e disseminar informações vitais, os autores abordam tópicos como geopolítica, a manipulação cotidiana da linguagem, a deformação da ética, a inversão de valores e o fomento à criminalidade, à vulgaridade e ao emburrecimento, sempre focando na relação entre o tema e a idéia megalomaníaca de construir uma nova civilização e um novo homem.

Por abordar um assunto de característica multifacetada, além de mostrar vários elementos que compõem o fenômeno, os artigos deste livro foram selecionados e organizados de forma a tornar evidente, para o leitor atento, as conexões entre cada uma das várias faces da Nova Ordem Mundial.

Boa leitura!

CAPÍTULO I

A evolução do globalismo

Alexandre Costa

Quando falamos em Nova Ordem Mundial estamos agrupando dezenas de aspectos dentro de um conceito amplo e abstrato, que de uma forma ou de outra está relacionado a uma idéia, a um desejo de estabelecer um ambiente de governança global que, por sua vez, será o substrato para a construção de uma nova civilização.

Dentre os vários aspectos que compõem esse processo, muitos são desconexos ou até mesmo aparentemente contraditórios. E como acredito que para compreender um fenômeno social ou histórico, o primeiro passo é observar o seu desenvolvimento, minha contribuição para este livro se dará na apresentação de uma espécie de cronologia aproximada, dividida em ciclos, com destaque

para objetivos e conseqüências das principais iniciativas, e seleção de pontos explicativos que permitem conexão com outros tópicos abordados neste trabalho.

Definições

Globalização trata das relações comerciais entre as nações. Existe desde que o homem domesticou o camelo e ocorre de forma mais natural e espontânea.

Globalismo é o conjunto de iniciativas e fenômenos que visam criar um ambiente de governança global, que tende a se sobrepor às soberanias nacionais e aos direitos naturais dos indivíduos, e de uma maneira geral à livre determinação dos povos. Trata-se de uma ideologia, no sentido de uma reunião de idéias que se propõe a substituir a realidade. O conceito de Nova Ordem Mundial, mais amplo, envolve o globalismo e dá sustentação a essas iniciativas ao incentivar e promover modificações profundas na essência da sociedade.

Embora sejam diferentes, ultimamente as vantagens da globalização têm sido usadas como moeda de troca na imposição de pautas globalistas, criando chantagens econômicas como forma de aprovação de interferências externas nos assuntos domésticos: se um país não aprova uma lei, uma "recomendação", não terá determinado benefício, seja na OMC, no FMI, no Banco Mundial, no BIS etc.

Antecedentes

A idéia de governo mundial sempre existiu na cabeça de imperadores e tiranos, mas o contexto histórico, a impossibilidade tecnológica e as limitações dos recursos e da logística mantinham a idéia no mundo da imaginação.

A descoberta dos novos mundos, o surgimento da imprensa e a Reforma Protestante tinham mudado a Europa nos últimos séculos e este caldo cultural que se formou desde o fim da Idade Média era o substrato ideal para o surgimento deste que considero o primeiro ciclo globalista, que ocorre no início do século XVIII.

Primeiro ciclo — As idéias

No desenvolvimento do globalismo como conhecemos hoje, o século XVIII pode ser descrito como a primeira etapa, o primeiro ciclo globalista, ou, o ciclo das idéias.

Neste período, além do surgimento das redes bancárias familiares, que tornaram mais seguras e práticas as transações econômicas, condições necessárias para qualquer governo de grande alcance geográfico, o próprio ambiente europeu estava mudado e, na cabeça dos megalomaníacos, pronto para mudanças ainda mais significativas.

Devido à descentralização do debate cultural que vinha acontecendo na Europa, surgem grupos de intelectuais e notáveis da sociedade que se reúnem para discutir questões políticas e econômicas. Como conspiravam contra monarquias e contra a Igreja Católica, cultuavam o

segredo e envolviam suas conversas em símbolos e ritos herdados de sociedades esotéricas antigas.

Dentre as várias sociedades surgidas nesse período, umas mais místicas e outras nem tanto, muitas desapareceram ou foram assimiladas pela Maçonaria, criada em 1717 e que logo virou uma rede com ramificações em vários pontos da Europa. Como se autoproclama sucessora e herdeira de todas as antigas tradições herméticas e iniciáticas, assimila todos os símbolos e ritos anteriores.

Mais tarde, em 1° de maio de 1776, foi criada a Ordem dos iluminados da Baviera, ou Illuminati, como ficou bastante famosa depois do livro do Dan Brown. Ela de fato existiu, foi muito poderosa porque surge da iniciativa de um banqueiro, Amshel Mayer Rothschild, com a ajuda de um jesuíta, Adam Weishaupt, filho de um professor de direito, que perdeu o pai ainda criança e foi adotado pelo diretor da universidade. Curiosamente foi esse homem que retirou poderes dos jesuítas quando ocupou um cargo na reitoria.

Enquanto a Maçonaria era formada por burgueses e intelectuais, em sua maioria protestantes, inclusive com dois clérigos entre os fundadores,[1] os Illuminati eram nobres descontentes com sua posição na corte e banqueiros. A Maçonaria era anticlerical, e, portanto anticatólica, e os Illuminati eram anticristãos. Poucos anos após a fundação, um nobre alemão com grande influência na Maçonaria inglesa e alemã, Adolf von Knigge, foi convidado a

1 John Theophilus Desaguliers, anglicano, membro da Royal Society e assistente e divulgador de Isaac Newton; e James Anderson, presbiteriano, autor da Constituição dos Maçons Livres.

fazer parte da ordem com o objetivo de levar os Illuminati para dentro da Maçonaria. E foi o que aconteceu. Antes da virada do século XVIII para o século XIX os Illuminati já controlavam a Maçonaria.

As idéias globalistas já existiam antes do século XVIII, mas eram ainda dispersas e frágeis. Nestas reuniões elas passam a tomar corpo e vão se transformando em planos mais sólidos e mais elaborados, com metas e objetivos mais palpáveis. Surge, então, o ideal que seria carregado e aperfeiçoado pelos próximos três séculos: a **República Universal.**

Como conseqüência da disseminação destas idéias, o pensamento iluminista passa a receber mais destaque, devido a patrocínios e apoios. Neste momento também começam a circular todo tipo de notícia contrária à Igreja e ao cristianismo, assim como críticas às monarquias e elogios aos ideais republicanos. O principal resultado, quase imediato, aparece décadas depois com a Revolução Francesa e tudo que ela representou e influenciou em todo o mundo.

Abro aqui um parêntesis para lembrar que, conforme percebeu o historiador francês Fustel de Coulanges,[2] a transformação de uma sociedade depende de três revoluções consecutivas: espiritual-religiosa, política, econômica-legal.[3]

2 Numa Denis Fustel de Coulanges, autor do clássico *A cidade antiga* (1864).

3 A mudança no sistema econômico acarreta uma mudança na configuração da propriedade, o que implica transformação na ordem legal.

Os desdobramentos deste ciclo das idéias vão além das ações pontuais, e como se repetirá nos próximos ciclos, os organismos criados tendem a criar novos agentes independentes.

Segundo ciclo — O método

No século XIX, o mundo estava transformado. Os desdobramentos da Revolução Francesa se alastraram por todo um mundo e o panorama já permitia planos mais amplos, mais bem elaborados e com prazos menos imediatos, dado o gradual enfraquecimento das instituições que poderiam resistir às implantações. Se o primeiro ciclo fora o momento da organização das idéias, agora o objetivo é criar os métodos de ação e avançar na formação de estratégias que ordenariam a prática revolucionária.

Quando observamos o desenvolvimento dos ideais globalistas, percebemos que as iniciativas costumam seguir um método de implantação, que consiste em manejar tensões contrárias a fim de alcançar um objetivo. Nas palavras da dialética hegeliana: **tese + antítese = síntese.** Ou como disse o patriarca dos Rothschild: "a única maneira de controlar um conflito é controlar os dois lados do conflito".

Os dois principais fatos deste ciclo, que vão sustentar a tese da criação do método são:

- Manifesto comunista (1848);
- Sociedade Fabiana (1884).

O *Manifesto comunista*, publicado pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1848, não foi um trabalho espontâneo dos seus autores — Marx e Engels —, foi uma encomenda da Sociedade dos Justos (que mais tarde se tornou Liga dos Comunistas), uma entidade paramaçônica criada por um discípulo de Philippe Buonarroti, um importante carbonário italiano. Influenciado pelo messianismo político de Moses Hess, o documento dá corpo a um pensamento revolucionário de grande alcance, que já nasce com o caráter internacionalista, sob influência direta da carbonária e da Maçonaria, o que garante trânsito entre as mais altas esferas da política e da economia.

A *Fabian Society* foi criada em 4 de janeiro de 1884 por intelectuais e magnatas preocupados com o descontrole sobre o pensamento revolucionário marxista (Marx morreu em 1883, mas suas idéias estavam ficando muito influentes). Os fabianos eram socialistas, mas defendiam uma transição menos traumática, por isso batizaram a organização em homenagem ao cônsul Fábio Máximo, o Cunctator (traduzido do latim, "o que adia"), que venceu **Aníbal**[4] usando a paciência como arma de guerra.

Como estes dois eventos ocorrem com distância de vários anos, não sei se a idéia de um método já existia na cabeça dessas pessoas. Sabemos que o pensamento de Hegel sobre a dialética já circulava e a idéia das duas vias contida na Cabala também influenciava intelectuais daquela época, em especial os republicanos. E segundo um autor inglês, Bryan Magee, Hegel era cabalista.

4 Líder dos cartagineses na Segunda Guerra Púnica (218 a.C.).

Acontece que mesmo que a descoberta ou a percepção do método tenha acontecido depois, o fato é que ele tem sido usado constantemente na política partidária e na manipulação da opinião pública.

Neste período a Maçonaria já estava influenciando a vida política no mundo todo, criando lojas, vendas e ramificações temáticas, como a Ordem da Estrela do Oriente ou a Ordem DeMolay, ou regionais, como a carbonária, na Itália.

No Brasil essa influência se deu em vários níveis, até mesmo nas universidades, como a Burschenschaft Paulista, conhecida como Bucha, uma fraternidade universitária iniciática incrustrada na Faculdade do Largo São Francisco. Criada por um maçom alemão chamado Julius Frank, aos moldes da *Skull and Bones*, radicada na Universidade de Yale e de onde saíram vários presidentes americanos, a Bucha também forneceu diversas autoridades no século XIX e pelo menos até a primeira metade do século XX. Depois surgiram fraternidades do mesmo tipo na Escola Politécnica, na Faculdade de Medicina da USP e em várias outras escolas de direito.

Uma curiosidade que pode explicar a evolução dos ideais republicanos no Brasil: a Bucha foi a responsável pela Convenção de Itu, a primeira convenção republicana do Brasil, que aconteceu em abril de 1873 no interior de São Paulo. Este evento foi decisivo na elaboração da estratégia e na reunião e organização das pessoas que poucos anos depois derrubariam o imperador. E sempre é bom lembrar que muitos desses bucheiros eram os principais interlocutores do exército.

Terceiro ciclo — Os instrumentos

Já vimos o surgimento das idéias e do método de ação. Agora veremos que este terceiro ciclo se caracteriza pelo surgimento dos instrumentos, que podem ser representados por alguns fatos:

- FED (1913).
- Fundações: 1900 a 1940.
- Liga das Nações (Sociedade Nações — Paris) — 1919.
- *Think Tanks*: CFR e *Chatham House*.

No final do século XIX começam a surgir fortunas imensas nos EUA e a imagem destes magnatas do aço, do petróleo, das ferrovias e do sistema financeiro estava muito arranhada porque a sociedade americana via esses sujeitos como exageradamente ambiciosos, egoístas, insensíveis etc. Isso piorou quando uma jornalista americana, Ida Tarbell, lançou *A história da Standard Oil*, em 1904. Esse livro foi devastador para a imagem da Família Rockefeller, controladora da empresa, e respingou em todos os outros milionários, que já vinham sendo chamados por alcunhas pouco elogiosas como "Barão-Ladrão". Para tentar amenizar o desgaste da empresa e da família, começaram a patrocinar causas populares e acabaram criando a Fundação Rockefelller, em 1913, seguindo uma idéia de Andrew Carnegie, que já tinha criado a sua própria fundação em 1905. Mais tarde várias outras fa-

mílias e corporações fizeram o mesmo, e com o tempo perceberam que, além de melhorar a imagem das suas empresas, as fundações poderiam contribuir para influenciar a sociedade e os poderes políticos, seja por meio de patrocínios e incentivos a determinadas causas, seja pelo financiamento direto de candidatos.

O Federal Reserve não é federal e não é uma reserva propriamente, mas funciona como uma espécie de banco central americano, de caráter privado, mas com aparente autoridade estatal, controlado por alguns poucos banqueiros. Apesar de já existirem bancos centrais desde pelo menos o século XVII,[5] o FED vai inovar ao padronizar as transações e se transformar rapidamente no eixo financeiro mundial. Para construir um governo mundial é necessário um aparato complexo de controle de recursos. Com o FED eles conseguem esse passo decisivo e mais tarde essa idéia ganha ainda mais força e surge em 1930 o BIS, Banco de Compensações Internacionais, o banco dos bancos centrais. Desde a sua criação, em uma obscura reunião ocorrida na Ilha Jekyll, na costa do estado da Geórgia, nos Estados Unidos, o FED e seus congêneres trabalham pela eliminação de todo e qualquer lastro no dinheiro, transferindo para os grandes banqueiros o controle efetivo da economia mundial.

Da família Rockefeller também parte a iniciativa da criação do *Council on Foreign Relations*, o CFR, um *think tank* que surge como uma entidade independente, privada, e que espelhava a estrutura do *Chatham House*, um

5' O Sveriges Riksbank, da Suécia, foi criado em 1668.

organismo surgido dois anos antes na Inglaterra. O CFR ficou conhecido como antessala da presidência e a *Chatham House* é responsável por criar as regras de conduta aplicadas a todas estas organizações.

Regras de *Chatham House*: "Quando uma reunião (ou uma parte da reunião) é governada pela regra da *Chatham House*, os participantes são livres para usar a informação recebida, mas não podem divulgar a identidade e a afiliação dos oradores e dos participantes".

Logo após a Primeira Guerra Mundial, em 28 de abril de 1919[6] é criada a Liga das Nações, ou Sociedade das Nações, precursora da ONU, o primeiro órgão eminentemente global, com prerrogativas de ação dadas pelos governos dos países membros, e que consistia oficialmente em uma iniciativa destinada a manter a paz mundial, mas que com o tempo passou a trabalhar na mesma agenda das fundações e dos *think tanks* como CFR e *Chatham House*.

Estão dados neste terceiro ciclo os instrumentos que seriam usados para avançar uma agenda: órgãos internacionais, fundações, *think tanks*. Todos com o objetivo de criar uma república universal.

Encerrado este terceiro ciclo, que pode ser demarcado até mais ou menos a Segunda Guerra Mundial, e antes de avançar para o próximo, podemos observar algumas características comuns a todos os ciclos:

6 Woodrow Wilson, 28° Presidente dos EUA (1913–1921), teve papel fundamental na criação do Federal Reserve e da Liga das Nações, mesmo com o Congresso Americano vetando a entrada do país na instituição. O Wilson Center, em Washington, abriga o *Brazil Institute*, uma divisão dedicada aos estudos sobre o país.

- Desdobramento do anterior;
- Age e produz novos agentes;
- Torna-se independente do anterior;
- Ação dinâmica e flexível.

Quarto ciclo — Infiltração

Este ciclo, que tem início após a Segunda Guerra, funciona como uma continuidade do anterior, desdobrando e criando novos agentes com objetivos específicos. Alguns deles:

- ONU — 1945;
- FMI, Banco Mundial, BIRD — 1945;
- Tribunal Internacional de Justiça — 1945;
- Organização dos Estados Americanos — 1948;
- UNESCO, UNICEF — 1946;
- OTAN — 1949;
- Clube Bilderberg — 1954;
- Clube de Roma — 1968;
- Comissão Trilateral — 1973;
- Diálogo Interamericano — 1982;
- Foro de São Paulo — 1990.

Podemos notar que este ciclo amplia consideravelmente a área de atuação dos organismos globalistas. A ONU, que substitui a Liga das Nações, torna-se a principal força de pressão contra as soberanias nacionais. Seu alcance ultrapassa todos os organismos anteriores e funciona como

um guarda-chuva, abrigando centenas de outras organizações. Por meio dos seus inúmeros tentáculos abarca aspectos tão diferentes como política, economia, educação, justiça e forças armadas, e utiliza esses braços de forma coordenada para influenciar decisões governamentais, seja por determinações disfarçadas de recomendações científicas, seja chantageando as nações com ameaças implícitas ou benefícios aparentes. Os outros organismos sob a responsabilidade ou orientação da ONU obedecem aos mesmos princípios e se colocam freqüentemente acima das autoridades das nações.

O Clube Bilderberg, talvez o mais famoso desses organismos, foi criado em 1954 com o objetivo declarado de instituir um bloco europeu, com leis iguais e moeda única. Também trata de preparar e aprofundar as relações entre a América do Norte e a futura Europa unificada.

A Comissão Trilateral[7] é uma idéia da Família Rockefeller para discutir as relações entre Europa, América do Norte e Japão, inicialmente. Depois passou a receber outros membros asiáticos, como a China e a Coréia do Sul, e da Oceania, como Austrália e Nova Zelândia.

O Diálogo Interamericano, criado em 1982, também surge como iniciativa dos Rockefeller e tinha o objetivo de incentivar a criação de um bloco latino-americano. Por isso financiaram o Foro de São Paulo e, segundo Heitor de Paola,[8] participaram do que ficou conhecido

7 Um dos expoentes da Trilateral é o onipresente Henry Kissinger, autor, entre vários outros trabalhos, de *A ordem natural*, uma defesa explícita da governança global.

8 No livro *O eixo do mal latino-americano e a Nova Ordem Mundial*, de 2008.

como Pacto de Princeton, um suposto acordo feito entre petistas e tucanos ocorrido durante o governo Clinton.

Deixei o Clube de Roma por último, mesmo tendo sido criado um pouco antes, em 1968, porque ele é menos falado, mas sua influência é avassaladora. Foi o Clube de Roma que criou o Relatório Limites do Crescimento, que serviu de matéria prima para as agendas globalistas defendidas pela ONU e por seus tentáculos: Eco 92, Rio +10, Agenda 21, Agenda 2030 etc. Em suas dezenas de conferências, painéis e resoluções, nota-se um foco no ambientalismo, de onde creio que sairá o primeiro imposto mundial, o que implica, necessariamente, na criação de uma estrutura global para calcular, cobrar os valores devidos e punir os inadimplentes.

Por acontecer logo após a Segunda Guerra, este ciclo engloba observações das experiências totalitárias, que inclusive receberam financiamento destes mesmos banqueiros (Jacob Shiff, da Kuhn Loheb & Company arrecadou dinheiro para a Revolução Russa e entregou para Trostky; e Prescott Bush fez o mesmo para o nazismo).[9]

Ao observar o fracasso das tentativas totalitárias do século XX perceberam que para mudar a sociedade seria preciso mudar as pessoas e, portanto, a mudança precisava ser mais profunda e alcançar a cultura e os valores da população. Como são dinâmicos, modificaram sua atuação em alguns pontos, mas foi mantido o ritmo de

9 Existem muitas informações a respeito de grandes corporações americanas e européias colaborando com o nazismo durante a Segunda Guerra e ajudando a URSS em plena Guerra Fria. O mesmo aconteceu com a China: sem os metacapitalistas a China não teria metade da sua importância.

implantações políticas, agora dando mais destaque às iniciativas de ordem cultural. O pensamento de Antonio Gramsci já circulava desde a década de 1930, mas passa a ser melhor aproveitado após a Segunda Guerra. Estes novos organismos que fazem parte deste quarto ciclo passam a difundir não apenas as idéias de governança global, mas também a "teoria crítica" da Escola de Frankfurt, a idéia de hegemonia cultural e revolução passiva de Gramsci, além das táticas de organização e militância ensinadas por Saul Alinsky.

Também é preciso destacar outro ponto lateral. Após a Segunda Guerra começa a se tornar muito influente no Oriente Médio o pensamento de um egípcio chamado Sayyid Qutb, que passa a politizar ainda mais o islã, reforçando o ódio ao Ocidente. Seu pensamento foi decisivo na Revolução Iraniana e seus textos foram traduzidos pelo próprio Aiatolá Khomeini. Essa informação será decisiva para entender a posição do islã e o multiculturalismo forçado dos nossos dias.

Eu chamei esse ciclo de infiltração porque neste período a sociedade foi infiltrada nos seus mais variados aspectos: político, econômico, legal,[10] cultural, moral e religioso (v. Teologia da Libertação). Também identifico aqui o fortalecimento do pensamento materialista e cientificista, o culto às universidades e a idolatria do diploma.

10 O Tribunal Internacional de Justiça (1945) não deve ser confundido com a Corte Penal Internacional (2002), que tem competência para julgar indivíduos e não Estados. E o Pacto de San José da Costa Rica, 1969, tem ligação direta com os ideais de desarmamento, desencarceramento e garantismo penal.

Quinto ciclo — Transição

Dentro dos planos globalistas estaríamos em transição para o governo mundial na virada século XX e ao que tudo indica ele foi lançado "oficialmente" pelo Presidente George Bush, o pai, que proferiu um discurso histórico anunciando uma Nova Ordem Mundial. Isso aconteceu no dia 11 de setembro de 1990, exatamente onze anos antes dos atentados ao World Trade Center e ao Pentágono. Esse termo, transição, é usado atualmente pelos mentores deste projeto totalitário.

Apesar de considerar que o *Zeitgeist*, o espírito do tempo, já foi bastante influenciado, como vimos no ciclo anterior, planos humanos costumam enfrentar adversidades, porque a realidade não se dobra às nossas idéias. Mesmo com planos muito bem feitos e com instrumentos poderosos, surgiu uma resistência.

No meu entender essa resistência aos planos globalistas ganhou coesão com a internet. Antes eram apenas autores isolados que pesquisavam o assunto. Nos EUA, por exemplo, é visível que a resistência ao globalismo tomou corpo após o *Patrioct Act*, o pacote de restrições aos direitos individuais que George Bush, o filho, implantou após o 11/9. Muito incipiente e restrita à internet, essa resistência começou a crescer e hoje temos no poder alguns líderes políticos que falam contra a governança global, inclusive o mais poderoso de todos eles, Donald Trump, que fala abertamente contra "o canto sedutor do globalismo". Aqui mesmo no Brasil as coisas mudaram um pouco. Eu participei recentemente de um Congresso

sobre globalismo dentro do Ministério das Relações Exteriores, algo impensável até o ano passado. E temos hoje no governo pessoas como o Ministro Ernesto Araújo e o Assessor da Presidência Filipe Martins, duas pessoas que entendem profundamente do assunto.

Essa resistência não surgiu devido a aspectos políticos e econômicos. Ela foi reforçada pela economia e pelos escândalos, mas na essência dessa revolta contra o sistema estão as questões morais, culturais e religiosas. As pessoas não agüentavam mais assistir à destruição dos seus valores e talvez nem soubessem formular o que era esse sentimento, mas quando surge na política a opção de se opor a esse "sistema", a esse poder obscuro, a população a abraça, sem a necessidade de se politizar ou entender profundamente quem é o seu inimigo. Nunca podemos esquecer que, por não ser este o seu principal interesse, a política é um assunto difuso na cabeça da maioria das pessoas.

Acredito que essa resistência ao globalismo ocorre menos por opção política partidária racional e mais por reação espontânea diante dos absurdos impostos pelas pautas identitárias e pela opressão do politicamente correto. A pessoa racionaliza o seu pensamento de acordo com parâmetros políticos, mas a reação se originou da indignação frente aos ataques aos seus valores mais profundos. Escândalos políticos e crises econômicas apenas engrossam a resistência.

Os globalistas também pensam assim. Por isso muitas discussões atuais ocorridas nestes organismos abordam temas ligados aos excessos do politicamente correto.

Até onde eu entendi, a idéia é não combater, mas deixar de incentivar com tanto afinco, pois já cumpriram a sua função.

Nosso atual panorama é de transição. De controle de danos, ajustes e recuos. A resistência às pautas de ordem cultural e moral talvez consigam algum recuo na agenda globalista, mas é preciso surgir uma resistência ao sistema financeiro internacional, ao poder dos grandes cartéis e ao coletivismo de qualquer espécie. As questões de ordem econômica, política e legal continuam sendo implantadas a todo vapor. E organizações muito influentes continuam surgindo nesse período, como a Open Society,[11] de 1993, e a Fundação Bill e Melinda Gates, uma das mais ricas do mundo, criada em 2000.

Se acrescentarmos a este contexto a crescente concentração dos mercados nas mãos das grandes corporações e a hegemonia das empresas digitais, que controlam praticamente todas as condutas e as novas formas de comunicação e transações comerciais, o quadro fica ainda mais claro.

Esse ciclo de transição terá fim com o primeiro imposto mundial, que deve estar relacionado ao ambientalismo e será a porta de entrada para a implantação definitiva de uma estrutura governamental, que seguirá as seguintes etapas:

- Imposto para países ricos;
- Imposto para todos os países;
- Imposto sobre grandes empresas;

11 ONG criada e dirigida por George Soros. Entre suas inúmeras iniciativas e patrocínios se destaca o Project Syndicate, uma organização de mídia que fornece matéria prima para milhares de jornalistas distribuídos em cerca de quinhentos órgãos de imprensa espalhados em 155 países.

- Imposto sobre todas as empresas;
- Imposto sobre todos os indivíduos.

Essa implantação não será imediata e deve provocar alguns conflitos. E a depender da resistência, pode gerar uma grave crise econômica e até mesmo uma guerra mundial, seguidas de uma "normalização", para usar o termo de Yuri Bezmenov, o agente soviético que explicou como funcionava o processo de subversão de uma sociedade: desmoralização, desestabilização, crise e normalização.

Isso pode parecer exagero e alarmismo, mas só estou repetindo o que escreveram ou disseram pessoas como Albert Pike, uma das autoridades históricas da Maçonaria, autor dos volumes Moral e dogma que são utilizados em lojas do mundo todo, H. G. Wells, autor de A conspiração aberta, dos também socialistas fabianos George Bernard Shaw, Bertrand Russell e David Rockefeller. Este, que foi um dos homens mais empenhados na criação do governo mundial, disse claramente: "Estamos diante da oportunidade para uma transformação global. Tudo o que precisamos é a grande crise certa para as nações não apenas aceitarem a Nova Ordem Mundial, mas implorarem por ela".

CAPÍTULO II

A era da manipulação

Fabio Blanco

O tempo no qual vivemos possui muitos matizes. É uma época até difícil de ser definida, tamanha a complexidade e possibilidades que se nos apresentam. Porém, há algo que a caracteriza decididamente. Algo que está disseminado e sendo aplicado indiscriminadamente. Vivemos a era da manipulação.

Não me refiro apenas a uma manipulação impetrada pelos grandes poderes deste século, mas à normalização da mentalidade manipulatória espalhada pela sociedade. Hoje, tentar influenciar o outro pelo uso de técnicas de controle mental tornou-se prosaico, quase uma obrigação, principalmente àqueles que pretendem oferecer algo a ser consumido: um produto, um serviço, uma ideologia, uma idéia.

Alguns segundos em qualquer rede social da internet fazem-nos deparar com alguém, ainda que seja um garoto de vinte anos tentando vender um cursinho de inglês, lançando mão de conhecimentos de técnicas persuasivas para conduzir-nos a adquirir sua oferta. São gatilhos mentais, sugestões sutis, mensagens subliminares, espelhamentos — tudo usado como estratégia para acessar nosso subconsciente e fazer-nos agir de acordo com os seus interesses. Ninguém pede licença; ninguém nos pergunta sobre nossos motivos. Simplesmente, tentam invadir nossa mente e remexê-la, como se fosse patrimônio comum.

A menos que desligássemos todos os aparelhos de comunicação que nos cercam — televisor, celular, computador, rádio — e fechássemos nossos olhos e ouvidos para toda informação e mensagem que chegam até nós sem a nossa anuência, não temos como escapar dessa tentativa ininterrupta de invasão de nossas mentes. Apenas uma pessoa que vivesse de maneira completamente isolada estaria a salvo dessa onda de sons e imagens que tentam entrar em nossa cabeça e bagunçar nossas idéias.

A manipulação — ou, pelo menos, sua tentativa — tem sido a marca de nossa época. Tanto que técnicas de influência tornaram-se matéria obrigatória de ensino em cursos espalhados por todo o mundo e nas universidades inclusive. Livros têm sido escritos aos montes, ensinando a direcionar a mente alheia para submeter-se aos interesses do manipulador. E tudo isso sem o mínimo de constrangimento, nem auto-crítica, o que demonstra a normalização dessa atitude — o que significa sua absorção plena pela sociedade.

A aceitação da manipulação pela sociedade

Há um desencanto em relação à razão. Séculos de promessas iluministas, crenças positivistas, esperanças cientificistas e confiança lógico-formalista, que culminaram, no fim das contas, em duas grandes guerras mundiais, abalaram a fé racionalista. Se tanto cálculo levou à tanta desgraça, parecia melhor buscar sentido em algo menos cartesiano.

A sociedade, findados os conflitos, começou a abrir-se aos mistérios do inconsciente. Os estudos nesse campo, existentes, pelo menos, desde a segunda metade do século XIX, começaram a tornar-se conhecidos do grande público. Freud e Jung popularizaram-se. As seitas espiritualistas espalharam-se. O mundo ocidental começou, então, a olhar para o Oriente. A abertura, principalmente dos Estados Unidos, para a imigração asiática trouxe uma enxurrada de gurus indianos para a América e, junto a isso, toda uma cultura — devidamente adaptada ao estilo de vida americano — de meditação, exercícios espirituais, dietas e práticas de valorização do inconsciente, que foram moldando a forma das pessoas comuns verem a vida.

Os anos 60 fizeram a virada definitiva na consciência coletiva. Toda a cultura parece ter se tornado um campo de experiências. A psicologia aproximou-se do esoterismo, a filosofia da agitação juvenil, a arte da irracionalidade e até a religião começou a contestar seus conteúdos mais racionais. Foi a época dos grandes movimentos coletivos e, muitos dizem, de grandes experiências de controle mental em massa. Foi o tempo da disseminação das

drogas, dos alucinógenos, dos ácidos lisérgicos. O tempo em que se começou a falar de abertura de consciência, expansão da percepção e de experiências extracorporais. O tempo do *sex-lib* e da libertação do animal interior. Foi, enfim, o tempo da valorização do instinto e do inconsciente.

A idéia que foi vendida para as pessoas é que a verdadeira liberdade encontra-se fora das limitações da lógica, além das fronteiras da linguagem, na extrapolação dos raciocínios. Privilegiou-se a intuição e o pressentimento. Abriu-se assim a mentalidade popular para aceitar como normal o acesso ao inconsciente, mesmo que fosse o inconsciente alheio.

Em um mundo mentalmente saudável haveria um limite — ético ou moral — que restringiria a forma como as pessoas tentam influenciar as outras. E esse limite é muito claro: a liberdade de decisão alheia. É muito óbvio que ninguém deveria ser obrigado a fazer o que não quer, nem a tomar decisões que não tomaria em condições normais. Se não há livre-arbítrio, ou seja, a capacidade de tomar decisões racionais, a capacidade de deliberar sobre o que quer e o que não quer, não há liberdade. A partir do momento que nossa mente passa a ser acessível, sem a nossa anuência consciente, aos interesses alheios, passamos a ser escravos, ainda que temporariamente, dessas pessoas. Isto não deveria ser normal e as tentativas de fazer isso deveriam ser consideradas condenáveis.

No entanto, a manipulação tornou-se uma forma de atuação aceitável nesta nossa sociedade pós-moderna. Usar de técnicas que tentem acessar o inconsciente alheio,

fazendo o sujeito agir independentemente de sua deliberação consigo mesmo, passou a ser visto como algo perfeitamente legítimo. Obviamente, essa permissão social deu-se por causa de uma progressiva adaptação da mentalidade coletiva em relação aos aspectos mais obscuros do cérebro humano. Em sua revolta contra o racionalismo dominante dos séculos anteriores, o homem da pós-modernidade escolheu o subconsciente como seu guia e como a parte superior de sua inteligência. Assim, tudo o que tivesse relação com ele passou a ser visto como normal.

A mudança na natureza da comunicação

Com a valorização do inconsciente, mesmo os mestres passaram a considerar os elementos não-verbais como se fossem o mais importante na comunicação — tudo porque, por esses elementos, falava-se diretamente com o inconsciente das pessoas. Eu mesmo aprendi na faculdade de jornalismo, e depois vi a mesma idéia ser repetida em vários outros lugares, que, na comunicação, o conteúdo corresponde a apenas 7% do impacto causado, enquanto a expressão corporal corresponderia a 55% e o tom de voz a 38%[1] — uma idéia que ainda persiste, apesar de estar completamente equivocada.

1 Na verdade, o psicólogo Albert Mehrabian chegou a esse resultado em suas experiências. O que os divulgadores desses números não costumam observar é que essas porcentagens no impacto da comunicação ocorre em uma situação muito específica: quando se está tentando "ler" a emoção de quem fala. Nestes casos, de fato o conteúdo é praticamente irrelevante. No entanto, quando se trata da comunicação ordinária, que envolve a transmissão de conhecimentos, de mensagens inteligentes e de informações, obviamente, que o conteúdo continua sendo o elemento principal.

O fato é que as vias ordinárias da comunicação perderam força diante das novas descobertas sobre o inconsciente. Quando se constatou que era possível levar as pessoas no sentido de pensarem e fazerem aquilo que lhes fosse apresentado — o que nada mais é do que o objetivo da comunicação — sem precisar passar pelas agruras e dificuldades relativas à lógica e à argumentação, não havia mais motivos para esforçar-se tanto por tentar convencer as pessoas. Era mais fácil invadir seus cérebros de uma vez.

Não que a comunicação tenha sido desprezada, mas sua natureza foi alterada. Se antes as palavras eram usadas para realizar a *comunicatio* — ou seja, o compartilhamento de um conteúdo, uma idéia, um pensamento —; com as mudanças dos últimos tempos, as palavras passaram a ser um mero instrumento para conduzir as pessoas a agirem da maneira determinada pelo manipulador.

Além da retórica

Tentar influenciar os outros não é o problema. Desde sempre as pessoas, que vivem em comunidade e se comunicam, precisam tomar decisões e convencer umas as outras a aceitarem suas propostas. Para isso, desenvolveram técnicas argumentativas, de modo a conseguir que suas idéias fossem acatadas. A comunicação tornou-se uma arte e os meios para a obtenção da anuência também. Existe uma verdadeira ciência do discurso que estuda as formas e os caminhos para alcançar a adesão do ouvinte.

Lógica, dialética, retórica — são formas de discurso que pretendem fazer com que o ouvinte aceite o que está sendo dito. No entanto, elas têm algo em comum: usam do argumento para isso. Seja apelando aos fatos frios, ao bom senso, à experiência ou mesmo à simples coerência das idéias, o que essas formas de expressão buscam é a adesão do ouvinte por meio de uma decisão consciente e livre de sua parte.

A retórica, de todas as formas de discurso, é aquela que, se poderia dizer, mais se aproxima de uma tentativa de manipular o ouvinte, ao buscar o convencimento fazendo uso de elementos que extrapolam os argumentos puros e simples. Estudada desde a Grécia Antiga, nela identificaram-se artifícios extraverbais, usados pelo orador, a fim de conquistar a adesão de seu público. Aristóteles, por exemplo, enfatizou a importância da autoridade do orador e das emoções que ele é capaz de despertar na platéia, como elementos constitutivos da arte retórica na busca da persuasão.

E é exatamente por essa sua característica especial que a retórica, nos períodos mais racionalistas e positivistas da história, perdeu muito de sua credibilidade. Para aqueles que apostaram na lógica formal e racionalidade das idéias como únicas fontes legítimas de conhecimento, a retórica parecia ser apenas um artimanha para ludibriar as pessoas. Ser um retórico tornou-se quase sinônimo de ser um enganador, alguém que tenta enrolar os outros com técnicas de comunicação sorrateiras e sub-reptícias.

Ainda assim, a retórica jamais pretendeu manipular ninguém. Não, pelo menos, no significado estrito desta

expressão. Isso porque manipular, no sentido que estou dando aqui, quer dizer como que mexer com as próprias mãos, ou seja, manobrar a mente alheia como se estivesse acessando-a diretamente. A retórica, por mais que tenha desenvolvido técnicas para despertar emoções, gerar confiança, até provocar reações impulsivas, nunca aspirou tratar simplesmente seu ouvinte como um autômato. A arte retórica pode até provocar, instigar, induzir, mas ela nunca pôde — até porque não possuía instrumentos para tanto — manipular.

Podemos dizer que a retórica chegou no limiar da manipulação, mas nunca conseguiu atravessar a linha divisória. Posto que, por maiores que fossem suas estratégias, ela ainda continuava apelando à razão; sua via nunca deixou de ser a inteligência.

A desvalorização humana

Sempre foi meio óbvio que, em um discurso, ou mesmo em uma discussão, o que se estava buscando era, antes de tudo, o convencimento do interlocutor. A persuasão aparecia como um efeito, o resultado de um convencimento forte. Apelar diretamente à persuasão, sem passar pelo convencimento, era algo impensável.

O consenso sempre foi de que o ser humano é superior aos animais e assim deveria ser tratado. Ainda que houvesse a consciência de que nele há algo de animalidade, reconhecia-se o fator distintivo: sua capacidade racional, de deliberação, de reflexão e de consciência. Apelar aos seus instintos ou à sua inconsciência não era impensável,

mas indigno. Seria tratá-lo como as bestas. Os homens deveriam se dirigir aos outros como a homens e buscar a adesão deles como homens que são.

Como escreveu Pascal:

> Ninguém ignora que há duas entradas por onde as opiniões são recebidas na alma, que são as suas duas principais potências: o entendimento e a vontade. A mais natural é a do entendimento, pois sempre se deveria aceder apenas às verdades demonstradas; porém a mais comum, embora contra a natureza, é a da vontade;... esta via é baixa, indigna e estranha: por isso todos a desaprovam.[2] (Grifos meus)

Alguns fatores, porém, mudaram essa concepção. O utilitarismo, o pragmatismo, a própria idéia de que o que importa são os resultados, independentemente dos meios utilizados para alcançá-los, favoreceram muito a mudança de atitude em relação à manipulação. Nesse contexto, se o que interessa é conseguir obter uma ação determinada de alguém, não importa muito as vias utilizadas.

Obviamente que a pretensão de manipular as pessoas poderia até ser possível, mas não seria aceitável se não houvesse uma concepção que fornecesse a desculpa moral para isso. E esta veio das conclusões extraídas das experiências fisiológicas. Cada vez mais aceitou-se que os seres humanos reagem de maneira muito semelhante aos animais. Inclusive, conforme as experiências pavlovianas, esses reflexos podiam ser condicionados. Assim, estava

2 Pascal, *Pensamentos*, trecho extraído da citação feita por Chaim Perelman, em *Retóricas*.

posta a base ética que permitiria o avanço nas experiências manipulatórias: a idéia de que não somos mais do que meros animaizinhos um pouco mais evoluídos.

Darwin e Pavlov, mesmo sem querer, ofereceram o pano de fundo perfeito para a enxurrada de experimentos que se seguiriam, buscando explicar como o ser humano reage e, obviamente, como fazer para que ele reaja de tal e qual maneira. Se os homens são apenas mais um tipo de animal na cadeia evolutiva, e se eles são adestráveis, o que impede de adestrá-los?

Uma arma disponível

Na corrida por descobrir os meios de influenciar a mente humana, o consciente começou a ser colocado de lado. Ele dava muito trabalho. Ter de convencê-lo, por meio da argumentação, da lógica e da coerência era um esforço que poderia ser dispensado. Se se descobrisse como acessar diretamente o subconsciente, de maneira a dirigir as ações humanas, obter-se-ia o mesmo resultado que a argumentação busca; sem, porém, ter de passar pelo tortuoso caminho do convencimento racional. Lembremos que as bases éticas e teóricas já estavam dadas. Faltava apenas a técnica.

E, para isso, nem foi preciso inventar uma ferramenta nova. Ela já estava lá, disponível, acessível e até sendo usada largamente. Faltava apenas descobrir como manejá-la da maneira certa; da maneira como ela se transformaria em uma verdadeira arma.

Uma arma que sempre esteve disponível e que, de alguma maneira, sempre foi usada, mas sobre a qual o homem ainda não havia obtido um completo conhecimento, principalmente relativo ao seu poder. Uma arma que lhe permite dominar o mundo e subjugar as pessoas e que apenas agora ele aprendeu a usar de maneira eficiente — malignamente eficiente. Uma arma que não exige nada de seu manejador, senão o mero uso dos signos. Esta arma é a linguagem.

Apesar dos conhecimentos sobre o poder manipulatório da palavra estarem intimamente ligados a alguns outros conhecimentos que envolvem outros sentidos, todos estes se submetem a ela para alcançarem plenos efeitos. Dificilmente, é possível manipular alguém apenas com gestos, apenas com imagens. Esses meios podem sugerir e até reforçar algo que tenha sido dito, mas só alcançam plena eficácia atuando em conjunto e sob o fundamento da linguagem. Por isso, a linguagem é a grande arma e é ela que tem sido usada indiscriminadamente como meio de poder.

Então, ela disseminou-se. Até há algum tempo a linguagem fora a arma dos grupos poderosos, das grandes corporações, das elites, que a usaram, com sucesso, para impor seus objetivos comerciais, militares e ideológicos. Mas, agora, aquilo que era um instrumento de gente poderosa tornou-se um recurso disponível mesmo ao mais simples vendedor. Não há um produto, um serviço ou um curso que não seja oferecido por meio de técnicas de influência. Estamos cercados. Já não temos mais certeza nem se nosso vizinho não está tentando nos manipular.

Qualquer pessoa, hoje em dia, tem acesso a conhecimentos sobre a manipulação por meio da linguagem. Desde que os estudos relativos à influência sobre a mente se iniciaram, muito se evoluiu. O que se sabe hoje nesse campo seria impensável para qualquer psicólogo do século XIX. Vivemos, de fato, a era da manipulação.

Isso não significa que, em épocas anteriores, a linguagem não tenha sido utilizada como dispositivo de força. Desde os tempos antigos, fórmulas verbais foram manipuladas como mecanismo mágico. Sacerdotes, magos e até reis usaram a expressão de determinadas frases como desencadeadora de movimentos invisíveis, acreditando, assim, poderem afetar a vida das pessoas. Não havia nenhuma ciência envolvida nisso. Apenas a crença, apoiada na tradição, esotérica ou exotérica, de que determinadas sentenças verbalizadas serviam como gatilhos mágicos que colocavam em movimento energias invisíveis.

Em períodos menos remotos, a utilização da força mágica das palavras diminuiu — ainda que não tenha se extinguido, mas assumido formas mais sutis — dando lugar para uma aplicação mais racional da linguagem. Esta continuou sendo fonte de poder, porém menos por qualquer força de encantamento, mas por ser a via óbvia por onde se expressa a autoridade e a inteligência. Todos os mandamentos, ordens e leis usam da palavra para impor suas determinações. De forma semelhante, o convencimento e a persuasão são obtidos pelo bom manejo dela. Todos os governos, de todos os tempos, usaram-na na imposição de seu poder; todos os sábios e

intelectuais dependeram dela no exercício de seu trabalho.

No entanto, mesmo aos mais poderosos faltava um conhecimento sistemático de como a linguagem poderia influenciar a mente humana. Estudava-se a maneira como as palavras poderiam influenciar as pessoas, não como elas permitiriam acesso à mente delas. Isso sequer era cogitado.

Mas houve um momento em que os estudos lingüísticos tradicionais, que partem do princípio de que a linguagem é uma ponte entre duas inteligências conscientes — aquela que emite a mensagem e aquela que a processa —, começaram a ser substituídos pelas novas formas de "comunicação", que faziam uso da linguagem como mera ferramenta, como um recurso para manobrar o inconsciente alheio. O conteúdo passou a ser pretexto, a interação dispensável. Começou a existir apenas um lado ativo e dando voz de comando. O outro, o manipulado. "O meio é a mensagem" — a idéia de Marshall McLuhan resumiu tudo.[3]

As origens da manipulação — A hipnose

Se fôssemos determinar um marco onde a possibilidade de manipulação por meio da linguagem começou a parecer possível, poderíamos estabelecer o final do século XVIII, nas experiências de Franz Mesmer. Mesmer acreditava no poder de forças magnéticas atuando através dos corpos,

3 Mesmo para McLuhan a importância do meio se dá em conjunto com a mensagem. Ainda que se considerasse que a forma e os instrumentos de comunicação fossem decisivos, desprezar o conteúdo nunca esteve em seu pensamento.

usava de métodos curiosos para impor suas práticas curativas sobre eles. Por meio das palavras e do toque, punha seus pacientes em estado de sonambulismo, provocando neles reações inconscientes, como riso, choro, gritos e, principalmente, crises convulsivas — o que praticamente tornou-se a marca reconhecida do mesmerismo.

Com a popularização dos fenômenos mesmerianos, estudos foram desenvolvidos a fim de tentar entender o que realmente acontecia. A convicção de Mesmer era de que as reações deviam-se à influência de forças magnéticas. Porém, logo constatou-se que, na verdade, tudo não passava de sugestão. Não que as pessoas não ficassem de alguma maneira curadas. Porém isso acontecia não tanto pela ação de algum fator externo quanto pelo que elas acreditavam que acontecia, provocadas que eram pelas palavras e toques de Mesmer.

Obviamente, essas práticas não tiveram imediata aceitação nos meios científicos e foram quase tidas por charlatanice, levando esse tipo de terapia da sugestão ao quase esquecimento entre os estudiosos — apesar de manter-se como prática popular de curandeirismo e de espetáculo.

Foi no século XIX, porém, que um psicólogo, James Braid, após assistir uma apresentação de palco, na qual o chamado magnetismo era praticado, tentou explicar fisicamente o que ocorria com o sonambulizado, lançando o motivo do comportamento do paciente em algum tipo de tensão neural que ocorria nos nervos óticos, provocando neles algo parecido com o sono. Dessa explicação surge o termo neurohipnose, que, com o tempo, foi abreviado para hipnose.

A partir daí, vários estudiosos debruçaram-se sobre o assunto, chegando, principalmente com Hippolyte Bernheim, à conclusão de que o que levava os pacientes ao estado de sonambulismo não era nenhuma força física, mas a mera sugestão. E foi esta concepção que fundamentou o desenvolvimento das técnicas hipnóticas dos períodos posteriores.

Estava estabelecido então o fundamento das possibilidades manipulatórias futuras por meio da linguagem: a sugestão hipnótica. A partir do momento em que se percebeu que era possível alterar os estados psíquicos, criar alucinações e manejar os conteúdos do pensamento alheio pelo simples uso de algumas palavras, nada impediria que novos estudos e experiências fossem feitos com o objetivo de descobrir os limites desse poder e as novas possibilidades que ele abriria.

A hipnose tornou-se prática comum e reconhecida. Grandes nomes da psicanálise, como Freud, Jung e Erickson a usaram largamente e, hoje em dia, ela é aplicada em consultórios do mundo inteiro. Mais ainda: suas técnicas evoluíram a tal ponto que qualquer pessoa pode aprender a aplicá-la apenas acompanhando algumas aulas em vídeos na internet. A mente humana, antes inacessível, abriu-se para o manejo direto de um manipulador externo. E este manipulador pode ser qualquer um.

Modelagem da mente

Um outro fator que pode ser acrescentado a esse caldeirão de novas idéias e convicções acerca da relação

linguagem-mente é a hipótese fornecida por Edward Sapir e Benjamin Whorf, cuja tese muda toda a concepção que havia sobre o tema. Enquanto o conceito vigente tinha como certo que o pensamento formatava a linguagem, esse novo entendimento invertia o processo e afirmava que era a linguagem que moldava o pensamento. Se antes buscava-se mais compreender como as formas de pensar influenciavam na expressão, agora o que se colocava em perspectiva era como seria possível alterar a maneira como as pessoas pensam usando a linguagem.[4]

Teses como essa deram impulso para muitos teóricos da linguagem começarem a imaginar como seria aplicar essa teoria sobre a sociedade. Se a linguagem molda o pensamento de indivíduos, nada impede que ela molde o pensamento de grupos de indivíduos. E se é possível moldar o pensamento de grupos de indivíduos, então é possível dirigir a sociedade para onde se queira dirigir.

Esta é a realização do ideal totalitário e é na esteira dessas teorias e possibilidades que surgiram lingüistas ideólogos como Antonio Gramsci que, a despeito de não ter dado contribuições teóricas significativas aos estudos da área, fora um grande influenciador das estratégias revolucionárias e um verdadeiro fomentador da idéia de que o governo, especialmente o comunista, deveria buscar, por meio da linguagem, a hegemonia cultural na sociedade onde ele está inserido.

4 É bom deixar claro que a hipótese Sapir-Whorf já foi devidamente contestada posteriormente, apesar de ainda manter alguma influência. O importante, porém, no caso traçado aqui, é que, certa ou não, ela influenciou a mentalidade lingüista posterior e os estudos relativos.

Mas faltava ainda um elemento que permitisse que esses sonhos malignos pudessem ser colocados em prática. E ele foi dado pelas novas possibilidades de comunicação em massa. Se conseguir manipular a mente de um indivíduo já era um poder jamais pensado em tempos anteriores, a possibilidade de fazer o mesmo com uma multidão era avassaladora. E o que impediria isso se agora a tecnologia, primeiro por meio do rádio, e depois pelo cinema e pela TV, possibilitava esse tipo de comunicação?

Isso levou, entre as décadas de 1920 e 1930, ao tempo da propaganda, sistematizada pelo psicólogo Edward Bernays e pelo jornalista Walter Lippman. As técnicas de comunicação em massa foram amplamente usadas pelos governos americano, soviético e alemão no período que envolve as guerras mundiais e, em relação aos dois primeiros, na guerra fria.

A propaganda, que tinha como objetivo formatar a mentalidade da população em favor dos interesses ideológicos dos governos, seguia o princípio exposto por Bernays de que as decisões que as pessoas tomam são irracionais e facilmente manipuláveis.[5] Portanto, na propaganda, estavam unidas a comunicação em massa e a convicção de que as pessoas podem ser manipuladas por meio dela. E foi exatamente isso que sustentou muitas das ações de Woodrow Wilson, de Stálin e de Goebbels, o propagandista de Hitler.

E foi essa tensão entre os países que fomentou ainda mais pesquisas no campo da linguagem e da manipulação.

5 Veja aqui como os princípios mesmerianos e pavlovianos já estão solidificados e presentes.

Não apenas pelo uso da propaganda, mas também por causa da espionagem, investiu-se muito em estudos sobre o poder da linguagem e sobre as formas como a mente humana reage a ela. A guerra psicológica, muito aplicada contra os soldados adversários capturados e inimigos políticos, também favoreceu essas experiências. Por conta disso, muito descobriu-se nesse campo.

Um dos exemplos mais notórios desse tipo de trabalho encontra-se no Instituto Tavistock, em Londres. Ainda que ele se apresente hoje apenas como um centro de pesquisas no campo da psiquiatria, sabe-se o quanto suas pesquisas, desde o tempo quando ainda era conhecido como Clínica Tavistock, colaboraram para o desenvolvimento de técnicas de lavagem cerebral e manipulação. Grandes fortunas, como Rockfeller e diversos outros conglomerados econômicos, patrocinaram os trabalhos do instituto e suspeita-se que ele esteja por trás de experiências envolvendo programas de controle mental, como MK-Ultra e outros.

Portanto, o uso da linguagem como forma de manipulação passou a envolver tudo: a política, as guerras, as ideologias, o comércio e a cultura. Ninguém mais parecia estar a salvo da influência dos poderosos sobre as mentes das pessoas. Para onde quer que elas olhassem, o que quer que elas ouvissem, seja o que for que lessem, a impressão é que, por toda parte, havia alguém tentando influenciá-las.

A programação neurolingüística

No entanto, em princípio, essas técnicas manipulatórias eram um instrumento disponível às elites. Apenas elas detinham os conhecimentos e os meios para aplicá-las. Foi nos anos 70 que isso começou a mudar, quando dois amigos, Richard Bandler e John Grinder, criam uma técnica que iria permitir que qualquer pessoa, de maneira fácil e descomplicada, pudesse influenciar as outras, lançando mão do uso simples da linguagem e dos gestos. A PNL, Programação Neurolingüística, é exatamente isso. Seu fundamento teórico está na convicção da possibilidade de modelar — para usar a expressão de seus próprios idealizadores — a mente alheia.

A Programação Neurolinguística nada mais é do que a descoberta de padrões de linguagem que possibilitam influenciar o outro quase infalivelmente. A fonte principal do desenvolvimento dessa técnica vem da prática terapêutica de Milton Erickson que, por meio do uso de narrativas e formas de linguagem, induzia seus pacientes a um estado hipnótico, conseguindo, assim, comunicar-se diretamente com o inconsciente deles.

A própria PNL surge como uma medida terapêutica. No entanto, não demorou para que seus próprios criadores aceitassem as propostas comerciais que lhes eram oferecidas, para que levassem seus conhecimentos para o mundo empresarial.

Os anos setenta são, portanto, a solidificação do modelo de manipulação que iria se disseminar pela sociedade e tornar-se, em nossos dias, prática trivial. Uma

manipulação feita por alguém que vê no outro apenas um animalzinho condicionável, ao qual é possível dar comandos que, inexoravelmente, irão despertar as reações planejadas.

Estamos cercados

E, independentemente dos fundamentos teóricos dessas técnicas não serem muito claros, o fato é que, em geral, elas funcionam. Se não funcionassem, nem precisaríamos perder tempo falando sobre elas. Realmente, as pessoas são hipnotizadas, alucinam, fazem e dizem aquilo que não costumariam fazer e dizer se estivessem em pleno controle de suas ações. Realmente, o uso de certas palavras, ditas de certas formas, provocam reações inconscientes nelas. Realmente, há formas de fazer com que as pessoas ajam até contra seus interesses mais profundos, ao provocar nelas algum tipo de sugestão.

Por isso, não é exagero nenhum dizer que estamos cercados. Se qualquer vendedor de quinquilharias tem a possibilidade de aprender técnicas de manipulação, não há mais sossego para nenhum de nós. Quem pode garantir que o mercador da lojinha não está tentando nos enrolar? Quem pode afirmar que o pastor da igreja não está mexendo com a nossa mente? Quem pode dizer que uma navegação inocente pelas redes sociais não está nos expondo a todo tipo de sugestões subliminares? Quem pode dizer que o filme, o jornal, a série ou qualquer outro programa assistido não contenha mensagens escondidas, emitidas para nos influenciar? Quem pode asseverar que

determinado político não esteja usando dessas técnicas manipulatórias para garantir a adesão que persegue?

Expus tudo isso para que você, leitor, entenda o estado de coisas no qual nos encontramos. Mas não se engane! Tudo isso que estamos presenciando atualmente, com essa disseminação do conhecimento sobre as técnicas de manipulação, sua tentativa de aplicação indiscriminada e sua aceitação plena, não representa a ponta final desses conhecimentos. O que as pessoas estão usando são aquelas técnicas que foram descobertas e criadas há cinqüenta anos. Todas essas armas de persuasão, que nada mais são do que instrumentos de manipulação, que realmente funcionam e que têm feito a cabeça dos marqueteiros e de todos aqueles que pretendem levar as pessoas a consumirem seus produtos, são armas defasadas; são técnicas ultrapassadas se considerarmos o nível a que as experiências, neste meio século, já devem ter chegado.

Imagine que, dos anos setenta até aqui, as pesquisas no campo da linguagem, da comunicação, da psicologia comportamental e da influência só devem ter aumentado. E não apenas crescido numericamente, mas, com o aporte financeiro e apoio das novas tecnologias, ganhado em precisão e sutileza. Nós não temos acesso a elas, as quais devem estar sendo realizadas largamente. No entanto, podemos imaginar que o que já deve ter sido alcançado em termos de capacidade de influência e manipulação, considerando que o que entendemos como sendo o conhecimento mais avançado nesse sentido é algo que foi criado há tantos anos e com resultados tão impressionantes, deve ser algo muito eficiente e preciso.

E quem pode garantir que essas formas avançadas de manipulação não estejam sendo usadas neste exato momento sobre todos nós? Quem pode dizer o quanto essas técnicas avançaram e qual o nível de infiltração que elas possuem nos dias de hoje? Como a história nos mostra, quando algo poderoso é descoberto, são as grandes forças globais as primeiras a apossarem-se disto e aplicá-lo segundo seus interesses. Como as técnicas de propaganda, que foram usadas pelos governos nos anos 30 e só tempos depois começaram a ser disseminadas para o grande público, não seria nada surpreendente se descobríssemos que grandes poderes globais estão, neste exato instante, aplicando técnicas de manipulação mental amplamente. E se eles estiverem fazendo isso, certamente não teríamos como saber, pois é da essência da manipulação trabalhar de forma camuflada.

Lembremos que o ideal de formatação da cultura, na tentativa de modelar a mentalidade da sociedade em um pensamento uniforme, não é fruto da imaginação de autores de romances distópicos. Grandes influenciadores políticos propuseram exatamente isso. Um deles, Antonio Gramsci, propôs isso clara e abertamente. E a quase totalidade da esquerda — dos mais liberais ao mais extremistas — o tem como um guia e inspiração.

Os grandes poderes mundiais, durante praticamente todo século XX, esforçaram-se por moldar a mentalidade da população. Das estratégias de manipulação menos violentas, como o diversionismo, a graduação, a desinformação e a infantilização; até às mais agressivas, como a mensagem subliminar, a sugestão hipnótica e a lavagem

cerebral, eles nunca tiveram pudores em aplicar os instrumentos que estivessem disponíveis para conduzir as pessoas a pensarem e agirem como lhes fosse direcionado.

Por isso, não é exagero pensar que, se há formas de manipulação que permitem aos poderes mundanos alcançar seus objetivos de domínio, elas serão aplicadas. É uma regra infalível que, se grupos poderosos têm acesso a uma arma, certamente eles vão usá-la. Se não tiveram problema em usar a bomba nuclear,[6] teriam em relação a uma arma muito mais limpa e de alcance muito maior como são as de manipulação em massa?

O que deixa tudo ainda mais intrigante é o fato de que, quando se pensa em experiências psicológicas em massa, tudo nos remete àquelas feitas há pelo menos quatro décadas. A impressão que temos é a de que, de uns anos para cá, arrefeceu-se a ânsia por controle mental. Parece até que os poderes desistiram daquilo que buscavam com tanto empenho no século XX.

Considerando que dificilmente o objetivo de poder tenha sido amenizado, isso nos leva a duas conclusões possíveis: ou as novas experiências estão sendo tratadas com um sigilo inexpugnável ou as técnicas de manipulação estão tão avançadas que já nem podem ser percebidas, mesmo pelos observadores mais atentos.

Não quero ser alarmista, nem exagerar os poderes dos instrumentos existentes para manipular as pessoas, mas

6 Não se engane pensando que a bomba nuclear foi usada uma única vez. Ela continua a ser usada, todos os dias, como forma de intimidação dos adversários geopolíticos. As armas nucleares estão ininterruptamente apontadas contra qualquer um que ameace os interesses e a soberania de seus possuidores.

o que eu tenho visto é algo a se pensar com muita seriedade. Se um menino de quinze anos, assistindo a alguns vídeos na internet, consegue aprender a dirigir uma outra pessoa a um estado hipnótico,[7] fazendo uso apenas de algumas palavras, tudo me dá direito a imaginar a que altura estão as experiências mais avançadas, conduzidas por aqueles que sempre financiaram e estiveram à frente desse tipo de estudos.

Que estamos cercados, disto eu não tenho dúvida. Só gostaria de saber se ainda restou algum espaço para a liberdade humana ou se já conseguiram dominar a nossa mente de vez.

7 Isso eu não li em lugar nenhum, mas vi com meus próprios olhos.

CAPÍTULO III

A utopia transumanista — uma cosmovisão escatológica imanentista aplicada à saúde

Hélio Angotti Neto

Eles não sabem do mistério que está por vir,
nem entendem as coisas do passado.
Eles não sabem o que lhes acontecerá, nem salvarão suas almas do mistério do porvir. Quando a proliferação da iniqüidade for encerrada, a maldade será banida pela justiça assim como a escuridão é banida pela luz. Assim como a fumaça se dissipa e deixa de existir, assim a maldade perecerá para sempre e a justiça revelar-se-á como um sol governando o mundo. Todos os que se prendem aos mistérios do pecado deixarão de ser; o conhecimento preencherá o mundo e a tolice deixará de existir.
[...]
E o fruto não será protelado por ninguém.
E o Senhor fará coisas gloriosas que nunca [foram feitas].

— Pergaminhos do Mar Morto[1]

1 VERMES, Geza. *The Dead Sea Scrolls*. Londres: The Folio Society, 2000, pp. 251-253. Tradução livre.

O transumanismo e seus similares — pós-humanismo, aperfeiçoamento humano e singularidade — são ideologias contemporâneas que se tornaram possíveis graças ao avanço da tecnologia, executora de verdadeiros milagres modernos. Contudo, de onde surgiu a pretensão transumanista de levar o ser humano além da humanidade? Não foi justamente essa expectativa quase onipresente ao longo de nossa história, a de buscar algo além de nós mesmos, que impulsionou civilizações e culturas na busca do melhor, do belo e do justo? O que há de novo e o que há de antigo no transumanismo? Qual o apelo existencial exercido pelos que advogam um paraíso terrestre pelo uso da ciência e da tecnologia? Não haveria um transumanismo latente no cerne do coração humano aguardando apenas a possibilidade aberta pelo avanço tecnológico? Ou seria o transumanismo uma antiga idéia ressurgida e maquiada com nova face, uma heresia velha com uma nova máscara, uma antiga manifestação ideológica que já tentou abrir seu caminho por meio da religião e da política e que, agora, o faz por meio da ciência e da Academia? Qual a ligação do transumanismo com a atual ordem política internacional, ou como o mesmo poderia ser instrumentalizado?

Meu objetivo neste breve estudo é rastrear as raízes filosóficas e culturais do transumanismo e de suas expectativas existenciais na seqüência histórica dos pensamentos humanos para que se tenha uma visão mais clara de seus perigos e seus potenciais.

Primeiro abordarei o próprio transumanismo com base na perspectiva de seus criadores: sua definição, sua origem

no campo de estudos bioéticos, suas características, suas premissas, suas expectativas e as promessas que oferece à humanidade, essa entidade abstrata e tão distante do ser humano individual e concreto e ao mesmo tempo tão utilizada quando se deseja falar algo acerca do homem.

Após esse breve estudo do transumanismo conforme a visão de seus proponentes e criadores, volto ao passado em busca dos diversos movimentos ideológicos e culturais que guardam curiosas analogias com esse movimento contemporâneo, semelhanças que julgo serem de importância crucial para o entendimento de toda essa questão e de sua pertinência.

Todavia, uma coisa é possível adiantar desde já: o sucesso e o sonho utópico que o transumanismo e movimentos congêneres como a singularidade (*Singularity*) despertam é extremamente previsível e já foi visto sob diversas manifestações: uma humanidade futura invencível, imortal, livre de doenças e de limitações físicas. Só que, desta vez, capaz de assumir corpos artificiais perfeitos — metade orgânicos, metade máquinas, ou completamente máquinas — e dirigidos pela força do pensamento transferido por meios tecnológicos. O transumanismo é a mais recente encarnação do que Mary Midgley chamava, muito apropriadamente, de "ciência como salvação".[2]

Quem de nós não repudia a morte, a doença, a fraqueza e a perda da autonomia? Quem, diante do sofrimento intenso, da tragédia trazida por um destino imprevisível e surpreendente, não cede mesmo que por um instante

2 Mary Midgley, *Science as Salvation: A Modern Myth and its Meaning*. London & New York: Routledge, 1994.

à sempre latente tendência gnóstica e ergue a voz como Jó, das Escrituras judaicas e cristãs, lamentando a terrível "sorte" e arrogando para si um breve instante de anseio pela reforma do cosmos?

O que é oferecido agora, em parte, é algo extremamente desejável e tentador: a perfeição materializada, movida de um futuro eterno no qual nem todos crêem, para um presente cotidiano, estupefato com as conquistas e realizações alcançadas cada vez com velocidade maior. Será que tal oferta é real? E será que é realmente desejável? O que acontece quando tais expectativas se unem à política de caráter global?

As promessas e as crenças transumanistas

O transumanismo, assim como o pós-humanismo, é um tipo de cosmovisão escatológica cientificista, ou seja, uma filosofia de vida que busca o dia no qual o ser humano contemporâneo será substituído por um ser biologicamente e tecnologicamente superior, uma nova criatura melhorada e alçada à perfeição, à transcendência do que hoje é.[3] Enquanto cosmovisão, o transumanismo é um movimento intelectual e cultural que defende o aprimoramento — ou a superação — da condição humana por meio da razão, promovendo o aumento das capacidades intelectuais, físicas e psicológicas.[4]

3 C. Christopher Hook, "Transhumanism and Posthumanism", in Post, Stephen G. (editor). *Encyclopedia of Bioethics*, vol. v. New York: Macmillan Reference USA, 2004, p. 2517.

4 Nick Bostrom, "The Transhumanist FAQ", 1999. Internet, http://www.transhumanism.org/resources/faq.html.

O transumanismo em sua formulação contemporânea pode ser datado da década de 80, exibido nos escritos de um futurista intitulado FM–2030.[5] O termo transumanismo foi, na verdade, derivado da expressão *humano em transição* (*transitional human*).[6]

Os pressupostos do pensamento transumanista incluem a crença de que a humanidade deriva da evolução natural aleatória e que, portanto, não representa o final da evolução, mas sim, o seu começo.[7] Também se compreende, na concepção dos transumanistas, que os seres humanos não possuem valor moral por pertencerem à espécie *Homo sapiens*, negando aquilo que chamam de *especismo*, isto é, negando a idéia de que exista uma diferença ontológica entre a espécie humana e as demais espécies.[8]

Junto à negação do *especismo*, decorre inevitavelmente a premissa de que a natureza humana não é constante e consiste em um acidente, algo que relativiza inevitavelmente o que pode ser chamado de humano.[9] Assim, nada há de especial no conceito de natureza, em geral, ou no de natureza humana, em específico. Segundo a maioria dos

5 FM–2030. Are You a Transhuman? New York: Warner Books, 1989.

6 Nick Bostrom, op. cit.

7 Ibid.

8 Ingmar Persson; Julian Savulescu, "Moral Transhumanism". *Journal of Medicine and Philosophy*, 35, 2010, pp. 656–669; Peter Singer, *Practical ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993; J. McMahan, *The ethics of killing–problems at the margins of life*. Oxford: Oxford University Press, 2002; Julian Savulescu, "The human prejudice and the moral status of enhanced beings". In Julian Savulescu, Bostrom, Nick. Human enhancement. Oxford: Oxford University Press, 2009, pp. 211–250.

9 Nick Bostrom, op. cit.

transumanistas, nada há para ser conservado na humanidade que não seja validado pela nossa própria racionalidade, já que somos frutos do acaso e repleto de defeitos, embora possamos buscar correções na essência do que somos.

Há quatro características básicas, portanto, que podem ser depreendidas do pensamento transumanista.

A primeira afirma que padrões de informação são mais importantes à nossa essência do que características materiais, o que nos leva à crença de que a corporificação do ser humano é um acidente histórico, não uma necessidade. Isso gera uma falha de identificação do ser humano com o próprio corpo.

A segunda é a de que a consciência é um epifenômeno, num sentido semelhante ao utilizado por Karl Marx quando afirmava que a cultura era epifenômeno da economia; o que leva à negação de uma alma imortal.

A terceira é a de que o corpo é apenas um tipo de prótese, uma máquina que aprendemos a controlar e dominar, o que leva à conclusão de que trocar partes do corpo ou aprimorá-las é apenas uma extensão da nossa relação com nossos corpos, que por sua vez é uma extensão de nosso trato com os objetos ao nosso redor.

Por fim, pós-humanistas ou transumanistas não enxergam fronteiras bem definidas entre organismos biológicos e mecanismos cibernéticos, o que leva à possibilidade de misturá-los.[10]

10 N. Katherine Hayles, *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature and Informatics*. Chicago: University of Chicago Press, 1999, p. 3.

Ao colocar a expectativa de reduzir a consciência humana ao conjunto de suas sinapses e informações materialmente depositadas no cérebro, o pressuposto naturalista torna-se parte inerente de todo o projeto, que pode ser encaixado dentro do projeto iluminista cientificista e secularista da contemporaneidade com pequenas ressalvas.

Esse credo secularista afirmava que o homem não é mau por natureza, aliás, afirma muitas vezes a inexistência de padrões morais absolutos e a possibilidade de reforma da humanidade pela própria humanidade. Daí a possibilidade de que seja o próprio ser humano o arquiteto das futuras gerações. A finalidade da vida seria o desfrute da própria vida, aqui nesta realidade imanente, e não posteriormente, em um além. Para o transumanismo, o homem guiado por sua razão pode aperfeiçoar a boa vida aqui na Terra, devendo a humanidade ser libertada da cadeia das ignorâncias, das superstições, das limitações e da opressão arbitrária de autoridades sociais constituídas.[11]

Em relação à evolução proposta pelo transumanismo, seria certo dizer que deriva somente até certo ponto do darwinismo, pois a manutenção e o aprimoramento de características benéficas desenvolvidas em vida e sua transmissão seria de cunho mais lamarckista,[12] hipótese amplamente divulgada e sonhada com os tempos atuais de edição genética por meio de técnicas como o CRISP-R.

11 Carl Becker, *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers*. New Haven: Yale University Press, 1978. Primeira edição, de 1932.

12 Tom Koch, "Enhancing Who? Enhancing What? Ethics. Bioethics, and Transhumanism", *Journal of Medicine and Philosophy*, 35, 2010, pp. 685–699.

O *credo* professado pelos transumanistas é o mesmo prometido por futuristas há alguns séculos. Só que desta vez, com as maravilhas esperadas por meio do uso da edição genética, é para valer, assim afirmam eles. Com a ciência e a tecnologia nas mãos, seria então possível criar o pós-homem, detentor de nossas virtudes e destituído de nossos vícios. Será uma utopia materializada num novo mundo sob "nosso" controle.[13]

Diante da possibilidade de se atribuir ao ser humano poderes além do que se compreende ser propriamente humano, surge um grave problema: como lidar com a imperfeição moral do ser humano ao mesmo tempo em que se aprimora suas habilidades a níveis fantásticos? Isso não ampliaria o poder de destruição da própria humanidade? A solução proposta pelos transumanistas é aprimorar a moral do ser humano[14] por meio de manipulações tecnológicas ou farmacológicas capazes de moldar o caráter humano.[15]

Segundo alguns estudiosos, o transumanismo do tipo moral poderia transformar o caráter dos humanos destinados ao aprimoramento mental e físico, deixando-os mais dóceis às mudanças e menos violentos, menos "perigosos". É claro que essa proposta guarda uma deter-

13 Ibid., p. 685.

14 Ingmar Persson; Julian Savulescu, "Moral Transhumanism", *Journal of Medicine and Philosophy*, 35, 2010, pp. 656–669.

15 Ingmar Persson; Julian Savulescu, "The perils of cognitive enhancement and the urgent imperative to enhance the moral character of humanity", *Journal of Applied Philosophy*, 25, 2008, p. 162–77; Michael N Tennison, "Moral Transhumanism: The next step", *Journal of Medicine and Philosophy*, 37(4), 2012, pp. 405–416.

minada visão hierárquica de valores que, implicitamente, submete a nova humanidade aos arroubos de controle da elite tecnocrática que decide quem é bom e quem não é em um futuro sob controle tecnológico e biológico. Para se alcançar tal fim, membros dessa pretensa tecnocracia afirmam que devemos abrir mão de um pouco (*sic*) de nossa liberdade e permitir um maior nível de controle da sociedade.[16]

De acordo com os transumanistas, o surpreendente avanço tecnológico e científico poderá fornecer, em algumas décadas, feitos antes inimagináveis, como a capacidade de traduzir completamente as conexões sinápticas do cérebro humano, o que permitiria a criação de uma réplica exata do cérebro funcionando dentro de um computador. Essa reprodução do cérebro humano poderia então viver num corpo artificial.[17] Tal expectativa gera narrativas consideradas fantásticas há até pouco, ou restritas às expectativas de um corpo glorificado em uma nova realidade, essencial à fé cristã, só que tornada imanente:

> Por fim, o cérebro humano, contido no computador, foi liberado da fraqueza da carne humana... Está no controle de seu próprio destino... Abrigado por tramas indestrutíveis de silicone e não mais restrito numa expectativa limitada de vida. [...] Tal forma de vida poderia viver para sempre.[18]

16 Ingmar Persson; Julian Savulescu, *Unfit for the Future. The need for moral enhancement*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

17 Raymond Kurzweil, KurzweilAI.net, 2003. *Internet*, http://www.kurzweilai.net.

18 Richard Jastrow, *The Enchanted Loom: Mind in the Universe*. New York: Simon & Schuster, 1981, pp. 166–167.

Uma expectativa central ao pensamento transumanista é a de que pessoas cientificamente iluminadas saberão escolher quais são as características desejáveis e quais são as indesejáveis. Aqueles que discordam dos planos desses iluminados muitas vezes são descartados como "bioconservadores", assim como muitas vezes são descartados do que consideram um *debate civilizado* aqueles que não entendem o potencial prometido, a ciência e os juízos feitos em nosso nome.[19]

Origens ideológicas do transumanismo

Uma das raízes mais básicas do transumanismo é, sem dúvida, o materialismo em seu aspecto de imanentização plena da realidade, negando a esfera transcendental.

As raízes do materialismo podem ser encontradas no atomismo de Demócrito e no epicurismo antigo, que pode ser considerado ascético, embora buscasse o prazer moderado e o escape do sofrimento. No epicurismo e na visão atomista de Demócrito, a natureza se encontra libertada de influências transcendentais, sendo mantida por meio de um universo eterno e, portanto, não criado.[20] A perspectiva destituída de transcendência e o viés hedonista são claros antepassados da atual visão transumanista,[21] embora Epicuro considerasse o anseio pela imortalidade

19 Tom Koch, op. cit.; J. Hughes, *Becoming a better person*. TransVision 06 lecture. Internet, http://www.transhumanismi.org/tv06/presentations/James%20Hughes%20-%20Moral%20Cognition.pdf.

20 Benjamin Wiker, *Darwinismo moral: como nos tornamos hedonistas*. São Paulo: Paulus, 2011, pp. 43-47.

21 Ibid., p. 60.

como algo não natural, derivado de um desejo ilimitado de prazer e, portanto, condenável.[22] Tal perspectiva muda com o aporte da tecnologia, inserindo novo elemento na busca pelo prazer.

Em conformidade com a perspectiva de Benjamim Wiker, o transumanismo poderia ser categorizado como mais um passo de uma antiga guerra civilizacional: "[...] nossas guerras culturais são realmente guerras cosmológicas entre os mundos cosmológico e moral rivais e irreconciliáveis do epicurista e do cristão".[23]

Essa guerra teria sido vencida momentaneamente pelo cristianismo ou pela visão transcendental da realidade, gerando uma forma de perda da deificação da natureza, centralizando expectativas escatológicas em uma esfera religiosa no além.

> "O resultado da vitória [do cristianismo sobre o politeísmo greco-romano] foi a perda do caráter divino da esfera temporal do poder...".[24]

> "A existência humana na sociedade foi reordenada por meio da experiência do destino humano rumo à vida eterna visualizado de forma beatífica, providenciada pela graça do Deus transcendente".[25]

---

22 Ibid., p. 61.

23 Ibid., p. 76.

24 Eric Voegelin, "The New Science of Politics", in: Henningsen, Manfred (editor). *The Collected Works of Eric Voegelin: Modernity Without Restraint*. Columbia, Missouri: University of Misosuri Press, 2000, p. 175.

25 Ibid.

O que o transumanismo traz de volta é a nova tentativa de colocar expectativas transcendentais no mundo imanente, acreditando no poder humano de ofertar dádivas anteriormente pertencentes à divindade.

Outra cosmovisão que guarda curiosas semelhanças com o transumanismo é o gnosticismo.

O gnosticismo encarava o mundo como um local estranho, no qual o ser humano foi lançado ou aprisionado. O mundo consistia em um local de onde se deve sair para buscar o verdadeiro destino em outra realidade. O mundo presente seria algo destituído de ordem, repleto de maldade e caos, o que leva ao desejo inevitável de escapar da realidade presente em troca de uma realidade presente na subjetividade da alma humana.[26]

O gnosticismo elevaria a espécie humana à condição de salvadora de si mesma por meio do uso da racionalidade. "O homem gnóstico deve levar adiante o plano da salvação, ele mesmo [...]",[27] já que "o instrumento da salvação é a própria gnose — conhecimento".[28]

> Os grandes poemas míticos especulativos do gnosticismo giram ao redor de questões acerca da origem, da condição de abandono existencial, de escapar do mundo, e dos meios de livramento.[29]

26 Ibid., pp. 254–255.

27 Ibid.

28 Ibid.

29 Ibid.

Os movimentos gnósticos podem ser reconhecidos, de acordo com Eric Voegelin, por meio das seguintes características:[30]

1. Insatisfação profunda com a realidade, algo compreensível e, até certo ponto, um sentimento de caráter universal;

2. O caos no qual o mundo está mergulhado como fonte dos problemas;

3. A possibilidade de salvar-se da maldade e da falta de ordem no mundo;

4. A necessidade de mudança do Ser por meio de um processo histórico e, portanto, imanente;

5. A salvação centralizada na ação humana, no esforço racional;

6. O dever do gnóstico em buscar a fórmula ou o método da mudança, já que é possível alcançar a perfeição e a salvação imanente por meio do esforço.

Em parte, "os movimentos gnósticos de massa retiram suas idéias de perfeição do cristianismo". A imanentização da escatologia ocorre por meio de três fórmulas:[31]

30 Ibid., pp. 297–298.

31 Ibid., p. 299.

1. Teleológica, orientada à visão de um futuro perfeito e imanente, como pode ser visto no progressivismo;

2. Axiológica, composta pela descrição de fórmulas idealizadas em resposta a elementos maléficos, constituindo um método;

3. Mista, na qual as formas teleológica e axiológica se misturam, buscando uma utopia por meio de um método específico, ou conjunto de valores específicos.

Provavelmente, o "primeiro gnóstico que tentou reinterpretar o Evangelho cristão foi Cerinto". E o gnosticismo, desde a Antigüidade, sempre apresentou um caráter sincretista, aproveitando elementos de diversas religiões e filosofias.[32] Ver o movimento transumanista surgir misturando tantas expectativas já antigas na história humana não deveria causar espanto ou surpresa. O gnosticismo, sobretudo, é uma doutrina de salvação, de libertação do espírito,[33] assim como seu "primo" contemporâneo, o transumanismo.

Posteriormente, de dentro do próprio cristianismo que combatera de forma tão aguerrida o gnosticismo da Antigüidade, surgiu o milenarismo, a expectativa da salvação ofertada por Cristo em termos imanentes por meio

32 Justo L. Gonzalez, *Uma história do pensamento cristão: do início ao Concílio de Calcedônia*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 130.

33 Ibid., pp. 125–126.

da ação de seres humanos especialmente iluminados pelo Espírito Santo.

Segundo Alain Besançon, o milenarismo: "[...] é uma expectativa de mudança radical no interior da história, [...] é uma impaciência de fazer advir o Reino de Deus e uma vontade de tomar em suas mãos esse acontecimento".[34]

A origem remota do milenarismo se perde no passado, algumas vezes localizada entre os iranianos antigos, no caso do zoroastrismo, com desenvolvimentos diversos que cruzaram a civilização judaica e chegaram até os dias dos cristãos, que também absorveram, às vezes de forma indesejada, influências gnósticas e platônicas, que guardavam em comum a proposição de que o fim do ser humano é alcançar a imortalidade. No caso da ortodoxia cristã, uma eternidade no transcendente, jamais na presente realidade imanente.[35] Destacarei aqui o ressurgimento, ou o fortalecimento, do milenarismo na Idade Média por dentro da própria fé cristã.

O principal responsável pelo milenarismo em sua encarnação medieval foi Joaquim de Fiore, um monge apaixonado pela exegese apocalíptica, arrebatado por visões místicas e ansioso por uma restauração moral.[36] Sua doutrina é um "espiritualismo entusiástico e idealístico que,

34 Alain Besançon, *A infelicidade do século: sobre o comunismo, o nazismo e a unicidade da Shoah*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, pp. 100–101.

35 Edrisi Fernandes, *As origens iranianas do milenarismo*. *Mirabilia*, 14, 2012, pp. 9–34.

36 André Daniel-Rops, *A Igreja das catedrais e das cruzadas*, 2ª Ed. Gama, Enrico da (tradução). São Paulo: Quadrante, 2012, p. 158; Matthias Riedl, *A Collective Messiah: Joachim of Fiore's Constitution of Future Society*, 14, 2012, pp. 57–80.

considerando o mal que reina no mundo, encontra refúgio na esperança de uma nova era".[37]

Segundo Eric Voegelin, filósofo e historiador, Joaquim de Fiore foi um dos responsáveis pela nova "mundanização" da escatologia, isto é, pela esperança de que o paraíso fosse concretizado dentro da história humana.[38]

Voegelin destacava algumas características simbólicas desse esforço imanentista. O primeiro símbolo era a concepção da "história como uma seqüência de três eras, das quais a terceira era inteligida como o Terceiro Reino, o último".[39]

Joaquim de Fiore acreditava que: "[...] a história do mundo é articulada pelo sucessivo despontar de três reinos: o reino do Pai, que abarca de Adão a Cristo; o reino do Filho, entre Cristo e 1200; e o terceiro reino, do Espírito, que vai de 1200 até o dia do Juízo Final".[40]

Paralelos podem ser encontrados na periodização histórica dos enciclopedistas em antiga, medieval e moderna; na teoria de Auguste Comte que divide a história em fases teológica, metafísica e científica; e na visão bolchevista de comunismo primitivo, sociedade de classes e comunismo final, espelhada, de certa forma pelo terceiro Reich nacional-socialista.[41]

---

37 Justo L. Gonzalez, op. cit., p. 183.

38 Eric Voegelin, op. cit., 2000, p. 179.

39 Ibid.

40 Eric Voegelin, *História das idéias políticas, volume II: Idade Média até Tomás de Aquino*. São Paulo: É Realizações, 2012, p. 145.

41 Eric Voegelin, op. cit., 2000, p. 179.

O segundo símbolo milenarista é aquele do líder anunciado, o super-homem que está por vir, o que no caso de Joaquim era o cristão tocado diretamente pelo Espírito Santo, vivendo sob a graça materializada e plena dentro da vida mortal. Este super-homem foi refletido posteriormente em exemplos como o príncipe maquiavélico ou o novo homem derivado das visões de Comte e Marx.[42] Com Antônio Gramsci, numa encarnação posterior desse símbolo, o novo homem torna-se uma nova coletividade, o Partido.[43] O líder, como figura substitutiva do Cristo encarnado, foi posteriormente enxergado nas figuras que comandaram as utopias mundanizadas, Lênin e Hitler como grandes expoentes dessa visão já destituída do plano transcendente.[44]

"O terceiro símbolo, às vezes misturado com o segundo, é aquele do Profeta da Nova Era", encarnado pelo profeta gnóstico ou pelo intelectual gnóstico.[45] Em termos atuais seria o pensador político, o intérprete da situação.[46]

O quarto símbolo é "aquele da irmandade de pessoas autônomas".[47]

O fenômeno milenarista de Joaquim foi possível porque alguns apresentavam-se otimistas com a dimensão

42 Eric Voegelin, ibid., p. 179.

43 Olavo de Carvalho, *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra e Antônio Gramsci*. Internet, http://www.olavodecarvalho.org/livros/negramsci.htm.

44 Eric Voegelin, op. cit., 2012, p. 152.

45 Eric Voegelin, op. cit., 2000, p. 179.

46 Eric Voegelin, op. cit., 2012, p. 151.

47 Eric Voegelin, op. cit., 2000, p. 179.

imanente, observando o surgimento de ordens monásticas cada vez mais perfeitas como sinal do avanço do Espírito rumo à perfeição.[48] Em termos políticos, tais elementos inseriam uma nova especulação política contrastante com a visão precedente de Agostinho, com certeza menos otimista com as capacidades humanas.[49]

Para o transumanismo, ergueu-se toda uma expectativa de futuro perfeito, provido pelos profetas: cientistas que anunciam a salvação tecnológica da humanidade e tecnocratas capazes de orientar a evolução racional da realidade. Esses profetas anunciam a chegada de uma "nova raça", aperfeiçoada e sobre-humana, capaz de fazer nascer uma nova civilização, uma nova era!

Outro precedente ideológico do transumanismo é o evolucionismo.

Lucrécio pode ser considerado como o formulador do primeiro argumento evolucionário bem definido, ressaltando o aspecto de que o mundo é fruto de uma evolução aleatória pelo fato de estar preenchido por imperfeições, doenças e caos,[50] contrariando a visão hegemônica que afirmava: "nossas naturezas social e moral não podem ter sido propositais nem planejadas. Nada é proposital nem planejado".[51]

Essa antiga formulação evolucionista e caótica foi precursora do Darwinismo. Este, por sua vez, fundamentou

48 Eric Voegelin, op. cit., 2012, p. 147.

49 Ibid., pp. 150–151.

50 Benjamin Wiker, *Darwinismo moral: como nos tornamos hedonistas*. São Paulo: Paulus, 2011, pp. 78–80.

51 Ibid.

boa parte da visão cientificista que permeia o transumanismo, na qualidade de cosmovisão de base.

> [...] O darwinismo em seu sentido mais fundamental não tem abrangência apenas biológica, mas verdadeiramente cosmológica. [...] *Origem das espécies* resultou na impregnação da cultura intelectual ocidental pelos princípios materialistas do epicurismo.[52]

Os fundamentos da descrição darwinista de mundo são os seguintes:[53]

1. Variações materiais aleatórias ocasionam modificações na estrutura entre gerações;

2. A sobrevivência das mais aptas dessas variações é determinada pelas capacidades intensificadas dos animais e pelas condições nas quais vivem os animais;

3. A transmissão das variações benéficas ocorre por meio da hereditariedade.

Em Darwin está presente a crença epicurista e materialista de que uma explicação material engloba toda a complexidade natural, assim como a crença num mecanicismo capaz de explicar toda a evolução: a seleção natural ou, em sua versão antiga, o átomo epicurista.

52 Ibid., p. 295.

53 Ibid., p. 302.

Também está presente a necessidade do tempo infinito para criar ordem no que foi feito ao acaso, e a mesma rejeição, *a priori*, da inteligência como causa de complexidade natural.[54]

> Darwin adotou a declaração hobbesiano-baconiana de que a natureza humana em si é maleável à vontade humana e a declaração maquiavélico-baconiana de que a fortuna/natureza pode ser subjugada e reformada. [...] O darwinismo transforma-se em darwinismo moral precisamente ao defender que nos encarreguemos da evolução e remodelemos nossa natureza segundo nosso desejo. O darwinismo moral nos convoca a deixarmos para trás o acaso e a seleção meramente natural e, pela seleção artificial, remodelarmos a natureza humana. Nisso, Darwin é o fundador da eugenia moderna em todas as suas muitas formas, quer se expresse por meio de apelos para eliminar os incapazes, abortar os indesejáveis e deformados, quer manipular geneticamente nossa natureza por meio da tecnologia.[55]

O transumanismo acata a proposição de que somos frutos de um caos aleatório, e abraça também a idéia cientificista de que podemos dobrar nossos destinos por meio de nossa racionalidade manifestada na tecnologia e no progresso. Para Eric Voegelin, esse cientificismo que é um dos pilares do transumanismo

> [...] permanece até hoje como um dos mais fortes movimentos gnósticos da sociedade ocidental, e o orgulho ima-

54 Ibid., p. 303.

55 Ibid., pp. 303–304.

> nentista da ciência é tão forte que até mesmo as ciências especializadas deixaram um traço distinguível em variações da salvação por meio da física, da economia, da sociologia, da biologia e da psicologia.[56]

Com Francis Bacon surgiu posteriormente o que se poderia chamar de epicurismo moderno ou hedonista, ao invés de ascético. A nova expectativa é de que

> [...] a superação dos limites da natureza pela força [ciência] refreará o importante objetivo epicurista, afastar os seres humanos da busca de satisfação na outra vida, proporcionando-lhes cada vez mais confortos materiais nesta vida. O hedonismo tecnológico pode, então, realizar com muita eficiência o que o ascetismo epicurista procurara inutilmente: tranqüilidade neste mundo, imperturbada pela ansiedade quanto ao outro.[57]

A promessa baconiana, que funda o otimismo com a ciência moderna, afirma o poder da direção humana sobre a realidade.

> [...] Em vez de voltar nossos poderes para nós mesmos, em um esforço para controlar nossos desejos, como Epicuro aconselhara, o epicurismo moderno ordena que voltemos nossos poderes contra a própria natureza, para controlá-la e refazê-la de acordo com nossos desejos.[58]

---

56 Eric Voegelin, op. cit., 2000, p. 179.

57 Benjamin Wiker, op. cit., pp. 206–207.

58 Ibid., p. 195.

Francis Bacon, sem dúvida um dos precursores do transumanismo,

> [...] prometeu aos leitores que abriria um novo caminho para a salvação, oferecendo um novo tipo de caridade, alívio das responsabilidades e imperfeições da natureza. Em suma, prometeu um novo Éden, um Éden mundano real na outra vida.[59]

"Assim, Bacon substituiu a esperança teológica voltada para a salvação eterna por uma esperança humana voltada para a melhora física de nossos males...".[60] Em um arroubo gnóstico e milenarista, e em acordo com os atuais transumanistas, "[...] Bacon anunciou uma nova fase, fase essa na qual os milagres contemporâneos, visíveis, sem restrições, dos cientistas, vão eclipsar os milagres apenas relatados de Cristo [...]".[61]

> [...] À medida que as fronteiras da lei natural são removidas, fica claro que elas não eram, de modo algum, permanentes; sua impermanência recém-encontrada ajuda no esforço de deslocar a noção cristã de que as fronteiras morais foram criadas por Deus e manifestadas na lei natural eternamente ordenada.[62]

A visão de que o ser humano era uma máquina, fruto do caos aleatório, que poderia ser manipulada por meio

59 Ibid., p. 209.

60 Ibid., pp. 209–210.

61 Ibid., p. 211.

62 Ibid., p. 210.

da racionalidade levou a formulações cada vez mais imanentes, como pode ser observado na clássica obra *L'Homme Machine*, escrita em 1748 pelo físico e filósofo francês Julien Offray de la Mettrie, que afirmava ser o homem apenas "animais e máquinas."[63]

Características comuns do cientificismo futurista são duas premissas simplistas e falaciosas:

1. O indivíduo é como uma máquina cujos elementos podem ser facilmente manipulados;

2. Indivíduos são componentes a serem aperfeiçoados ou descartados em favor da coletividade, o que configura uma extensão dessa visão mecanicista à sociedade como um todo.[64]

A filosofia e a política moderna se expressaram dentro desse panorama imanentista de forma coerente e implicitamente comprometida. Thomas "Hobbes criou um agregado comparável [ao de Joaquim de Fiore] que expressa o componente de imanência radical na política moderna".[65] Seu Leviatã tornou-se um "grupo de ativistas gnósticos [que] alcança, de fato, o monopólio da representação existencial numa sociedade histórica".[66]

63 Julien Offray de La Mettrie, *Machine man and other writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

64 A. Rabinbach, *The Human Motor: Energy, Fatigue, and the origins of Modernity*. New York: Basic Books, 1990.

65 Eric Voegelin, op. cit., 2000, p. 238.

66 Ibid., p. 240.

Para Maquiavel, o problema com qualquer forma de ascetismo, epicurista ou outra, era o de que se acatava os limites que o acaso — Maquiavel preferia a expressão *fortuna* para reforçar sua qualidade feminina — impunha para nós. Em vez de aceitar esses limites, devemos usar nossa força varonil para superá-los. É "preciso fazer tudo o que está em nosso poder para reduzir os efeitos da fortuna em nossas ambições políticas".[67] O transumanismo acolhe completamente a pretensão de que o ser humano deve tomar as rédeas do seu destino, oferecendo como instrumentos a tecnologia e a ciência.

Emil Cioran declara que, para a utopia, "logo será o fim de tudo; e haverá novo céu e nova terra" como se lê no Apocalipse. "Se eliminarmos o céu e conservarmos só a nova terra, teremos o segredo e fórmula dos sistemas utópicos".[68] Tal expectativa gera uma reação quase febril nas massas justamente porque "a miséria é, efetivamente, a grande auxiliar do utopista, a matéria sobre a qual trabalha, a substância com que nutre seus pensamentos, a providência de suas obsessões".[69]

O resultado político e pragmático dessas medidas foi a eliminação dos opositores nos massacres dos últimos dois séculos, decorrente da impossibilidade de transfigurar a natureza humana e de estabelecer um paraíso terrestre,[70] pois o "[...] novo reino não tem lugar para as fraquezas

67 Benjamin Wiker, op. cit., p. 205.

68 Emile M. Cioran, "O mecanismo da utopia", in: *Cioran: História e utopia*. São Paulo: Rocco Editora LTDA., 2011, pp. 90–91.

69 Ibid., pp. 90–91.

70 Eric Voegelin, op. cit., 2000, p. 240.

do homem nem para a variedade de seus dons naturais. A riqueza humana da idéia de um *corpus mysticum* se perde no igualitarismo aristocrático de pessoas espiritualmente maduras".[71]

Cioran não deixa de apresentar uma crítica pertinente, ao afirmar que, "para conceber uma verdadeira utopia, para esboçar, com convicção, o panorama da sociedade ideal, é preciso uma certa dose de ingenuidade, e mesmo de tolice...".[72]

Fatalmente, o futuro otimista dos cientificistas, naturalistas e darwinistas rapidamente transformou-se numa ameaça eugenista brutal, como pode ser observado no famoso caso Buck vs. Bell (1927), onde foi legalizada a esterilização forçada de mulheres com características socialmente indesejáveis, presumivelmente hereditárias, de forma que não gerassem outros de seu tipo defeituoso.[73]

O movimento expandiu, saindo de suas bases americanas e chegando à culminação lógica de suas premissas: um programa de eliminação que resultou no extermínio de "indesejáveis" na Alemanha nazista, matando pelo menos 70 mil crianças e adultos "anormais", limitados por doenças degenerativas ou deficiências.[74]

---

71 Eric Voegelin, op. cit., 2012, p. 154.

72 Emile M. Cioran, op. cit., p. 92.

73 *Buck vs. Bell*. 1927. 274 US, 200; Tom Koch, "Enhancing Who? Enhancing What? Ethics, Bioethics, and Transhumanism". *Journal of Medicine and Philosophy*, 35, 2010, pp. 685–699.

74 D. Goldhagen, *Hitler's willing executioners*. New York: Knopf, 1996; Tom Koch, "Enhancing Who? Enhancing What? Ethics, Bioethics, and Transhumanism". *Journal of Medicine and Philosophy*, 35, 2010, pp. 685–699.

A bioética moderna já abriga, desde seu nascimento sob um de seus pais, o oncologista Van Rensselaer Potter, a intenção de "auxiliar a humanidade rumo à participação racional, porém cuidadosa, no processo de evolução cultural e biológica". Obviamente não é possível acusar Potter de eugenia com base nesta afirmação, mas não é possível negar a compatibilidade entre a bioética moderna em seu nascedouro e uma possível abertura ideológica para o projeto eugenista, mesmo que travestido sob o manto do transumanismo.[75]

Um aspecto que aproxima o transumanismo de religiões e cosmovisões contemporâneas é a adoção de premissas não questionadas e muitas vezes não percebidas, ou até mesmo impostas como verdades absolutas imunes a perguntas. Uma dessas premissas é a crença na capacidade de uma tecnocracia de cientistas eleitos pelo destino — ou pela *fortuna*, como desejaria Maquiavel — de selecionar com base na razão iluminadora da ciência quais são as características que nossa raça deve ter e quais características deverão ser abandonadas.

Glover e Harris defendem claramente o que muitos transumanistas não ousam declarar abertamente: o direito ético, senão a necessidade moral, da manipulação genética e da seleção como meios de aperfeiçoamento do indivíduo e da espécie.[76] Tais expectativas eugenistas e a

75 W. T. Reich, *How Bioethics got its name*. The Hastings Center Report (Special Supplement) 23, 1993, pp. 1–16.

76 Tom Koch, op. cit.; J. Glover, *Choosing Children: Genetics, disability, and design*. Oxford, UK: Clarendon Press, 2006; J. Harris, *Enhancing evolution: The ethical case for making better people*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2007.

falta de ciência real que suporte a visão transumanista são detalhes pouco lembrados pelos transumanistas e aliados em geral.[77]

A promessa do transumanismo de "aperfeiçoar a evolução" é exatamente a mesma da segunda conferência internacional de eugenia, ocorrida na cidade de Nova York em 1921: o direcionamento da evolução humana.[78]

A opressão tecnocrática e a irresponsabilidade transumanista

Hoje há toda uma linha editorial dedicada aos transumanistas e seus maravilhosos planos para o futuro. Aqueles que ousam discordar de suas propostas de aprimoramento da raça humana e de controle social em prol do bem comum são normalmente tidos como intolerantes e retrógrados. Os transumanistas acabam por encarnar, de certa forma, a própria intolerância que combatem, "enquanto querem que as outras religiões se restrinjam à esfera privada, os secularistas insistem que têm o direito de controlar a esfera pública, porque estão certos", isto os coloca num estado em que se encontram "completamente inconscientes de que estão tentando impor sua cosmovisão sobre os outros que dela discordam".[79]

---

77 Tom Koch, "Enhancing Who? Enhancing What? Ethics, Bioethics, and Transhumanism". *Journal of Medicine and Philosophy*, 35, 2010, pp. 685–699.

78 Ibid.

79 D. E. Carson, *A intolerância da tolerância*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

Segundo Hans Jonas, o primeiro objeto de responsabilidade são outros homens, e tal responsabilidade pode ser resumida aos conceitos de totalidade, continuidade e futuro, implicando na conservação do ser humano como tal, o que pode ser ameaçado por causa do avanço inimaginável e imprevisível que a técnica concretizou no último século, levando realmente a um maior exercício de poder sobre a natureza, porém a um exercício de poder incontrolável na medida em que o próprio homem torna-se incontrolável.[80]

Numa situação de ideologia escatológica imanentista, "[...] o que é chamado de humano e de humanitário é, de fato, o sobre-humano e o sobre-humanitário que promete a ideologia. O humano e o humanitário não têm direito nem futuro".[81]

Quando o transumanismo se coloca como ideologia que modificará a humanidade, pelo menos é sincero na sua ambição de terminalidade do que hoje se convencio-na chamar de humanidade, embora seja extremamente irresponsável.

Uma das grandes motivações em se chamar certas utopias cientificistas como o transumanismo de irresponsáveis é justamente sua crença na possibilidade de controle da natureza sem automaticamente compreender que isso implica no controle muito mais potente sobre a liberdade do ser humano e sua falha essencial, presente em qual-

80 Hans Jonas, *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio & Contraponto, 2011.

81 Alain Besançon, op. cit., p. 53.

quer outro pensamento utópico, que é a indisposição em enxergar as trevas, os medos e as limitações morais de cada ser humano, incluído aquele que se diz transumanista e deseja "melhorar" a vida alheia.

Nessa utopia, necessariamente levada à execução por uma tecnocracia de caráter internacional com o que há de mais avançado em termos de tecnologia e ciência, há uma promoção de uma nova escatologia, uma nova forma de tocar o primordial anseio do coração humano pela imortalidade.

> [...] O sonho utópico sustenta que os atuais perigos e limites da tecnologia não existirão mais, não só porque a técnica, libertada da irracionalidade da economia, o lucro, será empregada de forma mais sábia, mas também porque o seu potencial de progresso inesgotável, livre das coerções sociais, como verdadeiro Prometeu libertado, pela primeira vez poderá ser plenamente explorado.[82]

Nenhuma credibilidade, mesmo a de um objetivo perfeito, poderá justificar a aposta do tudo ou nada, da mudança radical imprevisível que pode ser a salvação ou a grande destruição. Tal aposta é um pecado mortal em termos éticos e metafísicos.[83]

> Aqui se encontra o erro fundamental de toda ontologia do "ainda não ser" e do primado da esperança, que nele se baseia. A simples verdade, nem gloriosa, nem deprimente, mas que necessita ser respeitada em toda sua inteireza é a

82 Hans Jonas, op. cit., 2011, pp. 295–296.

83 Ibid., p. 297.

> de que "o homem verdadeiro" existiu desde sempre — com seus altos e baixos [...] em tudo o que não é separável de sua ambivalência. Tentar eliminá-la significa querer suprimir o homem e o caráter insondável de sua liberdade.[84]

Qualquer projeto que almeje uma nova sociedade, controlada e mais próxima da perfeição, ultrapassando fronteiras para a construção de uma humanidade melhor, corre o sério risco de tornar-se uma ideologia milenarista-imanentista.

> Também temos que recuperar novamente o respeito e o medo que nos protejam dos descaminhos do nosso poder (por exemplo, de experimentos com a constituição humana). [...] Somente o respeito, na medida em que ele nos revela um algo "sagrado", que não deveria ser afetado em nenhuma hipótese (o que poderíamos vislumbrar mesmo sem uma religião positiva), nos protegeria de desonrar o presente em nome do futuro, de querer comprar este último ao preço do primeiro.[85]

Essa proteção responsável do ser humano implica em resguardar o patrimônio genético e cultural contra as investidas transumanistas e internacionalistas, que atacam não somente a essência biológica, mas também todo o legado cultural das diferentes civilizações.

Benjamin Wiker lembra que

84 Ibid., p. 343.

85 Ibid., p. 353.

> [...] a redefinição da caridade, para que seu objetivo seja a maximização do prazer e a minimização da dor neste mundo, só pode terminar na destruição de toda a caridade. [...] Negar as dores do inferno e as alegrias do céu por caridade inapropriada resulta apenas em criar um mundo onde os seres humanos consideram infernal qualquer dor e lançam-se na busca de todos os prazeres com a mesma intensidade sincera com que os santos se lançam na busca da glória celeste. O século XX deve ser uma advertência profética suficiente de que o desejo ardente de criar um céu na terra cria com muita facilidade um inferno na terra.[86]

O sentimento de preocupação descrito por Wiker é ecoado na leitura que Modris Eksteins faz das motivações culturais e emocionais da Grande Guerra (Primeira Guerra Mundial) e do clima de emancipação moral e de controle pelo homem do seu destino, da sua *fortuna*.[87] O ímpeto de transformar o mundo leva ao ímpeto de destruir aquilo que deve ser transformado.

Esse ímpeto de transformação rumo à utopia pode também lançar suas garras na mente humana e em sua capacidade de perceber a realidade.

O uso de drogas capazes de aperfeiçoar determinadas características do pensamento humano não é capaz de promover a inteligência ou a moralidade, isto é, de promover a habilidade de integrar de forma significativa a informação e a experiência, reorganizando tudo de maneiras novas e realistas. Na melhor das hipóteses, permite

86 Benjamin Wiker, op. cit., pp. 445–446.

87 Modris Eksteins, *Rites of Spring: The great war and the birth of the modern age*. Boston, New York: Mariner Books, 1989.

a retenção de fatos por um tempo maior, permitindo a regurgitação dos mesmos num teste formal ou num relatório, ou uma alteração comportamental capaz de desintegrar a personalidade em algumas situações. É o melhor que a ciência pode fazer no momento.[88]

Insistir que algumas pessoas não deveriam ter nascido, deveriam ser modificadas em essência ou estariam melhor mortas do que vivas, como proposto por bioeticistas do calibre de Peter Singer, é algo ridículo e perigoso; ou pelo menos assim pensou McBryde Johnson, uma portadora de deficiência física que nos lembra de que, muitas vezes, dificuldades nos levam a buscar soluções e novas forças em aspectos antes não percebidos, e não podem ser consideradas como algo simplesmente e puramente danoso ao ser humano.[89]

Essa satisfação pessoal em viver como portador de uma deficiência foi chamada de "paradoxo da deficiência" por Albrecht e Develiger: uma satisfação expressada por pessoas com diferenças sensoriais, físicas ou cognitivas que a maioria dos transumanistas assume que deveriam ser eliminadas por causa do sofrimento gerado, e cujo extermínio — ou prevenção do nascimento — a maioria dos eugenistas acredita que deve promover.[90]

---

88 Tom Koch, op. cit.

89 Tom Koch, "The ideology of normalcy: The ethics of difference". *Journal of Disability Policy Studies,* 16, 2005, pp. 123–129; Tom Koch, "Bioethics as ideology: Conditional and unconditional values". *Journal of Medicine and Philosophy*, 31, 2006, pp. 351–368; H Hahn, "Bioethical debates, disability discourse, and a discordant Peter Singer". *Journal of Disability Police Studies*, 17, 2006, p. 191.

90 G. L. Albrecht; P. J. Develiger, *The disability paradox: high quality against*

Tom Koch chama de arrogante e ditatorial a pretensão transumanista e eugenista de dizer que: "Eu sei o que é melhor, seja lá o que 'eles' possam dizer".

Se o transumanismo for adiante, poderemos ter uma tragédia evolucionista ao invés de um avanço.[91]

O transumanismo e o novo arranjo de poder internacional

Diante desse enorme poder de mutação tecnológica dirigido por uma pretensiosa elite tecnocrática capaz de romper fronteiras nacionais em suas ambições de controle e fiel à idéia de que nada há de sagrado no ser humano, ou nada há de valor objetivo em nossa presente condição que deva ser respeitado ou guardado, há um risco inevitável de abuso da autoridade e do poder.

O próprio projeto de aperfeiçoamento ou superação da humanidade presente com base em um modelo hipotético de perfeição dirigido por uma tecnocracia cientificista imanente repete um perigoso padrão que tem levado diversos povos ao totalitarismo e ao massacre.

Isso não acontece por uma coincidência ou por algum desvio dos ideais revolucionários, mas por efeito incontornável da própria mecânica revolucionária. Quem ascende ao poder em nome de uma sociedade futura, amaldiçoando a sociedade presente na sua totalidade, só se submete ao veredito do futuro e da história, colocando-

---

all odds. Social Science & Medicine, 50, 1998, pp. 757–759.

91 Tom Koch, op. cit., 2010, pp. 685–699.

-se, portanto, acima do julgamento dos vivos. A cristalização do impulso revolucionário numa ditadura totalitária é assim o caminho normal e normativo das revoluções sociais e não uma distorção de seus propósitos iniciais.[92]

A tecnologia para controlar comportamentos e manipular biologicamente o ser humano é um potente instrumento de dominação, mesmo que não tenha sido defendida para tais usos no momento de sua elaboração. Inevitavelmente, a ambição de algumas elites em postos de governo ou em altos postos acadêmicos poderá utilizar tamanho potencial para fins indevidos, e para graus de controle social jamais vistos.

O montante assombroso de capital internacional investido em pesquisas de caráter transumanista apontam claramente para os interesses de múltiplos agentes de grande porte nas potencialidades da modificação tecnológica e genética da humanidade. Esse é um perigoso elemento da complicada equação globalizante em que se vive hoje.

Tal pretensão de criar uma nova humanidade ressurge ainda com elementos adicionais que merecem atenção. Essa elite tecnocrática, que prega o transumanismo, relaciona-se com a Bioética em seu aspecto mais global, conforme os escritos de Van Potter, e tem assumido posturas que demandam o controle internacional de idéias, restringindo a possibilidade de declarar objeção de consciência. Traduzindo em outras palavras, pregam um policiamento de idéias.

Um exemplo pode ser visto no pretensioso "consenso" lançado por quinze filósofos do campo da bioética em Ge-

92 Olavo de Carvalho, *A cólera dos imbecis. Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil, volume* x. Campinas: Vide Editorial, 2019.

nebra, na Suíça, em junho de 2016, cujo intuito era o de aconselhar governos e instituições profissionais sobre como lidar com objeção de consciência. Entre os nomes, constam alguns famosos no meio transumanista, como Ingmar Perrson e Julian Savulescu, que defendem o maior controle sobre a consciência alheia em um futuro pós-humano.[93]

Alguns dos dez "mandamentos" estão listados abaixo, com alguns comentários:

> 2. Caso haja conflito entre a consciência do profissional e o desejo do paciente por um serviço médico, legalizado e profissionalmente sancionado, o profissional deve se assegurar de que o paciente receberá o cuidado o quanto antes. Quando ocorrer objeção de consciência, deverá encaminhar o paciente a outro profissional que esteja apto a realizar o procedimento. Em situações de emergência, quando o encaminhamento não for possível, ou quando representar um grande fardo para o paciente ou para o sistema de saúde, os profissionais devem prover o serviço eles mesmos.[94]

Suponhamos um paciente que deseje realizar um abortamento voluntário e um médico defensor da vida hu-

93 Consensus statement on conscientious objection in healthcare. *Practical Ethics. Ethics in the News*. University of Oxford. 29 de agosto de 2016. Internet, http://blog.practicalethics.ox.ac.uk/2016/08/consensus-statement-on-conscientious-objection-in-healthcare/.

94 In the event of a conflict between practitioners' conscience and a patient's desire for a legal, professionally sanctioned medical service, healthcare practitioners should always ensure that patients receive timely medical care. When they have a conscientious objection, they ought to refer their patients to another practitioner who is willing to perform the treatment. In emergency situations, when referral is not possible, or when it poses too great a burden on patients or on the healthcare system, health practitioners should perform the treatment themselves.

mana que se negue a matar o feto. Caso esse médico encaminhe sua paciente a um aborteiro, também cometerá um ato imoral. E o uso do termo *cuidado* tem sido feito de forma bem larga ultimamente. Uma prescrição desse tipo nada mais é do que driblar a objeção de consciência e, aos poucos, gerar uma dissonância cognitiva que levará à mudança de atitude.

> 5. [...] As razões oferecidas por profissionais da saúde para objeção de consciência devem ser verificadas por tribunais, que possam atestar sua sinceridade, força e razoabilidade em relação a determinados serviços médicos.[95]

Certos bioeticistas realmente têm a coragem de propor um tribunal da consciência, digno de um Estado distópico saído de uma novela de George Orwell. Há um risco inevitável de perseguição ideológica e religiosa, por meio de um excelente instrumento para o controle tirânico do cidadão comum.

> 6. Legisladores devem assegurar um número suficiente de profissionais sem objeção de consciência em cada região geográfica, para que os pacientes obtenham os serviços desejados em tempo adequado, mesmo que alguns profissionais apresentem objeção de consciência contra a prestação de tais serviços. Isso implica em que autoridades locais sejam autorizadas a contratar com base no fato de que certos profissionais não farão objeção de consciência.[96]

95 Accordingly, in such countries, the reasons healthcare practitioners offer for their conscientious objection could be assessed by tribunals, which could test the sincerity, strength and the reasonability of healthcare practitioners' moral objections to certain medical services.

96 Policy makers should ensure that in any geographical region there is a

Um detalhe assustador é a varredura ideológica geográfica, identificando crenças na população e classificando pessoas conforme sua concordância ou discordância ideológica com a política de uma elite governante.

> 7. Profissionais da saúde que se recusam a realizar certos atos por objeção de consciência devem ser obrigados a compensar a sociedade e ao sistema de saúde por sua falha em cumprir suas obrigações profissionais provendo serviços benéficos ao público.[97]

Sugerem trabalho comunitário forçado por alegação de objeção de consciência, tratando o profissional da saúde que exerce sua liberdade de consciência como um tipo de contraventor ou criminoso.

> 8. Estudantes de medicina não devem ser liberados da aprendizagem de procedimentos básicos que considerem moralmente errados. Mesmo que venham a fazer objeção de consciência, ainda deverá ser obrigatório que façam os procedimentos que geraram a objeção em situações de emergência ou em situações nos quais o encaminhamento é impossível ou implica em um grande fardo sobre os pacientes ou o sistema de saúde.[98]

---

sufficient number of non-conscientious objectors for patients to obtain the medical services they need in a timely manner even if some healthcare practitioners conscientiously object to providing that service. This implies that regional authorities, in order to be able to provide medical services in a timely manner, should be allowed to make hiring decisions on the basis of whether possible employees are willing to perform medical procedures to which other healthcare practitioners have a conscientious objection.

97 Healthcare practitioners who are exempted from performing certain medical procedures on conscientious grounds should be required to compensate society and the health system for their failure to fulfil their professional obligations by providing public-benefitting services.

98 Medical students should not be exempted from learning how to perform

Obrigar alguém a um ato moralmente errado é uma coerção direta e brutal que levará à dissonância cognitiva, tão bem resumida na obra *Maquiavel pedagogo* de Pascal Bernardin.[99] Participar em um ato considerado imoral leva à racionalização desse mesmo ato mediante a culpa que se segue à sua realização. Com o intuito de proteger a integridade psíquica, quase que de forma instintiva, muitas vezes se alteram os valores pessoais e se suprime a moralidade anterior, adaptando-se à imposição externa. Essa proposta coercitiva apela para uma situação que, se concretizada, realizará uma verdadeira lavagem cerebral nos acadêmicos da área da saúde, modificando suas crenças e impondo os valores da tecnocracia no poder.

> 9. Profissionais da saúde deverão ser educados a utilizar formas padronizadas de argumentos legais, éticos e profissionais para identificar e fundamentar suas objeções.[100]
>
> 10. Profissionais de saúde também devem ser educados para que reflitam sobre a influência de erros cognitivos em suas objeções.[101]

---

basic medical procedures they consider to be morally wrong. Even if they become conscientious objectors, they will still be required to perform the procedure to which they object in emergency situations or when referral is not possible or poses too great a burden on patients or on the healthcare system.

99 Pascal Bernardin, *Maquiavel pedagogo*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2013.

100 Healthcare practitioners should be educated to use a framework of decision-making incorporating legal, ethical and professional arguments to identify the basis of their objection.

101 Healthcare practitioners should also be educated to reflect on the influence of cognitive bias in their objections.

Tais prescrições podem ser um convite ao aprendizado da arte da argumentação e da filosofia por um lado, mas também podem servir para a imposição de uma linguagem, uma das mais sutis e irresistíveis formas de se manipular a realidade subjetiva daquele destinado a utilizar os símbolos verbais propostos. É o que se chama de *framing*.

O que essa iluminada rede internacional de bioeticistas transumanistas e filósofos, que fatura pesado para disseminar sob aplausos suas idéias de transformação e controle, quer dizer com a palavra educação e com a proposta de mostrar erros de pensamento é algo provavelmente mais assustador do que reconfortante.

Toda a questão do transumanismo aliada à sanha tecnocrática de controle da consciência alheia e seus impactos na sociedade guardam um elemento intolerável de irresponsabilidade diante do ser humano. Sem dúvida, será um dos grandes temas a serem enfrentados pela nossa geração, e exige de nós uma cuidadosa e séria análise de riscos.

BIBLIOGRAFIA

ALBRECHT, G. L.; DEVELIGER, P. J. *The disability paradox: high quality against all odds*. Social Science & Medicine, 50, 1998, pp. 757–759.

BECKER, Carl. *The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers*. New Haven: Yale University Press, 1978.

BERNARDIN, Pascal. *Maquiavel pedagogo*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2013.

BESANÇON, Alain. *A infelicidade do século: sobre o comunismo, o nazismo e a unicidade da Shoah*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BOSTROM, Nick. *Human enhancement*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

BOSTROM, Nick. *The Transhumanist* FAQ, 1999.

CARSON, D. E. *A intolerância da tolerância*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013.

CARVALHO, Olavo de. *A cólera dos imbecis. Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil — Volume* X. Campinas: Vide Editorial, 2019.

CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural. Fritjof Capra e Antônio Gramsci*. Campinas: Vide Editoral, 2014.

CIORAN, Emile M. "O Mecanismo da Utopia". In: *Cioran: História e utopia*. São Paulo: Rocco Editora LTDA., 2011.

CONSENSUS STATEMENT ON CONSCIENTIOUS OBJECTION IN HEALTHCARE. Practical Ethics. Ethics in the News. University of Oxford, 29 de agosto de 2016. Internet, http://blog.practicalethics.ox.ac.uk/2016/08/consensus-statement-on-conscientious-objection-in-healthcare/

DANIEL-ROPS, André. *A Igreja das catedrais e das cruzadas*. São Paulo: Quadrante, 2012.

EKSTEINS, Modris. *Rites of Spring: The great wave and the birth of the modern age*. Boston, New York: Mariner Books, 1989.

FERNANDES, Edrisi. "As origens iranianas do milenarismo". *Mirabilia*, 14, 2012, pp. 9–34.

FM–2030. *Are You a Transhuman?* New York: Warner Books, 1989.

GLOVER, J. *Choosing Children: Genetics, disability, and design.* Oxford, UK: Clarendon Press, 2006.

GOLDHAGEN, D. *Hitler's willing executioners.* New York: Knopf, 1996.

GONZALEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão: Do início ao Concílio de Calcedônia.* São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

HAHN, H. "Bioethical debates, disability discourse, and a discordant Peter Singer". *Journal of Disability Police Studies*, 17, 2006, p. 191.

HARRIS, J. *Enhancing evolution: The ethical case for making better people.* Princeton, NJ: Princeton University Press, 2007.

HAYLES, N. Katherine. *How We Became Posthuman: Virtual Bodies in Cybernetics, Literature and Informatics.* Chicago: University of Chicago Press. 1999.

HOOK, C. Christopher. "Transhumanism and Posthuma nism". *In*: POST, Stephen G. *Encyclopedia of Bioethics*, vol. v, New York: Macmillan Reference USA, 2004.

HUGHES, J. "Becoming a better person". *TransVision* 06 lecture. *Internet*, http://www.transhumanismi.org/tv06/presentations/James%20Hughes%20-%20Moral%20Cognition.pdf.

JASTROW, Richard. *The Enchanted Loom: Mind in the Universe.* New York: Simon & Schuster, 1981.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica.* Rio de Janeiro: Editora PUC Rio & Contraponto, 2011.

KOCH, Tom. "Bioethics as ideology: Conditional and unconditional values". *Journal of Medicine and Philosophy*, 31, 2006, pp. 351–368.

KOCH, Tom. "Enhancing Who? Enhancing What? Ethics, Bioethics, and Transhumanism". *Journal of Medicine and Philosophy*, 35, 2010, pp. 685–699.

KOCH, Tom. "The ideology of normalcy: The ethics of difference". *Journal of Disability Policy Studies* 16, 2005, pp. 123–129.

KURZWEIL, Raymond. KurzweilAI.net, 2003. *Internet*, http://www.kurzweilai.net

LA METTRIE, Julien Offray de. *Machine man and other writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MCMAHAN, J. *The ethics of killing — problems at the margins of life*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

MIDGLEY, Mary. *Science as Salvation: A Modern Myth and its Meaning*. London & New York: Routledge, 1994.

PERSSON, Ingmar; SAVULESCU, Julian. "Moral Transhumanism". *Journal of Medicine and Philosophy*, 35, 2010, pp. 656–669.

PERSSON, Ingmar; SAVULESCU, Julian. "The perils of cognitive enhancement and the urgent imperative to enhance the moral character of humanity". *Journal of Applied Philosophy*, 25, 2008, pp. 162–177.

PERSSON, Ingmar; SAVULESCU, Julian. *Unfit for the Future. The need for moral enhancement*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

RABINBACH, A. *The Human Motor: Energy, Fatigue, and the origins of Modernity*. New York: Basic Books, 1990.

REICH, W. T. How Bioethics got its name. *The Hastings Center Report* (Special Supplement) 23, 1993, pp. 1–16.

RIEDL, Matthias. *A Collective Messiah: Joachim of Fiore's Constitution of Future Society*, 14, 2012, pp. 57–80.

SINGER, Peter. *Practical ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

TENNISON, Michael N. "Moral Transhumanism: The next step". *Journal of Medicine and Philosophy*, 37(4), 2012, pp. 405–416.

VERMES, Geza. *The Dead Sea Scrolls*. Londres: The Folio Society, 2000, pp. 251–253.

VOEGELIN, Eric. "Science, Politicism and Gnosticism". In: HENNINGSEN, Manfred (editor). *The Collected Works of Eric Voegelin: Modernity Without Restraint*. Columbia, Missouri: University of Misosuri Press, 2000.

VOEGELIN, Eric. *História das idéias políticas — Volume II: Idade Média até Tomás de Aquino*. São Paulo: É Realizações, 2012.

WIKER, Benjamin. *Darwinismo moral: Como nos tornamos hedonistas*. São Paulo: Paulus, 2011.

CAPÍTULO IV

Audiência de custódia — uma digital do globalismo na justiça penal brasileira

Cláudia Rodrigues de Morais Piovezan

No dia 12 de julho de 2019, uma juíza do Rio Grande do Sul, integrante da já conhecida AJD (Associação Juízes para Democracia), um grupo de juízes brasileiros marxistas, concedeu liberdade a seis traficantes que foram presos com 4,6 toneladas de maconha, em uma audiência de custódia, sob o fundamento de que teriam sido agredidos por policiais que efetuaram o flagrante.[1]

No dia 21 de junho de 2019, três dos quatro assassinos de um sargento da reserva da Polícia Militar foram liberados em uma audiência de custódia,[2] em Manaus.

1 https://odiario.net/policia/juiza-manda-soltar-traficantes-presos-com-46-toneladas-de-maconha-por-supostamente-terem-sido-agredidos-por-pms/ [acesso em 21/06/2019, às 11h08].

2 https://www.youtube.com/watch?v=r1Vs2xnfWMQ [acesso em

Na saída do Fórum, os três criminosos foram confrontados por familiares da vítima que estavam indignados com o benefício por eles obtido mesmo após a veiculação das imagens do homicídio covarde que circularam pelo país, principalmente pelas redes sociais. A juíza, por sua vez, entendeu que havia vícios na prova da materialidade e nos indícios de autoria do delito.

Anteriormente, numa tarde de sábado de 19 de janeiro de 2019, ocorreu na cidade de Florianópolis mais uma daquelas audiências de custódia com grande repercussão em todo o país. Foi apresentado para o ato judicial Elian Lucas Ferreira Dias, que fora preso em flagrante pela Polícia Militar de Santa Catarina na posse de um fuzil plataforma COLT 556 e de trinta munições calibre 556.

A juíza de direito que presidiu o ato deliberou, inicialmente, que o preso deveria ser mantido *"algemado visto que havia fundado receio de fuga e perigo à integridade física dos presentes, considerado o diminuto espaço físico da sala de audiência e do aparato policial que realiza a escolta, bem como o movimento intenso de pessoas que transitam diariamente por este fórum"*.

Analisando o fato concreto, a magistrada entendeu que a prisão em flagrante foi legal; que havia indícios fortes de autoria do crime de porte ilegal de arma de fogo de uso restrito — que agora é crime hediondo —, materialmente demonstrado pela apreensão da arma e das munições. Não obstante, a magistrada, reconhecendo que o preso perten-

21/07/2019, às 11h05]. https://www.acritica.com/channels/manaus/news/tres-envolvidos-em-morte-de-sargento-da-pm-sao-soltos-em-audiencia-de-custodia [acesso em 21/07/2019, às 11h10].

cia a uma organização criminosa, concedeu-lhe liberdade provisória justificando que ele não representava perigo para a sociedade, visto que ele era primário, possuía relações com o distrito da culpa e que *"não há nos autos registro que demonstram a periculosidade social efetiva e a real possibilidade de que o conduzido, solto, venha a cometer infrações penais, tão pouco há ações penais em desfavor do indiciado constatando a habitualidade criminosa"*.

Curioso é que para ficar à frente da magistrada, o moço representava sério risco e precisava permanecer algemado, mas para ser colocado na rua para o convívio com os cidadãos de bem que não podem portar ou possuir armas para a sua autodefesa, ele não representava nenhum risco.

Para agravar a situação, a juíza ainda pediu explicações à Polícia Militar sobre o motivo do preso ter sido apresentado sem camisa, afinal, é uma afronta à dignidade do criminoso e da justiça que ele se apresente seminu, mas não é uma ofensa ao povo brasileiro que um perigoso delinqüente, que foi flagrado guardando fuzil e munição do crime organizado, seja devolvido às ruas com o carimbo de bom moço pela justiça.

Felizmente, para salvar um pouco a dignidade das instituições, o Ministério Público recorreu nos três casos e as decisões foram quase que imediatamente reformadas, mas os criminosos já haviam sido colocados na rua, causando enorme dificuldade para a polícia prendê-los novamente.

Essas são apenas algumas pequenas, mas escandalosas amostras do que tem acontecido em salas de audiência

de todo o país e que geram uma enorme indignação no cidadão brasileiro.

Objeto de crítica desde o seu nascedouro, a audiência de custódia foi também objeto de discussão nas eleições de 2018, não apenas em razão do atentado contra o então candidato Jair Bolsonaro, no dia 6 de setembro, mas em especial por sua estreita conexão com a impunidade e com a violência que assolam o país e que foram dois dos temas centrais da campanha do candidato do PSL, que prometeu tentar extingui-la.

A hidra globalista e suas cabeças

Este expediente, não previsto em lei, nasceu no Brasil a partir de um projeto do Conselho Nacional de Justiça, CNJ, e do Tribunal de Justiça de São Paulo, em fevereiro de 2015.[3] O CNJ, conhecido como "Conselhão", foi criado em dezembro de 2004, por meio da Emenda Constitucional 45/2004, juntamente com seu irmão gêmeo, o Conselho Nacional do Ministério Público, no primeiro mandato de Lula. Na época da criação da famigerada audiência, o presidente do CNJ era o presidente do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski, o mesmo que atropelou a Constituição Federal quando permitiu a manutenção dos direitos políticos de Dilma Rousseff na votação do *impeachment*, em agosto de 2016, e assim escandalizou e também esfaqueou o Brasil.

3 http://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario-e-execucao-penal/audiencia-de-custodia [acesso em 28/07/2019, às 15h14].

A partir do projeto-piloto do CNJ com o TJ–SP, lançado em fevereiro de 2015, todos os Tribunais de Justiça do país passaram a assinar termos de adesão ao projeto e impor a juízes, promotores e procuradores da república a realização de um ato judicial não previsto em lei, por meio do qual o preso em flagrante deve ser apresentado a um juiz e a um promotor ou procurador da república, devidamente acompanhado de um advogado, até 24 horas após a comunicação do flagrante. Esse projeto-piloto foi implantado de vez a partir de 15 de dezembro de 2015, por meio da Resolução nº 213/2015 do CNJ.[4]

De acordo com a justificativa inicial, o objetivo seria verificar a legalidade da prisão e se o preso sofrera violência policial, o que sempre fora realizado por meio da comunicação do flagrante para o juiz e para o promotor de justiça. No entanto, a justificativa inicial guardava um segredo, pois o que aparentava ser um doce inocente era, na verdade, um bombom envenenado. Já em 9 de abril de 2015 foram assinados três acordos de cooperação entre CNJ, Ministério da Justiça (na época chefiado por José Eduardo Cardoso, advogado da Dilma) e o IDDD — Instituto de Defesa do Direito de Defesa que tinham por objetivo incentivar a difusão do projeto Audiências de Custódia em todo o país, o uso de medidas alternativas à prisão e a monitoração eletrônica buscando combater a "cultura do encarceramento" que alegavam ter se instalado no Brasil.[5] Ou seja, os acordos firmados pelo CNJ

4 http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=3059 [acesso em 28/07/2019, às 15h14].

5 http://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario-e-execucao-penal/audiencia-de-

logo após o início do projeto da audiência de custódia já demonstraram a quem e a que servia o malfadado ato judicial.

Uma rápida pesquisa sobre o IDDD é suficiente para que coisas estranhas comecem a aparecer.

O IDDD é uma organização da sociedade civil — escritórios de advocacia criminal — de interesse público, fundada em julho de 2000, que trabalha pelo fortalecimento do direito de defesa, segundo informa o seu *site*. Consta no Wikipédia que o IDDD teve como primeiro presidente o ex-ministro da Justiça de Lula, o advogado criminalista Márcio Thomaz Bastos, o mesmo que defendeu banqueiro na Ação Penal 470, no STF, o famoso MENSALÃO, e que afirmou que o mesmo não existiu.[6] O *site* ainda informa que, em 2015, o Instituto contaria com mais de trezentos advogados associados. Ainda que descartemos o Wikipédia, o próprio *site* do IDDD aponta que a Família Bastos é uma das mantenedoras do Instituto.[7]

O *site* do IDDD nos conta que, desde 2011, o Instituto tem um projeto para implantação das audiências de custódia, inclusive buscando a aprovação de legislação no Senado Federal, e conta com a parceria de várias outras ONGs já bem conhecidas, inclusive a Associação Ju-

---

-custodia/historico [acesso 21/07/2019, às 12h10].

6 http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2012/08/marcio-thomaz-barros-o-mensalao-nao-existiu.html [acesso em 28/07/2019 às 15h16].

7 http://www.iddd.org.br/?post_type=parceiros [acesso em 28/07/2019, às 15h17].
http://www.iddd.org.br/index.php/quem-somos/ [acesso em 28/07/2019, às 15h18].

ízes para Democracia[8] e a Rede Justiça Criminal, que é apoiada pela Open Society, OAK Foundation e Instituto Betty e Jacob Lafer, dos donos da Klabin, e pelo Instituto Sou da Paz.[9]

Vejamos quem são alguns dos financiadores do IDDD.[10]

A OAK Foundation, o Movimento Arredondar, que arrecada dinheiro para enviar para a ONU, o Instituto Betty e Jacob Lafer, e o Fundo Brasil de Direitos Humanos, uma ONG financiada pela Fundação Ford, e pela Open Society Foundations, a ONG criada e financiada pelo bilionário George Soros, que derrama dinheiro no Brasil e no mundo para defender pautas diversitárias e globalistas.[11]

Para saber quem é Soros, indico dois livros bem fáceis de ler: *Introdução à Nova Ordem Mundial*, de Alexandre Costa, e *Do partido das sombras ao governo clandestino*, de David Horowitz e John Perazzo. Com as informações destes livros, fica evidente que quem está determinando a mudança da legislação do Congresso e as pautas de atuação penal e processual penal do CNJ e, por conseqüência, de todo o Judiciário e Ministério Público, são ONGs financiadas por famílias dinásticas nacionais e estrangeiras, ONGs de advogados criminalistas e juízes marxistas. Em

8 http://www.iddd.org.br/index.php/projetos/audienciadecustodia__[acesso em 30/07/2019, às 09h48].

9 https://redejusticacriminal.org/pt/about/__[acesso em 30/07/2019, às 09h50].

10 http://www.iddd.org.br/?post_type=parceiros [acesso em 28/07/2019, às 15h17].

11 https://gife.org.br/instituto-betty-jacob-lafer-chega-ao-gife-em-2018/ [acesso em 28/07/2019, às15h19]. https://www.sigrid-rausing-trust.org/ [acesso em 28/07/2019, às 15h20].

outras palavras são essas ONGs e escritórios milionários de advocacia criminal que ordenam que os intelectuais orgânicos espalhem mentiras como a do encarceramento em massa e que o criminoso é vítima da sociedade.[12]

Mas o problema é ainda mais grave. Recebi de um amigo um *banner* digital sobre um curso gratuito, de trinta horas, que ocorreria em Minas Gerais, chamado Curso de Capacitação de Desencarceradores Populares. Resolvi verificar quem promove o curso e encontrei no próprio *banner* o Instituto DH, o Labtrab, o Fundo Brasil de Direitos Humanos e um quarto envolvido que não foi possível identificar.

Não há muita informação sobre a ONG DH além do que consta em sua página no Facebook, ou seja, que realiza eventos relacionados a promover a idéia de encarceramento em massa, mas descobri que o Labtrab é o Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Cárcere e Direitos Humanos, da UFMG, e que o Fundo Brasil de Direitos Humanos foi criado em 2006, com a missão de *"promover o respeito aos direitos humanos no brasil, construindo mecanismos inovadores e sustentáveis que canalizem recursos para fortalecer organizações da sociedade civil e para desenvolver a filantropia de justiça social"* e com financiamento de US$3.000.000,00, (TRÊS MILHÕES DE DÓLARES) da Fundação Ford[13] em parceria com o IDDD!

---

12 Sobre as falácias do encarceramento em massa: https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/o-mito-do-encarceramento-em-massa_[acesso em 28/07/2019, às 15h16]; http://www.puggina.org/artigo/outrosAutores/a-prisao-da-verdade/10797_[acesso em 28/07/2019, às 15h16].

13 https://www.facebook.com/inst.DH/_[acesso em 28/07/2019, às 15h23]; http://www.fafich.ufmg.br/labtrab/ [acesso em 28/07/2019, às 15h24]; http://fundodireitoshumanos.org.br/quem-somos/historia/__[acesso em

Portanto, o que aparenta ser um ato muito inocente, caridoso e impregnado de "direitos humanos" guarda uma série de aspectos e conseqüências que têm gerado revolta entre policiais, promotores e juízes e mais ainda na população brasileira, que tem sido vítima, anualmente, de mais de 60 mil homicídios dolosos e latrocínios, cerca de 50 mil homicídios culposos no trânsito, milhões de roubos e furtos, dezenas de milhares de estupros, e do controle absoluto do narcotráfico, apenas para ficarmos nos crimes mais graves. Ademais, a imposição da audiência de custódia por meio de mera resolução pelo CNJ escancara uma atividade que tem sido realizada pelos Conselhos Nacionais de Justiça e do Ministério Público e, sobretudo, pelo Supremo Tribunal Federal, que cria insegurança e caos jurídico, que é o que já ficou conhecido vulgarmente como ATIVISMO JUDICIAL. Não é preciso entrar na questão do ativismo judicial ou na discussão sobre a inconstitucionalidade da audiência realizada por meio de resolução e liminar.

Será coincidência que isso se tenha dado quando o Brasil passou a processar, condenar e prender banqueiros, políticos e empresários milionários e o narcotráfico tomou conta do país e aparelhou diversos órgãos de Estado?

Mas ainda há outros personagens envolvidos nessa trama sórdida. Para reforçar o ativismo do CNJ, que sempre conta com o apoio de diversos segmentos esquerdistas e globalistas, o Partido Socialismo e Liberdade, mais conhecido como PSOL, protocolou, em 24 de maio de

28/07/2019, às 15h23]; http://www.cnj.jus.br/sistema-carcerario-e-execucao-penal/audiencia-de-custodia [acesso em 28/07/2019, às 15h23].

2015, no Supremo Tribunal Federal uma Ação de Argüição de Descumprimento de Preceito Fundamental, que ficou conhecida como ADPF 347,[14] na qual requereu à corte cautelarmente, dentre outras coisas, a obrigação de realizar a audiência de custódia, em cumprimento aos art. 93 do Pacto dos Direitos Civis e Políticos e 75 da Convenção Interamericana de Direitos Humanos (cf. anexo I, p. 121), exatamente um dos fundamentos da Resolução do CNJ.

Em agosto do mesmo ano (ressalto a celeridade e eficiência da corte, que deixa inquéritos policiais importantes prescreverem e tem processos há décadas em suas prateleiras), houve a primeira sessão de julgamento dessa ADPF no STF, para decidir sobre o pedido cautelar. No início de setembro de 2015, houve a seqüência do julgamento, no qual foi dado provimento, dentre outros, ao pedido cautelar de realização de audiência de custódia por todos os juízes e tribunais do país (cf. anexo II, p. 124).

A justificativa foi dar cumprimento ao Pacto de San Jose da Costa Rica, que é a Convenção Americana de Direitos Humanos, de 1969, que, basicamente repete em seu art. 75, o que consta no Pacto dos Direitos Civis e Políticos, da ONU, de 1966. Nos considerandos da corte e do CNJ, o Brasil é sempre colocado como um país atrasado e violador de direitos humanos, como se não houvesse nada parecido ou pior em outros países, o que não é nada verdadeiro.

14 portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=4783560 [acesso 21/07/2019, às 11h40]; file:///C:/Users/CRMPIO~1/AppData/Local/Temp/paginador.jsp–1.pdf [acesso 21/07/2019, às 11h30]; portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=4783560 [acesso 21/07/2019, às 12h38].

Primeiramente, os textos das convenções não exigem que o preso seja apresentado apenas ao juiz e nem em apenas 24 horas:

> Toda pessoa detida ou retida deve ser conduzida, sem demora, à presença de um juiz ou outra autoridade autorizada pela lei a exercer funções judiciais e tem direito a ser julgada dentro de um prazo razoável ou a ser posta em liberdade, sem prejuízo de que prossiga o processo. Sua liberdade pode ser condicionada a garantias que assegurem o seu comparecimento em juízo (Art. 75, do Pacto de San Jose da Costa Rica).

> Qualquer pessoa presa ou encarcerada em virtude de infração penal deverá ser conduzida, sem demora, à presença do juiz ou de outra autoridade habilitada por lei a exercer funções judiciais e terá o direito de ser julgada em prazo razoável ou de ser posta em liberdade. A prisão preventiva de pessoas que aguardam julgamento não deverá constituir a regra geral, mas a soltura poderá estar condicionada a garantias que assegurem o comparecimento da pessoa em questão à audiência, a todos os atos do processo e, se necessário for, para a execução da sentença (Art. 93, do Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos).

No sistema federal americano, por exemplo, não é o juiz quem faz a audiência (*bail review hearing*) que corresponde à nossa audiência de custódia, mas sim um auxiliar do juiz ou uma espécie de juiz de paz (*judicial officer or magistrate*) e apenas após a realização de um estudo da vida do preso, por uma equipe de apoio, que subsidia esse auxiliar da justiça na tomada de decisão acerca de conceder liberdade ou não e sob quais condições.[15]

15 https://www.justice.gov/jm/criminal-resource-manual-26-release-an-

Com relação à justiça estadual americana, cada estado tem sua própria regra. A Califórnia, por exemplo, prevê que o preso deve ser apresentado para a audiência em 48 horas, exceto domingos e feriados.[16] Na Flórida, a audiência deve ocorrer em 24 horas, é realizada por um juiz ou por um auxiliar da justiça, presencialmente ou por vídeo.[17] Recentemente, o CNJ proibiu a realização de audiências de custódia por vídeo, alegando ser direito do réu ser visto pessoalmente pelo juiz.

No Reino Unido (exceto Escócia), a polícia pode deter um suspeito por 24 horas sem qualquer acusação e o prazo pode ser de 36 a 96 horas se for um crime grave como um homicídio e, se a suspeita for de terrorismo, pode chegar a catorze dias, antes de soltá-lo ou indiciá-lo e apresentá-lo a uma corte.[18]

Essa breve abordagem sobre como se procede em alguns países considerados mais avançados demonstra os excessos da justiça brasileira na defesa do criminoso.

Em julho de 2001, na condição de tradutora, eu acompanhei um grupo de promotores de justiça, juízes e advogados, num intercâmbio de uma semana em uma universidade do Estado da Florida, nos Estados Unidos. Entre várias aulas e visitas a órgãos públicos, estivemos em um

---

d-detention-pending-judicial-proceedings–18-usc–3141-et [acesso em 28/07/2019, às 11h30].

16 https://www.wklaw.com/wait-before-going-to-court/ [acesso em 28/07/2019, às 11h40].

17 https://www.nolo.com/legal-encyclopedia/arraignment-florida.html [acesso em 28/07/2019, às 11h50].

18 https://www.gov.uk/arrested-your-rights/how-long-you-can-be-held-in-custody [acesso em 28/07/2019, às 12h35].

tribunal, onde tivemos a oportunidade de acompanhar uma audiência similar à audiência de custódia.

Na sala, na presença do juiz ou do seu auxiliar, estavam um advogado, o promotor, uma psicóloga e uma assistente social. O preso apareceu numa tela, pois a audiência se deu por videoconferência.

O rapaz fora preso na noite anterior. Ao longo da noite e da madrugada, a psicóloga havia entrevistado o preso e também obtido seu histórico médico. A assistente social havia visitado e entrevistado a família, os vizinhos, amigos etc. Ao longo da audiência, o juiz ouviu o preso, o advogado, o promotor e os relatos da psicóloga e da assistente social, a fim de estar apto para decidir se o preso poderia ser colocado em liberdade ou não.

O Brasil resolveu importar a audiência de custódia, mas só importou uma pequena parte, aquela "para inglês ver" e para atender aos interesses da governança mundial, que não é a busca da verdade e da pacificação social, mas, sub-repticiamente, aprofundar o caos e destruir o tecido social e se impor como autoridade máxima, sobrepondo-se à soberania nacional.

Antes da audiência de custódia

À época em que ingressei no Ministério Público, há muitos anos, quando alguém era preso em flagrante o **delegado** de polícia lavrava o auto de prisão e **poderia arbitrar fiança apenas se o crime fosse punido com detenção ou prisão simples.** Fora isso, o auto de prisão em flagrante

era encaminhado ao Juiz, que dava vista ao Ministério Público, que analisava se havia sido observada a formalidade do ato, se estava presente alguma das hipóteses da prisão em flagrante. Se estivesse tudo certo, dava-se por ciente e requeria ao juiz a homologação do ato realizado pelo delegado de polícia. O juiz poderia conceder liberdade provisória, se não houvesse qualquer hipótese que autorizasse a prisão preventiva.

Na prática, se não houvesse nulidades no flagrante, **geralmente o flagranteado permanecia preso,** visto que apenas pelo auto de prisão em flagrante não era possível verificar se ele possui emprego lícito, residência fixa no local do crime, antecedentes criminais etc. e para obter liberdade provisória, o preso então necessitava que um advogado formulasse pedido dirigido ao juiz demonstrando documentalmente que possuía endereço fixo, emprego lícito, ausência de antecedentes criminais e que não se enquadrava em alguma hipótese que permitia a sua prisão preventiva.

Em 2011 ocorreu uma reforma no Código de Processo Penal, que excluiu o Ministério Público da apreciação do auto de prisão em flagrante e que **permitiu que o juiz, sem ouvir o Ministério Público,** que é o titular da ação penal e representa a sociedade e a vítima no processo penal, **relaxe o flagrante, conceda liberdade provisória ou converta a prisão em flagrante em prisão preventiva.** Desta forma, o promotor de justiça passou a tomar ciência da prisão ao mesmo tempo em que toma ciência de eventual relaxamento da prisão ou da liberdade provisória concedida ao autor do crime, não lhe cabendo mais opinar

previamente, mas apenas recorrer da decisão em caso de discordância.

Além disso, a reforma de 2011 permitiu que o **delegado de polícia arbitre fiança caso o crime tenha pena privativa de liberdade, inclusive de reclusão, não superior a quatro anos**, expandindo assim a possibilidade do **preso ser colocado rapidamente em liberdade**. Na prática, temos visto inúmeros criminosos reincidentes sendo colocados na rua, indevidamente, pela autoridade policial, que, por vezes, nem consulta os antecedentes do flagranteado e nem a lei exige que o faça.

Em 2015 surgiu a audiência de custódia e agravou o problema.

Como funciona a audiência de custódia

Atualmente, se o indivíduo é preso em flagrante, o juiz recebe imediatamente o auto de prisão em flagrante. Caso decrete a prisão preventiva do sujeito, ele será encaminhado para a audiência de custódia, no mesmo dia ou no dia seguinte, se possível.

Um rápido vislumbre do que exige o CNJ no ato da audiência de custódia é necessário para entender o clamor contra esse ato processual. Assim encontra-se redigido o art. 8°, da Resolução 213/2015, do CNJ:

Art. 8° na audiência de custódia, a autoridade judicial entrevistará a pessoa presa em flagrante, devendo:

i. Esclarecer o que é a audiência de custódia, ressaltando as questões a serem analisadas pela autoridade judicial;

II. Assegurar que a pessoa presa não esteja algemada, *salvo em casos de resistência e de fundado receio de fuga ou de perigo à integridade física própria ou alheia, devendo a excepcionalidade ser justificada por escrito;*

III. Dar ciência sobre seu direito de permanecer em silêncio;

IV. Questionar se lhe foi dada ciência e efetiva oportunidade de exercício dos direitos constitucionais inerentes à sua condição, particularmente o direito de consultar-se com advogado ou defensor público, o de ser atendido por médico e o de comunicar-se com seus familiares;

V. Indagar sobre as circunstâncias de sua prisão ou apreensão;

VI. Perguntar sobre o tratamento recebido em todos os locais por onde passou antes da apresentação à audiência, questionando sobre a ocorrência de tortura e maus tratos e adotando as providências cabíveis;

VII. Verificar se houve a realização de exame de corpo de delito, determinando sua realização nos casos em que:

A) não tiver sido realizado;

B) os registros se mostrarem insuficientes;

C) a alegação de tortura e maus tratos referir-se a momento posterior ao exame realizado;

D) o exame tiver sido realizado na presença de agente policial, observando-se a recomendação CNJ *49/2014 quanto à formulação de quesitos ao perito;*

VIII. Abster-se de formular perguntas com finalidade de produzir prova para a investigação ou ação penal re-

LATIVAS AOS FATOS OBJETO DO AUTO DE PRISÃO EM FLAGRANTE;

IX. Adotar as providências a seu cargo para sanar possíveis irregularidades;

X. Averiguar, por perguntas e visualmente, hipóteses de gravidez, existência de filhos ou dependentes sob cuidados da pessoa presa em flagrante delito, histórico de doença grave, incluídos os transtornos mentais e a dependência química, para analisar o cabimento de encaminhamento assistencial e da concessão da liberdade provisória, sem ou com a imposição de medida cautelar.

Ou seja, se o criminoso for mantido preso por decisão do juiz do plantão ou se não houver tempo de o plantão analisar sua prisão, será imediatamente — no máximo em 24 horas — levado para a audiência de custódia, na qual se "sentam" no banco dos réus, juntamente com o preso, os policiais que fizeram a sua prisão e o delegado de polícia que lavrou o seu flagrante. Além disso, se sua prisão preventiva já tiver sido decretada no plantão judiciário, juntam-se ao grupo dos réus a serem julgados pelo criminoso, o juiz que decretou sua prisão preventiva, o promotor que tomou ciência da decisão que decretou a prisão preventiva e, não raras vezes, a própria vítima.

Sim, isso mesmo, passados em julgamento todos os agentes públicos que tiveram contato com o preso e com o seu auto de prisão em flagrante, podem ser submetidos ao tribunal do preso a vítima e populares que eventualmente tenham colaborado para a detenção do agente do

crime, sem direito ao contraditório, **sem que o policial que efetuou a prisão possa estar presente no ato (Art. 4º da Resolução 213/2015, do** CNJ), para não constranger o preso ou ofender a sua dignidade.

Apenas com algumas peças que formam o auto de prisão em flagrante, Ministério Público e defesa se manifestam e o juiz decide se o colocará em liberdade, se lhe aplicará alguma medida alternativa à prisão ou se o manterá preso, lembrando que o objetivo verdadeiro da audiência de custódia é colocar o criminoso na rua, como é o desejo de todas aquelas ONGs que tanto lutaram para que o ato fosse implantado, ainda que sem lei, num claro exercício de laxismo penal, que nas palavras de Volney Corrêa Leite de Moraes Júnior,

> é a tendência a propor a) situação absolutória, mesmo quando as evidências do processo apontem em direção oposta, ou b) punição benevolente, desproporcionada à gravidade do delito, às circunstâncias do fato e à periculosidade do condenado, tudo sob o pretexto de que, vítima do fatalismo socioeconômico, o delinqüente sujeite-se quando muito a reprimenda simbólica.[19]

Pois bem, ali, naquele ato, o preso pode falar o que quiser, acusar quem quiser, utilizar de todo e qualquer discurso vitimista de que se lembrar. É pobre, está desempregado, tem inimizade com os policiais, é viciado em drogas, é alcoólatra, a vítima mentiu, estava só passando na rua... Ou ainda que tem emprego, que sustenta a família, que

19 Ricardo Dip e Volney Corrêa Leite de Moraes Jr, *Crime e castigo: reflexões politicamente incorretas*. Campinas: Millennium 2002, p. 2.

nunca delinqüiu, enfim, desfiar uma longa lista de mentiras e desculpas, com pouca chance de ser confrontado.

O juiz, o promotor e o advogado estão ali para afagá-lo e para tentar satisfazer os seus desejos.

Na prática, o preso alega sua inocência sem que a vítima tenha direito ao contraditório. Ele acusa policiais de tortura, mas eles não podem estar presentes e nem ser ouvidos e o promotor e o juiz estão impedidos de lhe perguntar sobre o ato criminoso que teria dado causa à sua prisão.

Ao final, não obstante por vezes sua prisão já ter sido decretada por outro juiz, o do plantão, o juiz que realiza a audiência de custódia, sem ser órgão de revisão, estando na mesma instância do juiz do plantão, pode conceder liberdade provisória ao preso, ao seu talante, o que simplesmente era inimaginável há poucos anos. Sem qualquer comprovação de domicílio, sem comprovação de emprego lícito e muitas vezes com uma longa lista de antecedentes criminais e infracionais, ele é colocado na rua, mediante um compromisso fictício de que estará à disposição do juízo quando for chamado. E a cereja do bolo é requisitar investigação contra os policiais que prenderam o criminoso, diante de alegação de abuso.

Neste viés, tenho visto situações aberrantes durante audiências de custódia e também depois delas, tamanho o descrédito que se tem dado aos agentes públicos que têm contato com criminosos e tamanha confiança depositada na sua palavra, seguindo a velha e equivocada idéia rousseauniana do "bom selvagem".

Em 2018, vivi uma situação surreal em uma audiência de custódia. Entrou o preso e a juíza perguntou como tinha se dado a sua prisão. Ele respondeu que tinha tentado fugir da penitenciária. A juíza olhou aturdida, sem entender muito bem e perguntou por que ele estava na penitenciária e ele respondeu que estava cumprindo pena de 45 anos, por "latrô" e homicídio. A juíza, sem entender nada, passou-me a palavra e, com o auto de prisão em flagrante e algumas perguntas, consegui desvendar o mistério.

O sujeito estava preso havia alguns anos, cumprindo pena de 45 anos de reclusão, por latrocínio, homicídio. Tinha na ficha outros tantos crimes pendentes de julgamento e tinha tentado fugir destruindo a parede e as grades da penitenciária e por isso tinha sido preso em flagrante pelos danos causados ao patrimônio público durante a tentativa de fuga. O sujeito mobilizou uma escolta policial para levá-lo da penitenciária para o Fórum para que a juíza pudesse ver que nada tinha lhe acontecido quando tentara fugir, que nenhum agente público o tocara durante a prisão em flagrante.

Terminada a audiência, o condenado foi levado de volta à penitenciária para cumprir o restante de sua pena ou tentar nova fuga.

Abro um parêntesis para esclarecer ao leitor que neste país que devota grande amor ao bandido, se ele destruir um bem público para fugir, nossos tribunais entendem que ele não pratica crime porque seu objetivo era fugir e não destruir o bem, que apenas configurava **um obstáculo ao seu legítimo desejo de buscar a liberdade, inobstante a conduta esteja prevista no artigo 163, § único, III, do Có-**

digo Penal. Num raciocínio semelhante, recentemente, o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul entendeu que o criminoso em fuga que atirar contra policiais não pratica necessariamente tentativa de homicídio.[20]

Foram inúmeras as vezes em que o preso foi colocado em liberdade sem nenhuma checagem sobre seu endereço ou mesmo ele tendo informado ser morador de rua. Quando se tentou a sua intimação, não foi encontrado, por óbvio. Pedi a prisão preventiva, o juiz indeferiu porque achou a medida excessiva. Então pedi para colocar tornozeleira eletrônica, que sabemos ser uma farsa, e o juiz indeferiu porque a medida não seria compatível com sua situação de morador de rua.

Na prática, a depender de sua excelência, o magistrado, se o sujeito não for foragido da prisão, independentemente do tipo de crime praticado, de sua gravidade, dos seus antecedentes, será colocado em liberdade, sem comprovar endereço, sem comprovar ocupação lícita, mas com o "grave e firme compromisso" de comparecer mensalmente em juízo.

Dois meses depois, sendo otimista, sem ter comparecido uma vez sequer ao juízo, conforme compromissado e cientificado, o Ministério Público será intimado para se manifestar sobre o descumprimento da medida. Independentemente do parecer do Ministério Público, o juiz determinará que seja intimado para justificar o descumprimento. Na prática, ou o sujeito não será encontrado

20 https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/atirar-contra-policiais-nao-necessariamente-e-tentativa-de-homicidio-decide-tribunal/ [acesso em 28/07/2019, às 15h12].

porque não tem endereço certo nos autos ou porque é morador de rua, mas isso não é relevante no momento de decidir colocá-lo na rua, ou ele dirá que não compareceu porque não sabia que tinha que ir mensalmente ao Fórum. E então lhe será dada nova oportunidade.

Pode parecer sem sentido, mas posso assegurar que isso ocorre com muita freqüência, inclusive comigo.

Mas não bastasse a audiência de custódia ter de ser realizada em casos de prisão em flagrante, agora ela também é realizada quando a polícia cumpre um mandado de prisão e, pior, estão querendo que o juiz da audiência de custódia revogue prisão decretada por juiz que está prevento para julgar o crime e que, conhecendo o processo, entendeu que ele deveria ser preso, simplesmente passando por cima do princípio do juiz natural.

Já estamos realizando audiência de custódia quando condenados praticam crimes na prisão para ver se ele foi bem tratado no momento em que o agente penitenciário lhe deu voz de prisão pelo novo crime. E agora também há audiências de custódia aos sábados, domingos e feriados.

Assim, graças ao incansável trabalho de todos esses grupos de pressão, agora temos a UPA criminal, a Unidade de Pronto Atendimento ao criminoso, onde quem recebe tratamento emergencial é a doença e não o doente. O objetivo da equipe não é salvar o doente, mas permitir que a doença possa voltar a agir livremente, no tempo mais curto possível.

Como diz meu amigo Bruno Amorin Carpes,[21] "a audiência de custódia poderia ser chamada de pesquisa imediata de satisfação de presos", ao que acrescenta a colega Ludmila Lins Grilo: "A audiência de custódia é um caríssimo SAC [serviço de atendimento ao cliente], onde o preso pode descarregar toda a sua insatisfação com o serviço prestado por quem o prendeu — o policial, que nada poderá dizer na audiência. Esse expediente é o retrato mais atual da bandidolatria".

O Brasil precisava da audiência de custódia?

Como já foi dito, os Pactos Internacionais que, em 2015, o CNJ, o PSOL e o STF decidiram que o Brasil precisava obedecer, existem desde 1966 e 1969. O primeiro deles teve a adesão do Brasil aprovada pelo Congresso entre os anos de 1991 e 1992, conforme decreto 592, de 06 de julho de 1992,[22] e isso nunca foi um grande problema porque em nosso país o preso é apresentado imediatamente ao delegado de polícia, que é bacharel em Direito, aprovado em concorrido concurso público, integra a polícia civil e judiciária e que é uma espécie de *longa manus* do juiz de direito e do Ministério Público criminais.

É o delegado de polícia quem esclarece ao preso os seus direitos, quem lhe indaga se foi submetido a alguma violência ou abuso, quem lhe pergunta se tem advogado

21 https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/audiencia-de-custodia-o-simbolo-da-impunidade-1pd691p9yb24pbrms3ju322mb/ [acesso em 28/07/2019, às 15h10]

22 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm [acesso em 28/07/2019, às 14h45].

e se quer entrar em contato com o advogado e seus familiares e, por fim, quem primeiro analisa a legalidade da prisão, quem o autua em flagrante, ou não, e se entender que não há situação de flagrante ou nem mesmo crime, já o coloca imediatamente em liberdade, é quem lhe arbitra fiança em crimes com pena máxima de quatro anos ou menos. Por que não confiar na lisura e boa-fé do delegado de polícia, se recentemente o Congresso Nacional aprovou a Lei 13.827, de 13 de maio de 2019, que permite ao delegado de polícia e ao policial arbitrar medidas protetivas em casos de violência doméstica, o que antes só cabiam ao juiz de direito?[23]

Alguma resistência foi oferecida pela cúpula do Ministério Público brasileiro? Nenhuma, que eu saiba. Alguma resistência foi oferecida pelos tribunais brasileiros? Nenhuma que eu saiba.

Parece contraditório? Sim. Mas o plano é exatamente esse, a destruição das bases do Direito, desde dentro, por meio de decisões e leis contraditórias e injustas. Não era a idéia de Karl Marx, desde o Manifesto do Partido Comunista, subverter todo o sistema de justiça burguês? A missão está sendo cumprida.

Conclusão

A audiência de custódia, que parece um simples ato judicial e processual penal, é um exemplo de como o globalismo, com seus tentáculos, atua em nosso cotidiano sem

23 https://legis.senado.leg.br/norma/30940759/publicacao/30940872 [acesso em 28/07/2019, às 14h50].

que sequer saibamos da sua existência, sem que conheçamos seus agentes, seus métodos e seus instrumentos de atuação.

A imposição da audiência de custódia, sem um mínimo de resistência é um ato evidente de subserviência da justiça brasileira a organismos internacionais que violam a soberania nacional, tentando e, muitas vezes, conseguindo nos impor suas próprias leis, criadas por burocratas globalistas e marxistas que nunca se submeteram ao crivo do sufrágio popular, sem qualquer respeito aos nossos interesses e aos nossos costumes.

Para isso, contam com o irrestrito apoio e auxílio de STF, CNJ, CNMP, MP, de partidos políticos de esquerda e de ONGs financiadas por fundações de bilionários internacionais, que permitem e fomentam a livre atuação da governança mundial dentro das instituições públicas brasileiras.

ANEXOS

ANEXO I

Da medida cautelar:

210. Diante do exposto, configurada a verossimilhança das alegações de fato e de direito constantes nesta ADPF, bem como caracterizada a necessidade de adoção urgente de medidas voltadas ao equacionamento das gravíssimas violações aos direitos fundamentais dos presos brasileiros, em seu proveito e em prol da segurança de toda a sociedade, requer o argüente, com fundamento no art. 5º da Lei nº 9.882/99, a concessão de medida cautelar, a fim de que esta Corte Suprema, até o julgamento definitivo da ação:

a) Determine a todos os juízes e tribunais que, em cada caso de decretação ou manutenção de prisão provisória, motivem expressamente as razões que impossibilitam a aplicação das medidas cautelares alternativas à privação de liberdade, previstas no art. 319 do Código de Processo Penal.
b) Reconheça a aplicabilidade imediata dos arts. 93 do Pacto dos Direitos Civis e Políticos e 75 da Convenção Interamericana de Direitos Humanos, determinando a todos os juízes e tribunais que passem a realizar audiências de custódia, no prazo máximo de 90 dias, de modo a viabilizar o comparecimento do preso perante a autoridade judiciária em até 24 horas contadas do momento da prisão.
c) Determine aos juízes e tribunais brasileiros que passem a considerar fundamentadamente o dramático quadro fático do sistema penitenciário brasileiro no momento de concessão de cautelares penais, na aplicação da pena e durante o processo de execução penal.
d) Reconheça que como a pena é sistematicamente cumprida em condições muito mais severas do que as admitidas pela ordem jurídica, a preservação, na medida do possível, da proporcionalidade e humanidade da sanção impõe que os juízes brasileiros apliquem, sempre que for viável, penas alternativas à prisão.
e) Afirme que o juízo da execução penal tem o poder-dever de abrandar os requisitos temporais para a fruição de benefícios e direitos do preso, como a progressão de regime, o livramento condicional e a suspensão condicional da pena, quando se evidenciar que as condições de efetivo cumprimento da pena são significativamente mais severas do que as previstas na ordem jurídica e impostas pela sentença condenatória, visando assim a preservar, na medida do possível, a proporcionalidade e humanidade da sanção.

f) Reconheça que o juízo da execução penal tem o poder-dever de abater tempo de prisão da pena a ser cumprida, quando se evidenciar que as condições de efetivo cumprimento da pena foram significativamente mais severas do que as previstas na ordem jurídica e impostas pela sentença condenatória, de forma a preservar, na medida do possível, a proporcionalidade e humanidade da sanção.
g) Determine ao Conselho Nacional de Justiça que coordene um ou mais mutirões carcerários, de modo a viabilizar a pronta revisão de todos os processos de execução penal em curso no país que envolvam a aplicação de pena privativa de liberdade, visando a adequá-los às medidas "e" e "f" acima.
h) Imponha o imediato não contingenciamento das verbas existentes no Fundo Penitenciário Nacional — FUNPEN, e vede à União Federal a realização de novos contingenciamentos, até que se reconheça a superação do estado de coisas inconstitucional do sistema prisional brasileiro.

No Mérito requer:

a) Declarar o estado de coisas inconstitucional do sistema penitenciário brasileiro.
b) Confirmar as medidas cautelares aludidas acima.
c) Determinar ao Governo Federal que elabore e encaminhe ao STF, no prazo máximo de três meses, um plano nacional ("Plano Nacional") visando à superação do estado de coisas inconstitucional do sistema penitenciário brasileiro, dentro de um prazo de três anos. O Plano Nacional deverá conter propostas e metas específicas para a superação das graves violações aos direitos fundamentais dos presos em todo o país, especialmente no que toca à (I) redução da superlotação dos presídios; (II) contenção e reversão do processo

de hiperencarceramento existente no país; (III) diminuição do número de presos provisórios; (IV) adequação das instalações e alojamentos dos estabelecimentos prisionais aos parâmetros normativos vigentes, no que tange a aspectos como espaço mínimo, lotação máxima, salubridade e condições de higiene, conforto e segurança; (V) efetiva separação dos detentos de acordo com critérios como sexo, idade, situação processual e natureza do delito; (VI) garantia de assistência material, de segurança, de alimentação adequada, de acesso à justiça, à educação, à assistência médica integral e ao trabalho digno e remunerado para os presos; (VII) contratação e capacitação de pessoal para as instituições prisionais; (VIII) eliminação de tortura, de maus tratos e de aplicação de penalidades sem o devido processo legal nos estabelecimentos prisionais; (IX) adoção de medidas visando a propiciar o tratamento adequado para grupos vulneráveis nas prisões, como mulheres e população LGBT.

O Plano Nacional deve conter, também, a previsão dos recursos necessários para a implementação das suas propostas, bem como a definição de um cronograma para a efetivação das medidas de incumbência da União Federal e de suas entidades.

d) Submeter o Plano Nacional à análise do Conselho Nacional de Justiça, da Procuradoria Geral da República, da Defensoria Geral da União, do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil, do Conselho Nacional do Ministério Público, e de outros órgãos e instituições que queiram se manifestar sobre o mesmo, além de ouvir a sociedade civil, por meio da realização de uma ou mais audiências públicas.

e) Deliberar sobre o Plano Nacional, para homologá-lo ou impor medidas alternativas ou complementares, que o STF reputar necessárias para a superação do es-

tado de coisas inconstitucional. Nesta tarefa, a corte pode se valer do auxílio do Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas do Conselho Nacional de Justiça.

f) Após a deliberação sobre o Plano Nacional, determinar ao governo de cada Estado e do Distrito Federal que formule e apresente ao STF, no prazo de três meses, um plano estadual ou distrital, que se harmonize com o Plano Nacional homologado, e que contenha metas e propostas específicas para a superação do estado de coisas inconstitucional na respectiva unidade federativa, no prazo máximo de dois anos. Cada plano estadual ou distrital deve tratar, no mínimo, de todos os aspectos referidos no item "c" supra, e conter a previsão dos recursos necessários para a implementação das suas propostas, bem como a definição de um cronograma para a efetivação das mesmas.

g) Submeter os planos estaduais e distrital à análise do Conselho Nacional de Justiça, da Procuradoria Geral da República, do Ministério Público da respectiva unidade federativa, da Defensoria Geral da União, da Defensoria Pública do ente federativo em questão, do Conselho Seccional da OAB da unidade federativa, e de outros órgãos e instituições que queiram se manifestar. Submetê-los, ainda, à sociedade civil local, em audiências públicas a serem realizadas nas capitais dos respectivos entes federativos, podendo a corte, para tanto, delegar a realização das diligências a juízes auxiliares, ou mesmo a magistrados da localidade, nos termos do art. 22, II, do Regimento Interno do STF.

h) Deliberar sobre cada plano estadual e distrital, para homologá-los ou impor outras medidas alternativas ou complementares que o STF reputar necessárias

para a superação do estado de coisas inconstitucional na unidade federativa em questão. Nessa tarefa, mais uma vez, a Corte Suprema pode se valer do auxílio do Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas do Conselho Nacional de Justiça.

i) Monitorar a implementação do Plano Nacional e dos planos estaduais e distrital, com o auxílio do Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas do Conselho Nacional de Justiça, em processo público e transparente, aberto à participação colaborativa da sociedade civil, até que se considere sanado o estado de coisas inconstitucional do sistema prisional brasileiro.

ANEXO II

Decisão: O Tribunal, apreciando os pedidos de medida cautelar formulados na inicial, por maioria e nos termos do voto do Ministro Marco Aurélio (Relator), deferiu a cautelar em relação à alínea "b", para determinar aos juízes e tribunais que, observados os artigos 93 do Pacto dos Direitos Civis e Políticos e 75 da Convenção Interamericana de Direitos Humanos, realizem, em até noventa dias, audiências de custódia, viabilizando o comparecimento do preso perante a autoridade judiciária no prazo inicial; que, em relação à alínea "g" da inicial, concedia em parte a cautelar para determinar ao Conselho Nacional de Justiça que coordene mutirões carcerários, de modo a viabilizar a pronta revisão de todos os processos de execução penal em curso no país que envolvam a aplicação de pena privativa, mas afastando a necessidade de ade-

quação dos pedidos contidos nas alíneas "e" e "f"; que, em relação à alínea "h" da inicial, concedia em parte a cautelar para acolher a determinação do descontingenciamento das verbas existentes no Fundo Penitenciário Nacional — FUNPEN, devendo a União providenciar a devida adequação para o cumprimento desta decisão, fixando o prazo de até 60 (sessenta) dias a contar da publicação desta decisão, deixando de conceder a cautelar em relação aos pedidos contidos nas alíneas "a", "c", "d", "e" e "f" da inicial, que propõe sejam analisadas por ocasião do julgamento do mérito; após o voto do Ministro Roberto Barroso, que, em relação à alínea "b" da inicial, concedia em parte a cautelar, determinando que o prazo para a realização das audiências de custódia seja regulamentado pelo Conselho Nacional de Justiça; que, em relação à alínea "h", concedia a cautelar nos termos do voto do Ministro Edson Fachin; que, em relação à alínea "g" da inicial, concedia a cautelar e, de ofício, estendia a condução dos mutirões carcerários aos Tribunais de Justiça estaduais; que indeferia a cautelar quantos aos demais pedidos; e que concedia cautelar de ofício para determinar ao Governo Federal que encaminhe ao Supremo Tribunal Federal, no prazo de 1 (um) ano, diagnóstico da situação do sistema penitenciário e propostas de solução dos problemas, em harmonia com os estados membros da Federação, no que foi acompanhado pelo Relator; e após o voto do Ministro Teori Zavascki, que concedia em parte a cautelar quanto à alínea "b" da inicial, determinando que o prazo para a realização das audiências de custódia seja regulamentado pelo Conselho Nacional de Justiça; que concedia a cautelar quanto à alínea "h"; que julgava prejudicada a cautelar quanto à alínea "g", acompanhando o Relator, e indeferia a cautelar quan-

to às demais alíneas. Ausente o Ministro Dias Toffoli, participando, na qualidade de Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, da Conferência Global sobre Dinheiro e Política, promovida pelo Tribunal Eleitoral do México e pelo Instituto Internacional para a Democracia e a Assistência Eleitoral (IDEA Internacional). Presidência do Ministro Ricardo Lewandowski. Plenário, 03/09/2015.

CAPÍTULO V

Brexit: a primeira vitória de uma revolta nacional e soberanista

André Assi Barreto

O Brexit,[1] referendado em 23 de junho de 2016, certamente não representa o nascimento do sentimento "eurocético"[2] ou anti-globalista, nem mesmo no próprio Reino Unido, que já contava com o partido eurocético UKIP (United Kingdom Independence Party) desde 1993, então sob a liderança de Nigel Farage; mas o Brexit foi certamente o primeiro sopro do furacão das direitas nacionais, que só colecionam vitórias desde então, abrindo caminho, como inspiração e fator influenciador, para a vitória de Donald Trump no mesmo ano de 2016, ponto de inflexão não apenas das relações internacionais e da geopolítica mundial, mas das pró-

1 "Britain exit", isto é, a saída do Reino Unido da União Européia.

2 Assim se intitulam partidos e políticos que duvidaram e duvidam da União Européia enquanto projeto, principalmente político.

prias estratégias das esquerdas — da esquerda globalista e dos globalistas como um todo.[3] Vale ressaltar que foi em dezembro desse ano que o *establishment* estabeleceu como inimigo número um as "fake news" e o conceito de "pós-verdade" (que até se tornou um novo verbete do Dicionário Oxford,[4] atualizado anualmente), ainda que ele se remeta a essas velhas estratégias de desinformação (*dezinformatsiya*), já bastante conhecidas, com o único propósito de "explicar" os dois principais acontecimentos políticos do ano.

O objetivo deste artigo não é apenas expor e explanar as minúcias que possibilitaram o Brexit, mas deslindar tudo aquilo *para que* ele abriu caminho, as recorrentes tentativas de frustrá-lo e suas reverberações na política mundial desde sua chancela por meio de voto popular em referendo.[5] Uma vez que os resultados foram anunciados, começaram diversas narrativas de ataque ao Brexit, que serão também exploradas no artigo.

---

3 Estabelece-se essa diferenciação porque acreditamos que nem toda esquerda é globalista — o ex-líder do partido trabalhista inglês, ainda que tenha militado pela permanência do Reino Unido na União Européia recentemente, foi por mais de 20 anos um eurocético, ainda que por motivos distintos dos eurocéticos de direita. Então há as esquerdas em geral, uma esquerda globalista (capitaneada pelo novo partido Democrata nos EUA, os partidos verdes europeus etc.) e há os globalistas ao centro e à centro-direita, como a ala de Angela Merkel e de seu CDU (União Democrata Cristã) e, por exemplo, o sonoro defensor do projeto europeu e parlamentar de Bruxelas, Guy Verhofstadt, um liberal.

4 https://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/16/internacional/ 1479308638_ 931299.html. Acesso em 19/07/2019.

5 A opção "leave" (deixar) obteve 51,9% da margem necessária ou 17.410.742 votos de um universo de 46.501.241 eleitores, contra 16.141.241 votos pelo "remain" (permanecer) ou 48,1%. Esta foi a maior participação do povo britânico num evento eleitoral.

Os caminhos até o Brexit

Após anos de pressão e militância de Nigel Farage e outros eurocéticos, coube ao primeiro-ministro conservador David Cameron, em campanha para o pleito de 2015, prometer um referendo sobre a saída ou permanência do Reino Unido na União Européia, promessa cumprida no ano de 2016. Cameron, dizem alguns que para sua própria surpresa, obteve uma vitória retumbante nessas eleições gerais de 2015 e conseguiu compor maioria conservadora no parlamento sem coalizão com outros partidos (Cameron vinha para seu segundo mandato, mas antes em coalizão com o partido Liberal-Democrata).

Até aqui não havia motivo para empolgação: David Cameron era um primeiro-ministro *Tory*, conservador, portanto, mas de uma ala mais "progressista" do partido, então optou por defender a permanência do país no bloco europeu. George Osbourne, banqueiro e figura importante no aconselhamento econômico de seu governo, foi um dos grandes responsáveis pelo que ficou conhecido como *Project Fear* — "projeto amedrontar", isto é, espalhar a idéia que uma eventual saída da União Europeia significaria uma catástrofe econômica, imediata inclusive, o que não se confirmou, pois o número de empregados aumentou e a economia e a libra esterlina se mantiveram estáveis de 2016 para cá.[6] Evidentemente, a turma

6 Mesmo o *Financial Times*, que desde a campanha, durante o referendo e depois encampou o *Project Fear*, já admite *em editorial* (frise-se) a possibilidade do Reino Unido prosperar no mundo pós-Brexit: https://www.ft.com/content/05e5fcf0-176a-11ea-9ee4-11f260415385. Acesso em 17/01/2020.

do *Project Fear* só teve de modular seu discurso: não era mais após o resultado do referendo que tudo desandaria, mas após a saída efetiva — agendada e, ao que tudo indicava, definitiva — em 31 de janeiro de 2020. O projeto de amedrontamento só foi esticado.

Diversas narrativas surgiram após o resultado vitorioso da opção pela saída, bem como importantes apontamentos sobre a demografia do voto. Grupos de faixas etárias maiores tenderam bem mais à saída que à permanência, o que ocasionou diversas ofensas aos idosos do país, "que já estarão mortos", disseram alguns, quando os pobres jovenzinhos "sofrerem" as conseqüências do Brexit. Os mais pobres também tenderam a votar pela saída, em oposição às elites cosmopolitas de Londres, por exemplo. A Inglaterra e o País de Gales, por exemplo, votaram pela saída, ao passo que a Escócia[7] votou pela permanência. Também tentou-se emplacar a idéia de que as pessoas votaram sem saber exatamente no que estavam votando[8] — e que, portanto, um segundo referendo era necessário (afinal, é isso que democratas fazem: repetem referendos ou plebiscitos até espremerem o resultado que desejam). Sem falar, é claro, que ficou praticamente estabelecido que 52% do país era formado por "imbecis racistas e xenofóbicos" — discurso, diga-se, engrossado

7 Muitos devem conhecer a rivalidade histórica entre ingleses e escoceses, porém isso não torna o caso escocês menos curioso: governado por um suposto partido nacionalista, o SNP — Scotland National Party —, seus líderes desejam se separar de Londres para se juntar a Bruxelas, compondo parcerias com um super Estado ainda mais obeso e sanguessuga.

8 Coisa, diga-se, que pode se converter em argumento favorável à saída: por que permanecer num agrupamento que as pessoas desconhecem o funcionamento e, por conseqüência, não controlam e não avaliam?

por liberais globalistas que supostamente querem reduzir o poder do Estado dando mais poderes para um super Estado localizado em Bruxelas (sede do Parlamento Europeu). Essas e outras baboseiras compuseram o caso desesperado dos "remainers" por um segundo referendo e pouca coisa mudou em sua argumentação de 2016 até agora. Tudo isso, de alguma maneira, compôs não apenas a ressaca pós-derrota dos partidários da permanência, mas deu a tônica da própria campanha.

A despeito do partidarismo de Cameron pelo "remain", nomes conservadores de peso também se pronunciaram e fizeram campanha pelo "leave": Boris Johnson (hoje primeiro-ministro), Michael Gove e Jacob Rees-Mogg. Outros se juntaram ao coro do chefe de governo, como Jeremy Hunt (futuro secretário de saúde de Theresa May em 2016, e adversário final de Boris Johnson na disputa pela liderança) e a própria Theresa May, que assumiria o posto de Cameron após a derrota de sua bandeira no referendo.

Theresa May compõe um capítulo à parte da história do Brexit: ficou incumbido à segunda mulher a conquistar o posto de primeira-ministra do Reino Unido a tarefa, ingrata para qualquer "remainer", de tornar o Brexit uma realidade, isto é, operar a saída efetiva do país do bloco. No seu discurso de posse, May havia deixado claro que "leave means leave", sair significa sair, tentando transmitir a mensagem de que deixaria seu partidarismo pela permanência de lado e lutaria pela concretização do resultado do referendo. Muitos já anteviram uma

tragédia logo aí, acreditando que era hora e momento para um partidário da saída assumir o poder.[9] Profecia auto-realizável.

Pouco tempo depois da eleição de May, o parlamento acionou o Artigo 50 do Tratado de Lisboa, que prevê os trâmites legais para um país que opte por sair da União Européia — mecanismo nunca utilizado até então. Disparado o Artigo 50, o país tem dois anos para deixar o bloco. O prazo final para o governo May sair era 29 de março de 2019. Aí começava a epopéia em torno do "acordo" de saída, com discussões arrastadas desde 2017 até a terceira e última derrota de May em suas tentativas de fazer seu acordo ser aprovado no Parlamento, o que implicou na sua saída do cargo, após dizer — literalmente — cerca de 100 vezes que o Reino Unido deixaria a União Européia em 29 de março.[10]

O debate sobre o acordo também foi um dos mecanismos usados por "remainers" para sabotar o Brexit, artifício usado até pela própria Theresa May, possivelmente. Seu acordo era fraco demais para quem queria sair e rígido demais para quem queria ficar. Isso serviu de pretexto para oposicionistas e oportunistas demandaram um novo referendo e também eleições gerais (uma das principais linhas de ataque do Partido Trabalhista de Jeremy Corbyn[11] desde então), o que também levou seu acordo a ser

9 Boris Johnson não disputou a liderança do partido com May nesse momento.

10 Coletânea de vezes em que May fez a afirmação: https://www.youtube.com/watch?v=6rdG25B5Ia8. Acesso em 19/07/2019.

11 Para os interessados em conhecer o passado do tenebroso Jeremy Corbyn, cf. "O maior perigo para o Brexit: o socialista Jeremy Corbyn" em http://

rejeitado retumbantemente pelas três vezes mencionadas, sendo que em uma das vezes foi por números não vistos desde a Primeira Guerra Mundial.

Os "leavers" sempre chamaram atenção para o fato de que qualquer tipo de "acordo" de saída era um bônus. As opções na papeleta de votação do referendo eram "sair" e "permanecer" e não "sair, porém apenas com acordo" — Nigel Farage tem defendido esta linha desde então. Contudo, nem todo partidário do acordo está umbilicalmente comprometido com a sabotagem do Brexit, visto que um acordo, se bem negociado e estabelecido, pode ser interessante para uma manutenção de parcerias comerciais e de taxação entre Reino Unido e Europa, bem como para a permanência legal de cidadãos europeus no Reino Unido e de cidadãos britânicos na Europa. Ainda assim, como rezava a mensagem eleitoral, o mandato do povo a ser cumprido era pela saída, não pela saída se, e apenas se, houvesse acordo.

Dessa maneira, a situação do Brexit enquanto se redige este ensaio é a seguinte: o acordo negociado por Boris Johnson em Bruxelas se encontra aprovado em todas as instâncias no Parlamento Britânico, renovado após as eleições de 12 de dezembro de 2019 e ratificado pelo Parlamento Europeu; houve, então, um período de transição de 1° de fevereiro de 2020 até 31 de dezembro de 2020, para que novos acordos comerciais fossem estabelecidos. Em caso de inviabilidade dessas negociações e acordos, conforme aprovado e ratificado pelo Parlamento Britâ-

sensoincomum.org/2019/03/04/perigo-brexit-socialista-corbyn/. Acesso em 19/07/2019.

nico com peso de lei, o Reino Unido passaria a operar pelas regras comerciais básicas estabelecidas pela World Trade Organization (WTO). Ou seja, cerca de quatro anos depois, para contentamento de *leavers* e tristeza de *remainers*, o Brexit está mais próximo de ser concretizado, ainda que a pandemia de COVID-19 tenha atrasado as negociações (ainda não há acordo definitivo entre União Européia e Reino Unido) e o eventual governo de Joe Biden represente nuvens densas e cinzas para as potenciais relações entre EUA e Reino Unido pós-Brexit.

Uma nota sobre pesquisas, casas de apostas e "especialistas"

Tanto o Brexit como a eleição de Donald Trump se notabilizaram em 2016 não apenas pelo que foram em si mesmos, mas pelos erros sonoros, gritantes e quase inexplicáveis (ao olhar inocente) nas pesquisas de intenção de voto. Numa mistura de pesquisas fajutas, metodologias equivocadas e *wishful thinking*, a maioria das pesquisas, supervalorizadas pela imprensa, não foi capaz de prever a eleição de Donald Trump ou a saída do Reino Unido da União Européia.

Mesmo as casas de apostas preferiam crer na vitória da permanência. Dois dias antes do referendo, o especialista em *trading* político de uma casa de apostas, Marcus Goddard, afirmava que "é altamente provável que obtenhamos um voto pela permanência, devido ao peso do dinheiro colocado nisso. Eu diria que são chances de 80 a 90% de permanecer [...] não será uma margem grande

— será algo como 55 a 45% — mas o voto será por permanecer".[12] Em 2016, o pico mais alto de favorabilidade ao Brexit havia sido em fevereiro daquele ano, após Boris Johnson, então prefeito de Londres, encampar a bandeira da saída, com 34%, contra os 52% do resultado final![13]

No sentido mais amplo de todas as pesquisas disponíveis ao longo de anos prévios a 2016 e em 2016, de acordo com levantamento do *Financial Times*,[14] encontrávamos o seguinte quadro:

- De 2010 a 2013: 22 pesquisas realizadas, 19 apontavam vantagem do "leave" e 3 do "remain".
- 2014: 43 pesquisas realizadas, 20 apontavam vantagem do "leave" e 23 do "remain".
- 2015: 75 pesquisas realizadas, 12 apontavam vantagem do "leave" e 63 do "remain".
- 2016: 105 pesquisas realizadas, 53 apontavam vantagem do "leave" e 52 do "remain".

Dessas de 2016: 7 em 22 de junho, 2 apontando vantagem do "leave", 5 do "remain". E a última, pelo *Instituto Populus*, com 4.700 pessoas de amostragem: 55% "remain", 45% "leave".

12 http://www.independent.co.uk/news/uk/politics/eu-referendum-bookies--have-always-made-a-remain-vote-favourite-and-the-odds-continue-to--shorten-a7093971.html. Acesso em 19/07/2019.

13 https://www.bloomberg.com/news/articles/2016-02-22/-brexit-odds-shorten-as-johnson-joins-campaign-to-leave-chart. Acesso em 19/07/2019.

14 https://ig.ft.com/sites/brexit-polling/. Acesso em 19/07/2019.

O gráfico a seguir apresenta as tendências do voto no intervalo que vai de setembro de 2015 a junho de 2016:

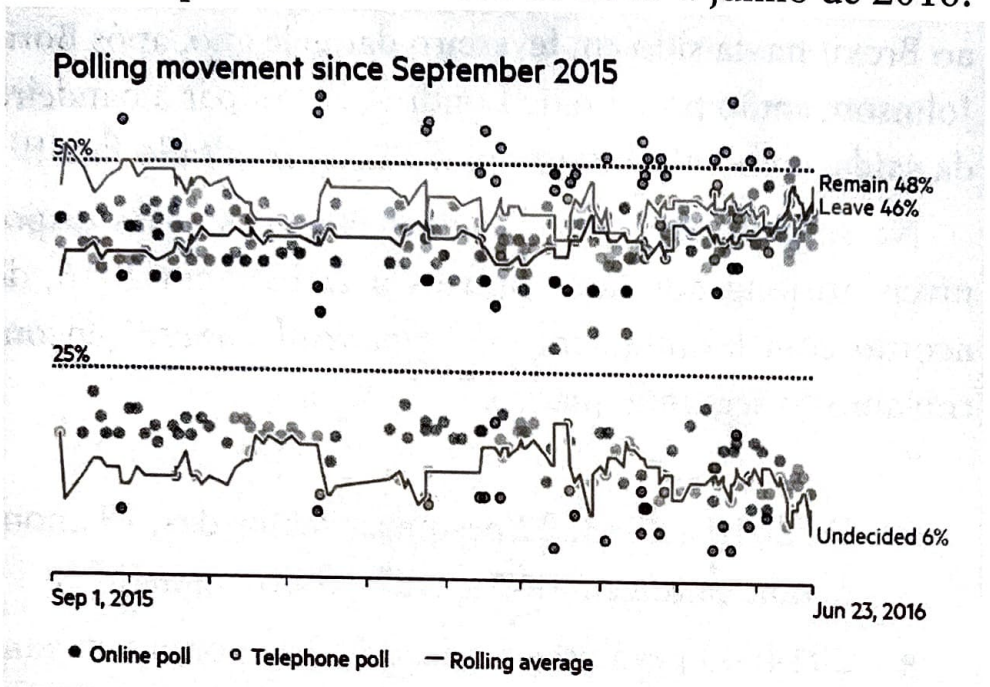


Gráfico 1: Movimentação das pesquisas desde setembro de 2015

Ou seja, a *tendência* geral das pesquisas sempre foi pelo "remain", inclusive a última pesquisa realizada naquele ano pelo *Financial Times* previa uma vitória do "remain" com 48% dos votos e o "leave" com 46%.

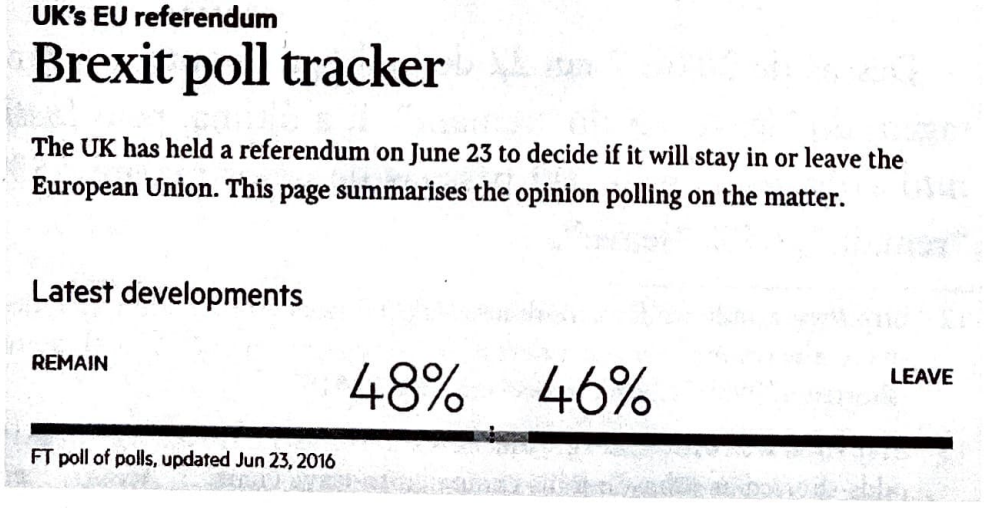


Gráfico 2: Última pesquisa do jornal Financial Times antes do referendo

Contudo, as pesquisas e os especialistas não contavam com um elemento essencial que voltaria à cena da arena política e pública naquele ano: o homem comum — silencioso e envergonhado.

Revolta e soberania do homem comum

O brilhante ensaísta inglês G. K. Chesterton, cada vez mais conhecido no Brasil, tem como uma de suas afirmações mais populares a seguinte frase: "A coisa mais extraordinária do mundo é um homem comum, uma mulher comum e seus filhos comuns". Não cabe aqui uma exegese, mas é adequado afirmar que Chesterton, como bom inglês, falava simplesmente que as pessoas de *bom senso*, que sabem, aprendem, conhecem e adquirem prudência (ou φρόνησις, a *phrónesis* dos gregos) não em universidades ou laboratórios, mas com as vicissitudes da vida, são verdadeiramente extraordinárias. Sua frase encontra eco na figura de Steve Bannon, estrategista de Trump para as eleições de 2016 e responsável pelo site *Breitbart* no mesmo período, que insistia e insiste em falar da revolta do "little guy" — o "sujeito humilde"[15], pouco importante, negligenciado pelas elites cosmopolitas e globalistas que ditam as regras do mundo desde a ordem mundial estabelecida no pós-Guerra Fria.

O excelente comentarista político americano Bill Whittle, numa convenção republicana *prévia* à eleição

15 Essa síntese do pensamento de Bannon foi batizada de "bannonismo" e se tornou documentário: "Bannonism: the Revolt of the Little Guy". https://www.youtube.com/watch?v=gwKLSA6lWdo. Acesso em 17/07/2019.

de Donald Trump, vaticinou que o próximo presidente conservador dos EUA seria um sujeito com uma arma na cintura. Ele estava querendo dizer o que se afirma aqui: o próximo presidente conservador não seria um "republicano apenas de nome", tão membro do *establishment* quanto qualquer democrata, algum engomadinho de plástico de *Wall Street*, mas alguém *autêntico*, com quem as pessoas pudessem se identificar e que representasse seus valores (qualquer semelhança não é mera coincidência). Dito e feito, guardadas as devidas semelhanças e diferenças entre o que se deu tanto com Trump como com o Brexit na figura de Nigel Farage.

A demografia do voto no Brexit e da eleição de Donald Trump atestam que foi o homem comum que liderou a revolta soberanista cujos sopros ainda sentimos em 2020. O antigo eleitor de classe média do Partido Trabalhista — que vê seus empregos sendo dados a imigrantes que aceitam trabalhar por menos, e seus recursos financiando o bem-estar social desses mesmos imigrantes — se revoltou; o *redneck* americano, o habitante do Cinturão Bíblico[16] ou do interior do Wisconsin, que tanto quanto o trabalhador médio inglês sustenta boa parte da economia do país, se cansou de privilégios para os outros e esquecimento para si; querem saber mais sobre empregos e corte de impostos — coisas que afetam sua vida diária — e menos sobre banheiros transgênero em Nova York ou Londres, ou sobre o "aquecimento global" — a "principal ameaça ao mundo", segundo a elite globalista e progressista.

16 "Bible Belt", região sudeste dos EUA, de predomínio protestante e valores conservadores.

Seguindo tendências observadas em anos anteriores ou posteriores próximos, como nas eleições de Áustria, Holanda e outros países, a demografia do voto no Brexit sustenta a tese: vivemos um momento de revolta das margens contra o centro, dos marginalizados contra os estabelecidos, do simples contra o pomposo, do local contra o universal, do soberano contra o servil. O mesmo sentimento foi observado nas últimas eleições gerais de 12 de dezembro de 2019: Boris Johnson, tido como bufão pela imprensa e pelos engomados, obteve vitória retumbante, subtraindo votos de eleitores "tradicionais" do Partido Trabalhista com a promessa de finalmente concretizar o Brexit.

Com exceção da Escócia (62% ficar e 38% sair), eivada de sentimento anti-inglês, na Inglaterra e no País de Gales, o voto pela saída foi sólido — 53% para sair e 47% para ficar. Na capital Londres, carro-chefe do cosmopolitismo globalista e multiculturalista, o placar foi de 60% para permanecer e 40% para sair, com cerca de 70% de participação dos eleitores (número recorde) — mas ainda menos elástico que na Escócia.

Em termos de faixa etária, elemento importante, pois muita gente levantou a bandeira de suprimir ou dirimir a importância do voto dos mais velhos após o resultado, conforme dito antes, os dados revelam que os jovens votaram maciçamente pela permanência, ao passo que os mais velhos votaram consideravelmente pela saída. A tendência não surpreende: numa eleição apenas com *millennials*, Hillary Clinton teria vencido Donald Trump em 47 estados americanos. Pesquisas também atestam que o

socialismo nunca foi tão popular entre os jovens como agora. O burburinho pós-referendo mostrava os mais jovens reclamando da eventual impossibilidade de estudar em alguma universidade européia sem ter o trabalho de obter alguns papéis a mais ou mesmo em viagens turísticas — essas são as prioridades de quem tem menos de 30 anos. Na faixa etária dos 18-24 anos, 27% votaram pela saída e 63% pela permanência, ao passo que entre os maiores de 65 anos a margem foi de 60% para sair e 40% para permanecer.

Nas 30 unidades eleitorais com menos pessoas com diploma universitário, 27 votaram pela saída. Em outras 30 onde o sentimento de identificação com a nacionalidade inglesa é mais forte, todas as 30 votaram por sair. Ou seja: os patriotas, os mais velhos, os mais simples, os com menor educação formal e universitária recente. Aqueles que seriam, supostamente, os principais protegidos pela esquerda e por políticas de esquerda, mas que foram preteridos em detrimento de imigrantes, transexuais e outras minorias.

É difícil imaginar se algo parecido com o Brexit pode se repetir, se as classes falantes e autoproclamadas sábias podem ser pegas de surpresa novamente e, principalmente, *se se deixarão ser surpreendidas*. Porém, o Brexit desnudou de maneira inédita o modo como as classes intelectual e artística, os sacerdotes modernos e a *beautiful people*, estão completamente desconectados da realidade. E então surgiram homens "com uma arma na cintura", empunhando bandeiras reais e isso inaugurou uma série de revoltas

populares e soberanistas protagonizadas pelo homem comum, pelos "deploráveis", do Reino Unido ao Brasil.

À guisa de conclusão e uma palavra sobre globalismo

Globalização é um termo que provavelmente todos conhecem e com o qual tiveram os ouvidos inundados durante a vida escolar (principalmente aqueles que estiveram na escola entre os anos 1990 e 2000). Em termos econômicos, é uma conseqüência em nível internacional do capitalismo de livre mercado: o comércio entre nações distintas feito de maneira cada vez mais facilitada (menos taxas, tarifas etc.). Na era da informação e das redes sociais, o sentido se estende ao compartilhamento de informações em alta velocidade e em nível internacional e ao trânsito transfronteiriço de pessoas (o que na narrativa oficial dos livros didáticos era descrito como exportação de inteligências de elite das antigas colônias para as metrópoles malvadas, ou barateamento de salários, em caso de mão-de-obra braçal), de bens, de serviços etc. Quem sempre fez oposição à globalização *nesse sentido* foi a esquerda radical, pois segundo sua narrativa, era apenas uma versão repaginada do colonialismo imperialista: países ricos compram *commodities* dos países pobres de maneira facilitada, ao passo que países ricos vendem, depois, produtos finais, a preços muito mais elevados, naturalmente, levando vantagem e mantendo os primos pobres em sua eterna condição de pobreza (tudo isso ajuda a entender por que não deveria surpreender, portanto, que

uma ala considerável de eleitores do Partido Trabalhista inglês tenha sido favorável ao Brexit).

Disso depreende-se duas coisas: surpreende que, hoje, a fileira dos defensores da globalização (e do globalismo) seja engrossada pela esquerda que se vende como progressista; depois, que a nova divisão política atual seja não entre esquerda e direita, mas entre globalistas e os soberanistas de que aqui se fala, visto que há (ou houve) uma esquerda contra a globalização e hoje há uma a favor, e também uma direita (*grosso modo*, liberal) a favor da globalização e também uma contra ("populista", no sentido arraigado). Para os surpresos, essa é a análise do historiador *best-seller* e *mainstream* Yuval Harari, na plataforma liberal Ted Talks, em sua palestra "Nationalism vs. Globalism: The New Political Divide",[17] onde ele rechaça a hipótese de que tudo isso se trate de uma "teoria da conspiração" (palavra-gatilho para reduzir tudo que as elites falantes ignoram ou não compreendem).

Voltemos à definição: no parágrafo anterior aludiu-se à globalização como parte do globalismo. A primeira pode ser um fenômeno do segundo, que é uma ideologia (no sentido de um pacote mais completo de idéias). No globalismo, como nunca cansam de lembrar seus defensores, há livre transito de bens e serviços, mas há também uma marcha em direção a um *governo global*, que deixa de incluir apenas questões econômicas e traz no seu bojo questões políticas, jurídico-legais, de segurança nacional (imigração) etc., implementadas por entidades burocráti-

17 https://www.youtube.com/watch?v=szt7f5NmE9E. Acesso em 17/07/2019.

cas fora das nações afetadas e por indivíduos não-eleitos pelas populações locais. Ocorreram recentemente dois acontecimentos que demonstram tudo isso de maneira bem pouco velada: a vontade da chanceler alemã Angela Merkel (e seu fiel escudeiro Emmanuel Macron) de que o bloco (econômico?) tenha um exército próprio[18] (para se proteger dos EUA? Da Rússia?), numa clara marcha de transformação da União Européia nos Estados Unidos da Europa (sem qualquer conotação positiva aqui) — fato para o qual o eurocético Nigel Farage já alertava pelos idos de 2015,[19] sendo por isso ridicularizado no Parlamento Europeu —; e, ainda, a vontade das Nações Unidas, expressa na palavra do Deputado Marcel de Graaf,[20] de tornar qualquer crítica à imigração um exemplo de discurso de ódio e, por conseqüência, criminalizável.

Foi por considerar que as coisas poderiam ir além de um limite desejável e saudável que, por exemplo, o Reino Unido, em 1975, rejeitou aderir ao Euro como sua moeda. E nisso consiste o globalismo, é a globalização que vai "longe demais" (dirigida pelo marxismo cultural, nas palavras do ministro Ernesto Araújo). Ou ainda, na definição mais técnica de Filipe Martins (assessor especial para assuntos internacionais do Presidente Jair Bolsonaro):

18 https://www.politico.eu/article/angela-merkel-emmanuel-macron-eu-army-to-complement-nato/. Acesso em 17/07/2019.

19 https://www.youtube.com/watch?v=hI5_pMvLZd8. Acesso em 17/07/2019.

20 https://www.express.co.uk/news/world/1052923/UN-migration-agreement-Angela-Merkel-EU-criticise-migration-hate-crime. Acesso em 17/07/2019.

> O globalismo é a ideologia que preconiza a construção de um aparato burocrático — de alcance global, centralizador e pouco transparente — capaz de controlar, gerir e guiar os fluxos espontâneos da globalização de acordo com certos projetos de poder.

> O globalismo, por outro lado, é a tentativa de instrumentalização político-ideológica da globalização com a finalidade de promover uma transferência do eixo de poder das nações para um corpo difuso de burocratas cosmopolitas e apátridas, que respondem não às comunidades nacionais, mas a um restrito conjunto de agentes de influência com acesso privilegiado a esses burocratas — o que, no limite, significa a substituição das democracias representativas por um regime tecnocrático e pouco transparente, no qual o poder decisório está concentrado nas mãos de alguns poucos privilegiados.

Embora esse seja o formato atual do globalismo, aplicado nas decisões de entidades supranacionais como a ONU, seus braços e a União Européia, um projeto globalista existe enquanto idéia (embora não certamente com esse nome) desde o Iluminismo: uma governança técnica e iluminada de alguns poucos indivíduos racionais em nível universal. Isso é corolário dos preceitos kantianos de uma razão humana universal, que culmina necessariamente numa "paz perpétua" cosmopolita, como vislumbrava e recomendava o paladino iluminista Immanuel Kant. Ao chamar isso tudo de globalismo, qual deveria ser a reação de uma pessoa de bom senso senão admitir que tal ideologia existe e influencia algumas importantes mentes? Note-se: não se trata com isso de avaliar o mérito do globalismo ser desejável ou não; o nível atual do debate exige que provemos que ele existe, sendo que a

hipótese de negar sua existência tem prazo curtíssimo de vida (quase que em totalidade, deve-se passar, muito em breve, para a mesma situação que se deu com o Foro de São Paulo, que ficou absolutamente inserido na espiral do silêncio por vários anos, depois passou a "mero clube de debates" e agora, ao menos, tem sua existência admitida e reconhecida).

Para os que ainda estiverem insatisfeitos e não totalmente convencidos de que o globalismo existe, ao contrário do que sugerem as elites falantes histéricas, há muita bibliografia acadêmica tratando do fenômeno e que vale a pena mencionar: Carroll Quigley, Michel Schooyans, Henry Lamb, Nicholas Hagger, Ted Flynn, Alan B. Jones, Cliff Kinkaid, Gary Allen, Edward Griffin, William F. Jasper, John Fonte, Pascal Bernardin, Ian Bremmer entre outros, prato cheio para os interessados no tema começarem seus estudos.

E foi justamente contra o globalismo e em favor do Estado-Nação, de uma política nacionalista e soberanista, que o homem comum se insurgiu e desnudou o cansaço das pessoas com os políticos de plástico, sendo o Brexit o tsunami que acendeu o sinal amarelo desse fato para as elites globalistas e cujos ventos sopraram e sopram de 2016 até então, inclusive no Brasil e na eleição de Jair Bolsonaro, como não deixou de notar Steve Bannon26[21]

21 https://www.youtube.com/watch?v=EHtiFS9Iw_0. Acesso em 17/07/2019.

CAPÍTULO VI

Das idéias revolucionárias e o terreno fértil para o globalismo

Luis Vilar

Não é novidade que a busca por um controle político total por parte dos chamados engenheiros-sociais de plantão sempre existiu. E que sempre existiu também a busca por uma agenda política global que imponha pautas, fraude democracias e vise destruir soberanias nacionais ao sabor dos interesses de quem está no topo. Entre estes estão os metacapitalistas de plantão, as corporações internacionais, os agentes de dentro e de fora dos governos, e outras forças ainda. O objetivo final dessa turma é o que se denomina "Nova Ordem Mundial".

A Nova Ordem pode ser de fato implantada? A vida humana é muito mais complexa do que pode supor a capacidade de previsão daqueles que, nas palavras do pensador Thomas Sowell, têm uma "visão irrestrita" — isto

é, a concepção racionalista que acredita ser capaz de implantar um mundo perfeito, criar o novo homem, e tudo o mais que alimenta as utopias progressistas. Estes utilizam-se da ideologia para a justificação de suas ações políticas, coletivizando pessoas, apoderando-se de meias-verdades para construir uma teia de mentiras, dominar a linguagem, manipular a realidade e assim esconder os objetivos inconfessos.

Este livro nasce de uma necessidade. Abordar por vários ângulos, não apenas o globalismo, mas alguns temas correlatos, na busca por simplificá-los, é, a meu ver, urgente.

Parto de uma premissa: mais do que "direita *versus* esquerda", acredito que o combate é contra a mentalidade revolucionária presente na Revolução Francesa e nas ideologias que marcaram o século XX. Todas elas resultaram em um banho de sangue prometendo um mundo perfeito, enxergando o inimigo como a escória a ser combatida e transformando seus adeptos em homens que substituíam suas consciências pela causa que abraçavam ao ponto de se sentirem o motor da história na fundação do novo homem. Creio que a ferramenta de combate é compreender — por meio do conservadorismo em sentido filosófico — a história do mundo. Saber mais sobre a formação do Ocidente, com seus erros e acertos, para tirarmos as lições necessárias e, desta forma, compreendermos o que o filósofo Ortega y Gasset classificou como o que não se banha no rio do tempo.

Sem a noção clara de como chegamos até aqui e das conseqüências das idéias que prosperaram estaremos con-

denados a repetir erros, a nos seduzir pelos cantos de sereia dos revolucionários de plantão, que muitas vezes são os idiotas úteis a promoverem aquilo que não enxergam.

Esse é o ponto de partida.

Este artigo nasce, então, de uma necessidade de tornar mais simples a idéia do conservadorismo filosófico e de sua relação direta com a oposição à mentalidade revolucionária que ainda se faz presente no mundo, sobretudo em projetos globalistas.

Tal mentalidade produz o que denominamos de "engenheiros-sociais". Trata-se de um tipo que, parafraseando novamente Thomas Sowell, acredita ter uma visão irrestrita da complexidade humana e, por essa razão, trancado em seus gabinetes e com suas teorias e utopias, quer fundar o "novo", desprezando tradições, culturas e religiões. É o revolucionário que anda por aí como se tivesse uma plaquinha no pescoço, em que se lê: "Desculpem o transtorno, mas estou mudando o mundo para melhor".

Na minha humilde visão, a mentalidade revolucionária não é exclusividade de uma esquerda, mas é fruto do autoritarismo de quem acredita ter a solução para tudo. Ela está presente em comportamentos individuais e se expande em processos "coletivizantes".

Da mentalidade revolucionária e os seus reflexos

Já acreditei na utopia da construção do paraíso na Terra. Tenho que carregar essa culpa de ter caído em um canto de sereia que hoje entendo ser fruto da exploração de

um sentimento inerente aos seres humanos: a indignação com a injustiça presente no mundo e muitas vezes a impotência (nos bons corações), que se aliam ao desejo de querer fazer mais. Quando esta sereia da "revolução", em nome dos menos favorecidos, cantou nos meus ouvidos, confesso que dei atenção aos primeiros acordes. Todavia, resolvi estudar os textos tidos como clássicos desse pensamento e, sobretudo, os dos autores sempre citados no ambiente universitário e entregues aos alunos de forma selecionada, por meio de trechos fora de contexto.

Desde cedo, indagava-me o motivo pelo qual não líamos o contraditório a esses textos, mesmo tendo raiva dos "reacionários" que eu sequer conhecia na íntegra. A ausência de um contraditório começou a me incomodar muito mais quando comecei a ler alguns pensadores. Quando li o *Manifesto comunista*, a sensação foi de repulsa diante da proposta apresentada para se construir o tal "paraíso na Terra". Dentro de mim, crescia a sensação de estar diante de um paradoxo. Ali, nada havia de utópico, mas sim de pragmático, impositor, violento e de uma proposta que não poderia jamais ser concretizada, sobretudo quando se leva em consideração o conceito de "ditadura do proletariado", muito bem explorado posteriormente por Lênin, o líder da Revolução Russa.

Não havia utopia. Não havia boas intenções. Havia um engodo. Como o próprio Lênin consegue mostrar em sua obra *O Estado e a revolução*, ninguém havia deturpado Karl Marx, coisa nenhuma! O que havia ocorrido nos regimes genocidas e sanguinolentos era o comunismo, porque a proposta não tinha relação com a chegada

em um paraíso, mas sim com um movimento constante de destruição das bases de um "antigo mundo" para o "nascer de um novo mundo".

Ou seja: a revolução era um eterno movimento. E dentro desse "eterno", a ditadura do proletariado e os atos dos que julgavam falar em nome do povo seriam justificados sempre pela causa enquanto o futuro não viesse. Ele não veio. Ele não viria. Ele nunca vem. A forma como o atual progressismo executa a sua agenda é exatamente igual. Seqüestra alguns sentimentos e os utiliza como estrada para objetivos políticos. Razão pela qual, por exemplo, o globalista George Soros financia uma série de entidades do terceiro setor para mobilizar setores por meio de determinadas causas que sirvam aos seus interesses.

Ler *O Estado e a revolução* de Lênin foi decisivo para começar a entender a mentalidade revolucionária e notar um de seus pontos mais cruéis: a consciência individual é substituída pela causa, tornando assim a moral elástica, onde qualquer ato contra o "inimigo" é justificado. Quem se apropria disso, funda um exército para impor seus objetivos. Já que qualquer um pode ser esse inimigo, como mostram bem os expurgos feitos no comunismo ao simplesmente aplicar um rótulo naquele que precisa ser abatido. Isso pode acontecer das mais diversas formas, seja pela censura ideológica ou pelo extermínio físico. Daí o resultado ser sempre o mesmo.

Quem me levou a perceber que tudo era "movimento", do qual a balela de "mundo melhor" — dentro de uma visão utópica — era só uma desculpa aos incautos, foi o próprio Lênin. Leiam com atenção o que o líder

bolchevique escreve em *O Estado e a revolução*: "Não há a menor parcela de utopismo em Marx. Ele não inventa, não imagina, já prontinha, uma sociedade 'nova'". Em outras palavras: não há exatamente onde chegar, mas há claramente a idéia do que deve ser destruído de forma violenta em "nome do bem", custando o que custar. A destruição é sempre dos valores que fundaram o que há de melhor no Ocidente.

Presença da violência

Lênin deixa claro, em toda sua obra, que sem o movimento pragmático violento não existe marxismo. Não por acaso, chama os discordantes de "socialistas-chauvinistas". Lênin já denunciava que aqueles que deturpavam Marx eram justamente os que queriam uma versão "mais light" de ação. Lênin era o marxismo sem máscara.

É preciso entender que o revolucionário russo defendia rigorosamente o pensamento de seus inspiradores. Engels, parceiro de Karl Marx, deixa isso evidente ao afirmar que "a violência empenha ainda outro papel na história, um papel revolucionário; que é a parteira de toda velha sociedade, grávida de uma sociedade nova; que é a arma com a qual o movimento social abre caminho e quebra formas políticas petrificadas e mortas".

Ao analisar essas reflexões de Engels, Lênin chega à seguinte conclusão: "A essência de toda doutrina de Marx e de Engels é a necessidade de inocular sistematicamente nas massas essa idéia da revolução violenta [...]

A substituição do Estado burguês pelo Estado proletário não é possível sem uma revolução violenta".

Na primeira etapa desse processo, obviamente, está a ditadura do proletariado, onde o "proletariado" será essa "classe privilegiada" que se acredita detentora da fórmula do novo homem a ser imposta por meio de uma "engenharia-social", como se esses senhores — e aqui retorno a Thomas Sowell — tivessem de fato uma visão irrestrita do mundo.

O ser social

Vale lembrar que tudo isso está apoiado na concepção de "ser social" de Marx. O trabalho é o fundamento ontológico de Karl Marx, como aparece em *Contribuição à crítica da economia política*. O filósofo pai do comunismo diz claramente que não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas ao contrário, o ser social que lhe determina a consciência. Marx rouba a individualidade. É o que o globalismo quer roubar de você.

Marx diz, na obra citada, que "o modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência". Quando você escuta coisas como "tudo é construção social", no fundo é isso que está em jogo.

Isto elimina qualquer possibilidade de unir Marx a uma visão de mundo apoiada na transcendência. Espanta-me, portanto, quem tenta fazer a ligação paradoxal de ser

cristão e marxista ao mesmo tempo. Ou é ingenuidade ou pura má-fé na busca por destruir os valores cristãos de dentro para fora, sobretudo nos ambientes da Igreja.

Mais de Marx

Em a *Miséria da filosofia*, por exemplo, Karl Marx escreve de forma cristalina: "Em lugar da sociedade civil a classe trabalhadora, no curso de seu desenvolvimento, instituirá uma associação onde não existirão as classes nem os seus antagonismos". Ora, se na visão marxista o que lhe determina a consciência é o "ser social", tal ambiente hegemônico exclui qualquer possibilidade de individualidade e só é possível ser construído à força.

Lênin apenas nota que isso só é possível por meio do movimento revolucionário, quando diz que:

> O proletariado não poderá derrubar a burguesia sem primeiro ter conquistado o poder político, sem primeiro ter assegurado sua própria dominação política e ter se organizado em classe dominante e se erigido em Estado — e esse Estado proletário começará a definhar logo em seguida à sua vitória, porque, numa sociedade em que não existam antagonismos de classe, o Estado é inútil e impossível.

O problema é que a mentalidade revolucionária colocará esse "fim" como causa que a tudo suplanta e aí, sem qualquer tipo de moralidade, tudo é permitido em nome desse futuro. A lavagem cerebral da *esquerdopatia* permite que os idiotas úteis defendam isso acreditando em

uma utopia que substitui suas consciências e bom-senso. Qualquer semelhança com o que vemos hoje nas tribos que se enxergam mais "descoladas e progressistas" não é mera coincidência. Apenas o proletariado foi substituído por outras "classes" que se sentem representadas em movimentos, em ONGs. Todos financiados por uma rede globalista que os utiliza como mecanismos políticos. Muitas vezes estes servem para desestabilizar governos, empurrar agendas comportamentais ou econômicas que são do interesse de quem está no topo dessa "cadeia alimentar".

No entanto, quem está na cadeia de comando sabe muito bem que a revolução se mantém sempre em movimento feito a charge em que há um homem em cima de um burrinho, com uma vara e uma cenoura amarrada na ponta. O burrinho se movimenta em direção a cenoura, mas nunca chegará a ela. Enquanto o burro anda, os genocídios acontecem e as tentativas de enquadrar a complexidade humana numa "camisa-de-força" vão produzindo os seus males.

A análise de Overy

O escritor e historiador Richard Overy, em sua obra *Os ditadores*, percebeu que essa mentalidade revolucionária possui semelhanças mesmo quando produz regimes que, em tese, são rivais, como no caso entre nazismo e comunismo. Não tenho o interesse aqui de discutir o que é "direita" ou "esquerda", mas mostrar claramente que essa busca por fundar um "novo homem", esteja onde estiver, produz sempre desgraças extremas, sobretudo quando

associada ao pseudocientificismo e às condições históricas "favoráveis", como ocorreu na Alemanha de Adolf Hitler e no comunismo soviético.

Ambos os regimes buscaram seus inimigos externos e internos, combatendo-os na busca pela eliminação física destes; ambos foram violentos ao extremo, resultando em perseguições e genocídios inspirados por uma ideologia (um se apoiando na luta de classes e outro na questão racial); ambos tiveram seus malditos campos de concentração; ambos tiveram o culto à personalidade do líder; ambos buscaram impor suas visões dominando os meios culturais e intelectuais disponíveis em um processo de "catequização" de uma nova sociedade, em que o adversário precisa ser abatido. Tudo isso sem contar com o desprezo que as correntes fascistas, nazistas e comunistas tinham por idéias liberais (no sentido clássico da palavra) e por tradições e culturas (nas quais o conservadorismo moderno se apóia) que estão na ordem espontânea (como frisa F. Hayek) da sociedade.

A análise feita por Richard Overy foca a Rússia de Stalin e a Alemanha de Hitler. Ele apresenta de forma detalhada as características das duas ditaduras totalitárias. Embora exponha as diferenças que existem entre ambas e não use a expressão "mentalidade revolucionária", conclui pela semelhança entre essas tragédias do século XX. Ambas deveriam ser rejeitadas completamente.

A suástica de Hitler nos causa, e deve causar mesmo, repugnância. Todavia, a foice e o martelo que marcam a Revolução Russa e suas tragédias ainda enchem alguns

corações de sentimentos românticos na busca pela construção do "paraíso na Terra", sem sequer refletir sobre os milhões de mortos que constituem a herança do mal ali ocorrido. Isso torna as ideologias de esquerda ainda muito perigosas, pois são ferramentas para controle e domínio, já que seguem prometendo esse "mundo melhor" e inspiram diversos grupos e partidos políticos com as mais variadas ligações internacionais.

Ao contrário do que alguns ainda pregam — com o famoso argumento de que "deturparam Marx" —, a violência sistematizada para a tomada do poder e a implantação de uma ditadura era algo planejado, como mostra Lênin em *O Estado e a revolução* e na obra de 1902 titulada *Que Fazer? Problemas candentes do nosso movimento*.

Como registra Overy, o soviético Valentin Berejkov trabalhou em Berlim na primavera e verão de 1940 fazendo parte de uma comissão enviada para monitorar a tecnologia alemã para uso da União Soviética sob os termos do acordo de comércio recém-assinado entre os regimes de Stalin e Hitler. Berejkov registra a surpresa ao encarar as semelhanças entre os sistemas. "A mesma idolatria pelo líder, os mesmos comícios e paradas em massa... Muito semelhantes, a arquitetura ostentosa, os temas heróicos representados na arte bem parecidos com nosso realismo socialista... *A maciça lavagem cerebral ideológica*".

O historiador destaca ainda que o abismo que separava esses dois regimes não impedia a semelhança entre seus formatos, pois de um lado "Stalin queria que o povo soviético construísse um futuro socialista onde todas as pessoas seriam iguais e felizes. Hitler concentrava-se em

criar o império da raça soberana, e queria que seu povo a construísse a partir da carnificina da guerra".

A diferença para o entendimento dos dois totalitarismos é fundamental, obviamente. O próprio Richard Overy chama atenção para isso, pois "apesar de todas as semelhanças na prática da ditadura, nos mecanismos que uniram povo e governo, na notável congruência de objetivos culturais, estratégias de gerenciamento econômico, aspirações sociais utópicas e até na linguagem moral do regime, as metas ideológicas declaradas foram tão distintas quando as diferenças que dividiram católicos e protestantes na Europa do século XVI".

Culto

Concordo com Overy quando ele analisa tais fatos sob a óptica do que o pensador Tzvetan Todorov chamou de "culto da ciência". Como define Overy, trata-se de "uma crença confiante no poder da ciência para entender e depois transformar a condição humana". É ou não é para lembrar a forma como é utilizada — em tempos atuais — a ideologia de gênero ou toda a agenda política proposta com base nas teses do aquecimento global?

Retornando ao que diz Overy: esse pensamento se difundiu no século XX criando o "cientificismo". Eis que se reforça dessa forma a crença cega de que o corpo social deveria ser organizado em torno de princípios científicos objetivos. Daí as revoluções para mudar hábitos e costumes e os impor goela abaixo. Quem não concordar, que saia da frente, pois passa a ser obstáculo para aqueles que

pretendem alcançar o paraíso, o mal a ser combatido, o retrógrado, alguém que não está no século XXI... os rótulos não param.

Contribuição de Lênin e o pseudocientificismo de Hitler e Marx

Diferente de revoluções anteriores, Lênin — por enxergar tudo de forma pragmática — criou o "revolucionário profissional". Em seus discursos, no Partido, ao se contrapor aos mencheviques, já colocava que o revolucionário tinha que ser revolucionário 24 horas por dia, diferente daqueles que defendiam a causa, mas tinham outros afazeres. Para Lênin, havia a necessidade de uma "elite revolucionária" que falasse pelas massas, pois essas não conseguiriam chegar a uma consciência de classe sem um guia, opondo-se assim às conquistas sindicais e qualquer outra que significasse, para ele, um mero paliativo para adiar a revolução.

Essa consciência de classe só poderia nascer da doutrinação. A visão ideológica teria que ser superior à realidade, não permitindo divergência ou qualquer concepção que fosse de encontro ao que seria, na visão de Lênin, o melhor para o proletariado. Claro que, como Robespierre na Revolução Francesa, era Lênin e os seus que definiam o que era esse "melhor". Até os marxistas que discordavam de Lênin passavam a ser desprezados pelo líder bolchevique.

A semelhança com o processo de doutrinação nazista não é coincidência. A diferença é que no nazismo não se

falava da luta de classe, mas da "raça", também apoiada em conceitos pseudocientíficos para a reorganização da sociedade. O comunismo se universalizava em função do proletariado. O nazismo queria erguer um novo Reich, colocando o "novo homem" de Hitler acima dos demais e assim dominar o mundo.

Overy chama atenção para o fato de que dentro dessas visões ideológicas de espírito cientificista, "os indivíduos tinham pouca importância, mas o organismo social, muita". "O discurso científico popular tinha matizes fortemente utópicas. Esperava-se que a ciência resolvesse os problemas do mundo pelo planejamento, reforma médica, eugenia, engenharia social e inovação técnica". Aqui entra em cena, por exemplo, o tema "superpopulação".

Por esta razão, Richard Overy conclui que "as raízes científicas da ditadura alemã se encontravam nas ciências biológicas". O desenvolvimento de uma biologia social popular em fins do século XIX, associado ao trabalho de Ernest Haeckel e seus vários discípulos, vai construir uma visão do mundo baseada na preservação ou não da raça como uma:

> Espécie pura e exclusiva, e na aplicação de regras rígidas para governar sua saúde e força a longo prazo. Hitler conhecia bem as teorias raciais de Ludwig Woltmann, cujo livro Antropologia política, publicado em 1903, reaparece em forma científica vulgar em Mein Kampf. A idéia de higiene da luta racial foi entrelaçada por Woltmann e outros com ciência evolucionária mais convencional, afirmando a inevitabilidade da luta racial como realidade histórica central, onde os marxistas viam a luta de classes. O pro-

> duto final foi uma utopia biológica, com suas reivindicações holísticas baseadas na preservação da espécie e seu autoritarismo derivado da impiedosa intervenção médica necessária para preservar o banco de genes.

E onde estava esse mesmo pseudocientificismo no comunismo? Overy também responde:

> As afirmações de socialismo científico, produto da obra de Friedrich Engels e Karl Marx, necessariamente produziram as condições para um sistema social único apoiado na abolição de classes e na apropriação da propriedade para uso social. Suas afirmações foram totais, pois a sociedade comunista não apenas abraçaria todas, mas iria ao mesmo tempo erradicar quaisquer manifestações de consciência social "falsa" pelo que Marx (e, com forma maior, Lênin) chamou de "ditadura do proletariado". O desenvolvimento social, ao mesmo tempo prometia total emancipação social — um paradoxo que está no coração da ditadura stalinista.

Nos dois casos, o estudioso do tema apreende que os imperativos tidos como científicos dentro dessa mentalidade revolucionária da engenharia-social justificaram as duas ditaduras, substituindo as consciências individuais pelas causas. Uma das razões pelas quais ambas continham um "antiliberalismo expresso pelos ditadores, e pelos movimentos que representaram".

> Stalin e Hitler viram-se como atores de um extraordinário drama histórico. Cada um defendeu que sua ditadura representa um ponto decisivo fundamental na história do

> mundo moderno. Stalin defendeu a revolução como um acontecimento de despedaçamento do mundo, que ameaçou solapar e depois transcender toda a era burguesa, nascida, como afirmou Marx, na Revolução Francesa.

Em linha semelhante, o professor romeno de ciência política Vladimir Tismaneanu também traça os paralelos em *O Diabo na história*, que foi publicado no Brasil pela Vide Editorial. Tismaneanu resgata — logo de cara — uma sentença do filósofo polonês Leszek Kolakowski: "O Diabo [...] inventou estados ideológicos, ou seja, estados cuja legitimidade é fundada no fato de seus proprietários serem proprietários da verdade. Se te opões a tal estado ou a seu sistema, és um inimigo da verdade".

Independente de se ter fé ou não, eis aí um "aforismo" em que o Diabo pode ser compreendido no sentido literal ou metafórico. E a ideologia é a roupa da mentalidade revolucionária para justificar seus atos.

Como diria o brasileiro Millôr Fernandes, a ideologia é como o alfaiate que em vez de adaptar a roupa, amputa o cliente para que este possa caber dentro dela. Os engenheiros-sociais desprezam suas discordâncias e julgam que o que você pensa não passa de "senso-comum". Eles se acham sábios, mas muitas vezes são fantoches nas mãos de quem tem interesses maiores.

Ao citar Kolakowski, Tismaneanu mostra que os movimentos como nazismo, fascismo e comunismo quiseram "purificar a humanidade" do que consideravam ser o lixo humano por não se enquadrarem em seus conceitos de verdade.

> Os nazistas identificavam o "piolho" judeu, o "bolchevismo judaico", a "plutocracia judaica", e o marxismo como as fontes de todas as calamidades. O fascismo (e sua versão radical, o nazismo) era categoricamente anticomunista [...]. A máquina de propaganda da Internacional Comunista defendia os direitos humanos contra as atrocidades abomináveis perpetradas pelos nazistas, ocultando o fato de, até 1939, a maior parte dos crimes na Europa terem sido de fato cometidos pelos stalinistas na URSS", concluiu Tismaneanu.

O romeno ainda traz outra semelhança entre esses movimentos revolucionários: "execravam e denunciavam o liberalismo, a democracia e o parlamentarismo como degradações da verdadeira política, que transcenderia todas as divisões através do estabelecimento de comunidades perfeitas (definidas como unificadas sem classe ou racialmente)". Lembrem-se do estudo de Overy citado anteriormente.

Por sinal, como também expõe o historiador Igal Halfin, no caso do totalitarismo de esquerda "a apoteose da história comunista — a humanidade de mãos dadas e marchando em direção ao paraíso sem classes — não pode ser dissociada da tentativa sistemática de Stalin de alinhar os que alcançaram a fonte marxista, mas se recusaram a dela beber". E os belos defensores do comunismo, no século XXI, ainda acusam conservadores e liberais de serem os intolerantes. Winston Churchill mostra-se mais uma vez correto na sentença atribuída a ele: os fascistas do futuro chamarão a si mesmos de antifascistas.

Não é preciso aprofundar muito para destacar tais semelhanças oriundas da visão ideologizada que substancia

a mentalidade revolucionária. Recorramos às palavras do próprio Adolf Hitler, registradas nos estudos de Robert Gellately, *Lênin, Stalin e Hitler — A era da catástrofe social*:

> Venceremos esta guerra porque lutamos por uma idéia, e não pelo capitalismo judeu, que dirige os soldados de nossos inimigos. Apenas a Rússia é perigosa, porque a Rússia luta com o mesmo fanatismo que nós por seu ponto de vista. Mas o bem será o vencedor, e não há mais o que fazer.

No diário de Stalin, é possível encontrar o seguinte:

> Quem quer que tente destruir a unidade do Estado socialista, quem quer que procure a separação de qualquer de suas partes ou nacionalidades — esse homem é um inimigo, um inimigo jurado dos povos da URSS. E destruiremos todos os seus parentes, sua família. Destruiremos implacavelmente quem quer que, por seus atos e pensamentos — sim, seus pensamentos — ameace a unidade do Estadostado socialista. Para a completa destruição de todos os inimigos, eles mesmos, e seus parentes.

É que Tismaneanu analisa vários pontos de trechos escritos pelos próprios socialistas e nazistas, para comprovar a presença do "Diabo" — você escolhe se em sentido literal ou metafórico — na história do século XX.

Logo, não é por acaso que Tismaneanu afirma que

> o comunismo e o fascismo compartilhavam uma obsessão similar com a movimentação contínua para frente a fim de evitar o espectro extremamente adverso da estagna-

> ção. Mao disse certa vez que "nossas revoluções são como batalhas. Depois de uma vitória temos de imediatamente apresentar uma nova tarefa. Desta maneira, os quadros e as massas serão tomados permanentemente do fervor revolucionário em vez da vaidade".

Ou seja: Mao Tse sabia exatamente que o "paraíso na Terra" nunca chegaria, por isso o movimento revolucionário é eterno na busca pelo "novo homem", independente das desgraças que vão ocorrendo pelo caminho.

Como sentencia o francês Raymond Aron, autor de *O ópio dos intelectuais*, abomina-se o nazismo, o fascismo e o comunismo pela aversão que esses possuem à liberdade de fato e por não enxergarem o indivíduo acima de suas pretensões revolucionárias, onde os líderes se crêem predestinados a salvadores do mundo, detentores de uma verdade que precisa ser implantada pela força. Os idiotas úteis acham-se importantes por se verem como agentes transformadores desse processo. Não raro, o próprio Stalin fuzilou esses idiotas, quando se tornaram descartáveis, apresentaram pequenas divergências ou foram simplesmente obstáculos ao plano maior.

O livro

Uma das grandes obras para entender as conseqüências do que aqui descrevo é, sem sombra de dúvidas, *O livro negro do comunismo*. Ainda que não tenha trazido grandes revelações, mostrou de forma clara as conseqüências

de tal mentalidade, ao expor a contabilidade dos mortos no final dos anos 90. Esta obra — como bem afirma Tismaneanu — provou de uma vez por todas que o comunismo e o nazismo são moralmente indistinguíveis. Na minha humilde visão, ficamos em débito com Stéphane Courtois.

Os dois totalitarismos se tornam moralmente indistinguíveis justamente pela "tendência ideológica de prefaciar a humanidade" (Tismaneanu), "(essa tendência) estava enraizada no culto cientificista da tecnologia e na crença firme de que a História (sempre com letra maiúscula) tinha dotado as elites revolucionárias com a missão de livrar-se das populações supérfluas". Por sinal, o conceito de população supérflua vem de Hannah Arendt, autora de *Origens do totalitarismo*, que é outra obra fundamental para entender este tema.

Tismaneanu resume muito bem a tentativa de dissociar — do ponto de vista moral — nazismo, comunismo e fascismo (que são frutos da mentalidade revolucionária) como um "estreitamento intelectual autoimposto".

Para se ter uma idéia, em *Terras de sangue*, Timothy Snyder mostra um dado assustador: "Catorze milhões de pessoas foram deliberadamente mortas. Este é o momento que mal começamos a entender, muito menos a dominar". Snyder classifica o período histórico como "verdadeiramente delinqüente" e despido de qualquer compromisso ético com o indivíduo.

Mas, uma coisa é certa: muito poucos (pois existem os negacionistas) duvidam das atrocidades do nazismo.

Porém, o comunismo conta com algo que Alain Besançon — que escreve *A infelicidade do século* — denomina de amnésia. Tismaneanu, por sua vez, ressalta que:

> As origens desse fenômeno devem ser buscadas, antes, no fato de o comunismo ter sido freqüentemente considerado progressivo, anti-imperialista, e, mais importante ainda, antifascista. O comunismo sabia como posar como herdeiro do iluminismo, e muitos foram enganados por este fingimento humanista e racionalista.

Razão pela qual a esquerda é tão palatável e muito do seu discurso é usado pelos globalistas ao financiarem esses movimentos em pleno século XXI.

Concordo com o romeno, mas vou além. Houve um grupamento — como ainda há — de "engenheiros-sociais" prontos para serem os revolucionários profissionais descritos por Lênin. Estes são capazes de assumir a visão ideológica acima de qualquer compromisso e assim "invadir" salas de aulas, jornais e todo o meio cultural para diluir concepções — sobretudo depois das idéias de Antônio Gramsci — para fazer uma revolução cultural.

Quando confrontados com os dados partem para o "deturparam Marx"; ou, então, para o "não foi o verdadeiro comunismo". Quando basta ler a própria obra de Marx, Engels, Lênin e outros para perceber o cheiro de sangue e o clamor por uma revolução violenta e sem respeito por qualquer contraditório. Essa intelectualidade dominou os meios e lavou os seus pecados. Soube diluir conceitos e os impor sem usar, muitas vezes, o nome do

comunismo, ou ainda fingindo que o processo revolucionário está morto e é coisa do passado.

É bem o que Gramsci propõe ao falar de filosofia da práxis. Em seus *Escritos políticos* (vol. I: 1910–1920, publicado pela Civilização Brasileira), Gramsci defende que "a revolução proletária é imanente à sociedade industrial moderna".

Não mudou o objetivo final, mas a forma como se vai chegar até ele. Foram deixadas de lado as armas para sair em busca das almas. Pra Gramsci, crer em uma religião "é uma concepção mitológica" que precisa ser superada e "substituída por aquela fundada no materialismo histórico, ou seja, por uma concepção que sinta e busque no próprio interior da sociedade humana e na consciência individual as causas e as forças que produzem e criam a história". Coitado de você se não concordar com isso.

Mas como modificar culturas e tradições sem a violência? Ora, fazer de forma que as pessoas não mais possam reagir e acabem contribuindo com o processo ainda que não sejam revolucionárias. O absurdo tem que ser exposto como normal. Quem se revoltar com o absurdo que seja tachado de "fascista", "retrógrado" ou outros adjetivos. Gramsci, mesmo defendendo o fim das religiões tal como Marx defendia, defende mecanismos mais sutis, como infiltrações no ambiente cultural para se destruir de dentro para fora. Assim, com o passar do tempo se prepara uma sociedade socialista em que os valores são transfigurados e a transcendência é vista como coisa atrasada ou no máximo algo para se viver em uma esfera individual.

Desta forma, rouba-se a consciência do indivíduo para criar um "inconsciente coletivo", onde o Partido — que é o "moderno príncipe" — está acima do Estado. Ele estará acima de tudo, conduzindo a vida das pessoas e a forma como elas devem pensar.

O Partido estará acima do Estado, mas o Estado será o instrumento para o controle pleno de tudo. Qualquer semelhança com a máxima do ditador fascista Benito Mussolini — "Tudo pelo Estado, nada contra o Estado, e nada fora do Estado" — não é coincidência. Mais uma vez, Churchill: os fascistas do futuro chamarão a si mesmos de antifascistas.

> O Estado operário não perseguirá a religião; exigirá dos proletários cristãos a lealdade que todo Estado exige de seus cidadãos. Exigirá que, se quiserem estar na oposição, que ela seja constitucional e não revolucionária. A oposição revolucionária é própria de uma classe oprimida contra seus exploradores; a oposição constitucional é a atitude própria de uma camada ideológica da classe em face da maioria que exerce o poder político.

Em outras palavras, em um ambiente como o proposto por Gramsci, os revolucionários tomam o poder e possuem o direito de autorizar quem pode ou não ser oposição. Sendo assim, os revolucionários influenciados por Gramsci querem até o direito de escolher quem pode ou não divergir deles.

As tesouras

Este conceito atualmente é chamando de "Estratégia das tesouras". No Brasil, vivencia-se isso. Temos como partidos de "oposição" os irmãos siameses influenciados por autores socialistas ou comunistas que já possuem por base o próprio Gramsci. É o caso do PT e do PSDB, fundados na mesma matriz ideológica. Qualquer coisa que se afaste das concepções do PSDB será imediatamente colocado, pelo meio cultural vigente como "extrema-direita". O PSDB é a oposição "escolhida" pelo estamento. É o golpe de mestre de Antonio Gramsci.

Agora, caso você ainda não saiba, vai compreender por que tantas vezes o senhor Ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), mesmo sendo tão atacado pelo Partido dos Trabalhadores, saiu em defesa do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e demorou tanto a se posicionar sobre o impeachment da Ex-Presidente Dilma Rousseff (PT). Aqui também se aplica as declarações dadas por José Serra (PSDB) e Aécio Neves (PSDB) — dois importantes nomes do alto escalão tucano — ao terem elogiado o ditador Fidel Castro no dia de sua morte. A declaração de Aécio Neves (que se encontra no site oficial do PSDB), por exemplo, foi a seguinte:

> O Presidente Fidel Castro foi sem dúvida um dos grandes líderes do nosso tempo. Tive oportunidade de estar algumas vezes com ele quando do reatamento das relações diplomáticas do Brasil com a ilha de Cuba. Afável no trato e eloqüente com qualquer interlocutor, deixa o legado do sonho por uma sociedade igualitária, mas na prática não

> permitiu avanços na direção das liberdades e da democracia e, infelizmente, deixa um país e um povo ainda extremamente pobres e dependentes.

Que legado? Uma ditadura? Que sonho? O de transformar milhões de cubanos em escravos, aprisionados em uma ilha que fere todas as concepções de direitos humanos possíveis? É nefasto que a imprensa brasileira enxergue esses homens como "direita" e qualquer coisa que os questionem como "extrema-direita". Isso resume a miséria intelectual que toma conta dos debates brasileiros. O culpado por isso? Antônio Gramsci. Seguiram suas idéias com completa obediência.

É por meio deste caminho que Gramsci propõe "quebrar e destruir todo o sistema existente na organização social". "Quem poderá imaginar e prever as conseqüências imediatas que, no campo de destruição e da criação histórica, serão geradas pelo aparecimento das enormes multidões, que hoje não tem vontade nem poder? Dado que jamais "quiseram e puderam", elas terão a pretensão de ver concretizados, em cada ato público e privado, a vontade e o poder conquistados; irão julgar como misteriosamente hostil todo o existente e tentarão destruí-lo a partir de suas raízes". Gramsci com isso descreve uma sociedade sem valores, sem passado, sem tradições dentro de um completo caos. Um caldeirão efervescente do qual ninguém sabe o que vai sair.

"Com as mudanças nas consciências individuais, na medida em que ocorrer simultaneamente em toda a massa popular, não terá resultados criativos inimagináveis?",

indaga o "pensador" comunista italiano. Sim, inimagináveis, mas bárbaros. Enquanto alguns gritam o bordão "socialismo ou barbárie", eu respondo sem medo de errar: "socialismo é barbárie!".

É importante ainda perceber que Gramsci — nos Escritos Políticos — também evoca o "novo homem" que vai nascer da revolução. "[...] a dialética da luta de classes será interiorizada e o homem novo terá de lutar, no interior de sua consciência singular, em cada um de seus atos, contra o burguês nele emboscado". Em outras palavras: os seus valores não serão respeitados, mas vistos como idiossincrasias burguesas. De tanto ser xingado de fascista em função dos valores que defende, terá medo de se pronunciar, será jogado no silêncio e na exclusão ao ponto de ter que lutar contra si mesmo, no fundo de sua consciência para só então parir o "novo homem" de dentro desi, sendo obrigado a ser um revolucionário ainda que não queira. Para o italiano, esse é o "futuro da civilização". É o seu futuro caso você não compreenda, no fundo da sua alma, o que diz o pai do conservadorismo moderno: o mal triunfa diante do silêncio dos bons.

Afinal, como pontua Gramsci:

> O Partido Comunista é, no atual período, a única instituição que pode ser seriamente comparada às comunidades religiosas do cristianismo primitivo. Nos limites em que o partido já existe em escala internacional, pode-se tentar uma comparação valorativa entre os militantes pela Cidade de Deus e os militantes pela Cidade do Homem: o comunista, certamente, não é inferior ao cristão das catacumbas. Ao contrário! A meta inefável que o cristianismo propunha

> a seus defensores era, em função de seu sugestivo mistério, uma justificação cheia de heroísmo, de sede de martírio, de santidade; não é necessário que entrem em jogo as grandes forças humanas do caráter e da vontade para suscitar o espírito do sacrifício de quem crê na recompensa celeste e na eterna beatitude. O operário comunista que — durante semanas, meses, anos, desinteressadamente, depois de oito horas de trabalho na fábrica, trabalha mais oito horas para o Partido, o sindicato, a cooperativa — é, do ponto de vista da história do homem, maior do que o escravo ou o artesão que desafiava qualquer perigo para ir ao local onde clandestinamente rezava.

O objetivo final, portanto, é transformar o comunismo em uma fé inquestionável pelo que o Partido dita. É impregnar isso na sua alma.

Linguagem

Subverter a cultura (em especial a linguagem, como nas estratégias do politicamente correto) já era um sentimento presente na mentalidade revolucionária. Sempre esteve ali como mecanismo de controle. É algo muito bem descrito por George Orwell, em *1984*, quando cria a "novilíngua". O romance é uma distopia essencial para entender tal mentalidade e como ela produz esse Estado totalitário, capaz de nos vigiar e controlar o tempo todo. Em Orwell, vemos o personagem Grande Irmão — que muito bem poderia ser o próprio Stalin — a tomar conta de tudo.

Como coloca Orwell, "a ideologia anima os homens padronizados, que pensam em slogans e falam em balas de revólver".

A subversão da linguagem para a construção da hegemonia ideológica é muito bem posta por esse autor, quando ele apresenta os lemas da ditadura não tão fictícia que descreve: Guerra é paz, liberdade é escravidão e ignorância é força. Nos dias atuais, inclusive no Brasil, os que mais falam em "mais amor" e "mais liberdade" são justamente aqueles capazes de atos abomináveis contra aqueles de quem discordam.

Entre tais atos, podemos citar a professora que defeca, em via pública, na foto de um político como um ato de protesto. Há ainda os que chamaram de "fascistas" os milhões de brasileiros que cometeram o crime de ir às ruas pedir o impeachment de uma presidente que comandava um governo, cujo principal partido estava envolvido em vários escândalos de corrupção. Era para ser roubado sem reclamar?

Na "novilíngua" cabe ainda a "narrativa para o futuro", que é o que a esquerda brasileira faz ao falar em "golpe". É como eles estão escrevendo as páginas dos próximos livros de história que serão as "armas" dos próximos doutrinadores no ambiente cultural futuro que já vai se construindo de agora. E aí, mais uma vez, Orwell merece ser citado: "descemos a um ponto tal que a reafirmação do óbvio é o primeiro dever dos homens inteligentes". Como já estava previsto no livro bíblico Eclesiastes, "de modo que nada há de novo debaixo do sol". Não há mesmo.

Petrosvski, Markel Tchudakóv, cabo do 88° regimento, escreveu em *Os manifestos vermelhos*: "É permitido não rezar, não acreditar em Deus, mas é preciso ter a con-

vicção de que a terrível e desumana guerra deve continuar e, não se pode dizer: 'Não quero'". Uma bela maneira de impor algo a alguém e ao mesmo tempo afirmar que isso é apenas algo permitido. O trecho que cito foi publicado no Pravda, na coluna "Vida na Guerra", onde se pronunciavam soldados e marinheiros, sendo bolcheviques ou não.

Em "Carta aos membros do Comitê Central", escrita entre outubro e novembro de 1917 e que consta nas *Obras completas de V. Lênin,* o líder revolucionário já defendia que primeiro se toma o poder e depois se cria a narrativa necessária a justificar o ato. A semelhança com a forma de expor extravagâncias que vão de encontro ao que acredita a maioria da população, para depois encaixar uma "narrativa" que explique o choque não é coincidência, vide os casos ocorridos no Brasil, quando foram chamados de retrógrados aqueles que criticaram um homem nu sendo tocado por crianças em uma exposição de "arte".

Temos que acreditar que isso é "arte". Se não acreditarmos nessa narrativa, seremos tachados de ignorantes, incultos, pessoas sem sensibilidade alguma para aquele "momento superior" que está diante dos nossos olhos. Afinal, tudo aquilo é para o nosso bem e para nos salvar de nós mesmos e dos nossos valores "reacionários".

Voltando ao "revolucionário profissional" de Lênin, o cientista político Justin Murphy o define na atualidade: "Os revolucionários profissionais de hoje são ativistas de esquerda que vão a campo para 'educar' as pessoas

a respeito do funcionamento do capitalismo. Já a idéia de reunir um grupo de pessoas para derrubar o governo imediatamente, à força, para promover mudanças radicais foi abandonada". Tudo é gradativo, nos moldes de Gramsci. Todavia, não deturparam Marx. Trata-se do "homem novo" e da "sociedade nova".

Eis a razão pela qual, em entrevista à revista *Veja* (edição 2551 — ano 50 — número 41), o especialista em política na América Latina, Álvaro Vargas Llosa crava: "Se há um ponto importante em comum entre as práticas políticas bolcheviques e lulo-petistas, ele reside na forma de organizar o poder para, a pretexto de agir em nome do povo, assegurar a permanência do partido governante". Eu diria que, apesar de correta, esta visão não alcança todos os pontos.

O aparelhamento das instituições para perpetuar um projeto de poder, a infiltração em ambientes culturais e instituições como organismos estudantis, sindicatos, movimentos sociais e ONGs, que acabam se tornando extensão do partido, também são traços visíveis da forma de agir do Partido dos Trabalhadores, conforme podemos observar na atuação de entidades como UNE, MST e CUT. Impossível não lembrar, por exemplo, das declarações do presidente da Central Única dos Trabalhadores, Vagner Freitas, que, fingindo defender os interesses de trabalhadores, ameaçou pegar em armas para defender o governo perdulário de Dilma Rousseff. No caso de Freitas, *O Globo* estampou a declaração: "Somos defensores da unidade nacional, da construção de um projeto de desen-

volvimento para todos e para todas. E isso implica, neste momento, ir para as ruas entrincheirados, com armas nas mãos, se tentarem derrubar a presidenta".

Todo o vocabulário de Freitas exemplifica bem o que Gramsci defendia e o significado do "revolucionário 24 horas" defendido por Lênin. Na CUT, ele era um braço do partido pronto para estimular a tal "consciência de classe". Assim, as minorias organizadas comportam-se como se maioria fossem, como se estivessem a defender os interesses de um "povo", que para eles não passa de um vocábulo de sentido abstrato para defender as próprias vontades.

Mas Freitas não está só. Esse também é o espírito presente em idéias como "controle de mídia", para que só circulem as idéias que interessam, ou ainda na tentativa de criação dos "conselhos populares", que Dilma Rousseff tentou implantar por meio de um decreto em 2014, e que nada mais são que estruturas criadas para ideólogos inserirem seus representantes, de modo a produzir um simulacro de democracia, fingindo representar a população que nem sequer foi consultada.

A mentalidade revolucionária, portanto, é um terreno fértil para as táticas do globalismo.

CAPÍTULO VII

As inferências do marxismo cultural na música brasileira

Camilo Calandreli

A degradação intelectual e espiritual artística na formação da identidade nacional brasileira é notória e alastra-se alarmantemente por toda a sociedade.

A fragilidade de nosso povo nos faz refletir sobre a importância da formação cultural na elevação dos progressos técnicos e morais, tão fundamentais na emancipação de valores que nos consolidariam como uma nação próspera, saudável e, portanto, mais feliz.

Se por um lado, a humanidade se tornou mais saudável, pois a realidade do progresso é visível, como exemplo, a expectativa de vida e as mais diversas atividades esportivas, artísticas e contextualizações culturais que nos conduzem a uma melhor qualidade de vida na terceira

idade. Por outro lado, a vida intelectual do brasileiro e seus hábitos não condizem com esses avanços tecnológicos e anseios pela felicidade plena.

Questione os intelectuais brasileiros, veja quais são seus artistas favoritos. Eles citarão inúmeros excelentes escritores como: Guimarães Rosa, Kafka entre outros. Citarão cineastas como: Bergmann, Kubrick, talvez Glauber Rocha e Fellini. Além dos nomes citados, com a inserção da filosofia conservadora, nomes como: Burke, Scruton, Corção, Ferreira dos Santos, Olavo de Carvalho figuram nessa realidade.

Quando questionarmos sobre a música, o que responderão? Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Hermeto Pascoal. Não ouviremos um intelectual moderno falar sobre Villa-Lobos, Carlos Gomes, Francisco Mignone ou Camargo Guarnieri. Tão pouco ouviremos sobre Stravinsky, Wagner, Liszt ou Shostakovich. A música erudita simplesmente não se encontra no dicionário das pessoas cultas brasileiras e a música contemporânea menos ainda.

Para esses pensadores, a tropicália é um movimento intelectual à altura dos mais fantásticos filmes de Ingmar Bergmann e, por vezes, não desmerecendo sua qualidade artística, colocam-na no mesmo plano intelectual que as óperas de Carlos Gomes, ou mesmo as bachianas e choros de Villa-Lobos. Isso é uma tremenda desonestidade intelectual e um engodo total.

A degradação dos valores intelectuais na formação cultural brasileira tem como pilar fundamental a aplicação do marxismo cultural na música, ou a sua proletarização.

Villa-Lobos era um compositor "pós-moderno" por essência, assumindo todas as técnicas modernas de composição, olhando com carinho e devoção para uma arte ativamente nativista, comungando os valores culturais herdados por seus antecessores em inúmeros trabalhos de pesquisa sobre a música indígena e folclórica brasileira.

A música genuinamente brasileira, aquela que comunga dos valores das mais diversas etnias que consolidam nossa cultura, foi elaborada primeiramente por Carlos Gomes em suas óperas como: *Il Guarany* e *Lo Shiavo*, e nos mais profícuos trabalhos de Alberto Nepomuceno, cabendo a Heitor Villa-Lobos, em seu contraditório contexto, culminar essa lograda tentativa de nacionalização da alta cultura e da música brasileira, nos primeiros quartos do século xx, ele que por sinal era mal visto pelos intelectuais de esquerda, pois foi beneficiado pelo Estado Novo de Getúlio Vargas e pela sua simpatia, nos anos 30, pelo nazismo, o que é no mínimo contraditório por parte destes letrados.

A Semana de Arte Moderna, em 1922, coloca frente a frente os dois pilares fundamentais para o desmembramento da cultura brasileira em amplos debates.

De um lado Oswald de Andrade, líder artístico comunista, que discursava sobre a importância do proletariado conhecer e absorver a alta cultura de sua literatura de vanguarda. Do outro lado, Mário de Andrade que refutava a idéia de Oswald de Andrade alegando ser classista e rompendo com os verdadeiros interesses das massas, rompendo em uma célebre carta com as diretrizes da Semana de Arte Moderna.

Ambos eram comunistas na prática ou na simpatia dos valores soviéticos. Oswald de Andrade, mais tarde se desligaria do Partido Comunista, enquanto Mario de Andrade influenciaria novos artistas em seu engajamento político, como exemplo, Francisco Mignone, o primeiro a reger Shostakovich no Brasil e muito ligado ao Partido Comunista.

A segunda tentativa de inserir a cultura marxista na formação intelectual brasileira acontece com o musicista alemão Hans-Joachim Koeullreutter. Ele desempenhou uma notória difusão e influência musical contemporânea européia, introduzindo as técnicas de composição de Schoenberg e Hindemith, lançando em 1944 o Manifesto Música Viva, no Rio de Janeiro.

Tal movimento amalgamava a socialização da população brasileira ao dodecafonismo e demais técnicas composicionais "revolucionárias", tornando a música em um ativo elemento político sintomático do pós-guerra, dizendo: "A música é um produto da vida social... reflexo do essencial na realidade... superestrutura de um regime... compreendendo que o artista é um produto do meio e que a arte só pode florescer quando as forças produtivas tiverem atingido certo nível de desenvolvimento... não há arte sem ideologia...".

O Manifesto Música Viva combatia o nacionalismo e academicismo, forças que valorizavam a individualidade em detrimento da coletividade do ensino e da práxis musical. Os principais compositores deste movimento foram: Cláudio Santoro, Edino Krieger, Guerra-Peixe e

Eunice Katunda, todos ligados indiretamente e por vezes diretamente ao Partido Comunista.

O marxismo cultural nas artes e o excesso de politização fizeram com que esses compositores rompessem com o Manisfesto, retornando às práticas musicais nacionalistas e mais próximas da tão desejada comunicação de massas, liderados pela política cultural soviética de Vladimir Zhdanov. Esse novo socialismo musical baseava-se nos modelos e símbolos do realismo socialista soviético, tendo como grandes obras a "Suíte sinfônica nº 1" de Guerra-Peixe, sendo inclusive gravada pela Orquestra Estadual de Moscou e o "Canto do soldado morto" de Eunice Katunda.

Camargo Guarnieri, aproveitando-se da situação "bipolar" dos compositores brasileiros, lança a sua "Carta aberta" em 1950 e publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, criticando abertamente a música dodecafônica, exaltando nitidamente os conceitos Zdhanovistas. Mesmo não sendo comunista, Guarnieri tem em sua família parentes ligados ao Partido Comunista, como o ator Gianfrancesco Guarnieri. Em sua carta escreve:

> É preciso que se diga a esses jovens compositores que o dodecafonismo, em música, corresponde ao abstracionismo em pintura, ao hermetismo em literatura, ao existencialismo em filosofia, ao charlatanismo em ciência. É a expressão característica de uma política de degenerescência cultural, um ramo adventício ao da figueira-brava do cosmopolitismo.

Com a Guerra Fria, a efervescência da política brasileira por meio da influência dos pensadores marxistas nas universidades, os manifestos de Zdhanov e Guarnieri, aliados ao posicionamento de Mário de Andrade em seu famoso "Ensaio sobre a música brasileira" faz com que tenhamos uma nova tratativa de incursão do marxismo cultural na música brasileira.

No entanto, os valores da Escola de Frankfurt ainda não eram estudados e muito menos aplicados nesse modelo cultural, criando assim, uma arte de caráter nacionalista-socialista. A única dúvida, a partir de agora, era a seguinte: De onde vamos retirar as idéias que complementarão essa "arte de vanguarda"?

Essa resposta surge através do incentivo às músicas populares que tornaram-se, em pouco tempo, referência para a música de massa. Inicialmente a idéia era interessante e gozava de uma erudição singular, resgatando linguagens musicais de extremo bom gosto e conceitos elaborados através da união da música erudita e a música popular brasileira, como podemos ver no Movimento Armorial, criado por Suassuna e Nóbrega. Contudo, a revolução de maio de 68, liderada pelos pensamentos da Escola de Frankfurt, em Paris, colocou em prática, dentro das universidades e através do rompimento cultural com as tradições européias, um novo conceito revolucionário calcado nos pensamentos de Marcuse e Foucault, e introduzido em diversos movimentos artísticos por Timothy Leary.

Ainda na música erudita, em meados dos anos 60, surge o Grupo Música Nova, formado por compositores de

São Paulo, liderado por Olivier Toni, que retoma os conceitos da *Neue Musik*.

Tal conceito era baseado no serialismo integral que excluía os fundamentos básicos da construção musical no Ocidente até o começo do século XX. A criação desse "novo vocabulário" musical abolia os ritmos periódicos, harmonia, melodia e toda a estruturação em torno da estética musical encontrada nas músicas de Bach, Mozart, Beethoven, Verdi, entre outros. Os grandes expoentes dessa corrente musical eram: Rogério Duprat (que depois serviria como apoio na criação de arranjos musicais e composições para a Tropicália), Gilberto Mendes, Willy Correa de Oliveira e Damiano Cozzela; todos embasados nos conceitos musicais adotados pelos alunos da Escola de Darmstadt, como Luciano Berio, Stockhausen, Pierre Boulez, Nono, Pousseur.

Após insistentemente desconstruírem a música erudita, em prol de uma ideologia comunista com ares de década de 20, as conseqüências trágicas vieram à tona no século XXI. A perda de público em salas de concerto, teatros e locais onde são executados música erudita (exceto para os alunos universitários que na maioria das vezes fingem aprovar as idéias musicais de seus professores para serem inseridos dentro de um nicho cultural), o desinteresse do público e de músicos, que são deficientes intelectualmente, emburrecidos pela cultura do entretenimento barato, uma geração desinformada e colada nos programas midiáticos de baixo repertório, e até mesmo a "alta sociedade" tem por modelo a classe baixa, suas posturas, costumes, hábitos, vestimentas, ideologia pro-

gressista e faz das novelas e demais programas globalistas a matéria-prima do desenvolvimento intelectual.

A música erudita contemporânea está longe de se comunicar com a população em geral, cabendo ao progressismo e suas atuações nas interpretações de óperas. O marxismo cultural também interpreta as obras de Mozart, Verdi, Puccini e Wagner, colocando em seus elementos, através dos diretores musicais e cênicos, o papel de se comunicarem com a tão sonhada "sociedade das massas".

O movimento hippie, assim como todos os demais movimentos parelhos ao marxismo cultural, levanta o estandarte do "progressismo" e sua assimilação através da cultura de massa. Aos poucos a introdução da indústria da cultura passa a ter um novo aliado. No Brasil, surgiu o tropicalismo como grande corrente de difusão desse ideal, liderados por Caetano Veloso e Gilberto Gil, confundindo a população com o que seria música popular e música de entretenimento, dominados pela difusão dos veículos de comunicação. Os pensamentos de Marcuse e Foucault, com ampla estratégia gramscista e de Adorno, ganham forma e corpo com esses movimentos ditos "populares" dando continuidade ao processo de subversão ideológica.

Aos poucos, a degradação cultural ocidental passa a ser essencial para o sucesso do progressismo na música brasileira, mostrando todo seu repertório de destruição ética e moral nos anos 90, com exemplos mais espúrios como Xuxa, É o Tchan e similares.

Essa intelectualidade leva a sério os enredos de novela, *reality show*; escutam *Hip-Hop* como sendo a vanguarda

artística e assimilam o samba-*rock*, *funk*, *lounge*, *heavy metal*, *rock* e *pop rock* como estruturas fixas para a formação de uma sociedade. A linguagem do *pop rock*, inclusive, determina as ações comportamentais da cultura de massa. Nesse momento, a Madonna, por exemplo, tem mais capacidade de influenciar jovens do que a família ou mesmo do que os professores bem intencionados.

A população está fissurada pela cultura inútil e pela música comercial. Qual será o nosso destino?

Aos conservadores, defensores da "velha nova música", a música erudita sobreviverá, plena e soberana, sem intromissões progressistas em suas execuções ou espetáculos cênicos, sempre buscando soluções para fomentar a "boa música" em locais de concentrações públicas adequadas e esquecidas, como igrejas e outros templos históricos.

Mas, se nada for feito no futuro próximo, a população irá ignorá-la solenemente, pois a cada dia o progressismo desinteressa as pessoas em apreciarem a música erudita, comunicação essa avessa à comunicação de massa e aos interesses da mídia, da indústria cultural, fadando-a ao ostracismo e excluindo-a como linguagem artística.

CAPÍTULO VIII

Um mundo sem arte

Elis Bobato

A beleza pode ser reconfortante,
perturbadora, sagrada e profana;
pode revigorar, encantar, inspirar, atemorizar.
Ela pode nos influenciar de inúmeras formas. Não obstante,
jamais é vista com indiferença:
exige nossa atenção; fala-nos diretamente,
como a voz de um amigo íntimo.
Se há alguém indiferente à beleza,
sem dúvida, é porque não a percebe.

— Roger Scruton

O que é arte? Qual o seu papel na sociedade? Como seria um mundo sem arte?

O declínio da qualidade em todas as esferas artísticas é notório, pois basta que nós visitemos uma exposição de arte moderna e contemporânea, observemos a

produção cinematográfica e musical atual e a última pergunta será praticamente respondida. *As produções estão vazias de valores morais e estéticos, e precisamos de discernimento para termos percepção desta triste realidade.*

Diante de tanta degradação nos perguntamos também: *como chegamos até aqui, a quem interessa tamanha depreciação e como podemos resgatar a arte?* Como artista já estive presa num labirinto infinito de páginas que não fazem o menor sentido, enquanto procurava compreender a arte contemporânea. Perambulando entre movimentos como arte ambiental e arte relacional, quanto mais eu pesquisava menos aquilo tudo fazia sentido. Para chegar até a verdadeira compreensão deste tema percorri um exaustivo e doloroso caminho, que passa pela teologia, pela filosofia e pela política.

A Arte, com A maiúsculo, virou apenas arte e tornou-se um importante instrumento nas mãos de grupos e órgãos que a usam para moldar a sociedade por meio do método de dessensibilização, um processo lento no qual a sociedade acostuma-se aos poucos com novos padrões de comportamentos nas áreas que nos são mais caras, como religião, família, leis, economia, entre outros, mudando o comportamento das pessoas por meio da relativização de valores essenciais. Falar sobre Nova Ordem Mundial pede uma análise de diversos assuntos relevantes à sociedade, entre eles os campos culturais e artísticos, que são de muita importância para o desenvolvimento das pessoas, e foi percebido que corromper essas áreas facilita a elaboração de uma nova mentalidade, facilitando para que os objetivos de liderança sejam atingidos.

Há décadas a arte é usada como método de propaganda globalista para desmoralizar a sociedade ocidental e seus pilares: a moral judaico-cristã, o direito romano e a filosofia grega.

Para que a arte pudesse ser usada como instrumento do marxismo cultural, grandes manobras falaciosas precisaram acontecer no campo filosófico para dar embasamento teórico a ser usado pela comunidade artística como justificativa à sociedade pelo horror que viria a seguir. Isto explica como passamos do êxtase diante da beleza das pinturas renascentistas para o repugnante *Queermuseu*. Dezenas de movimentos artísticos de muita relevância para a história da arte merecem ser objeto de estudo e contemplação, porém, infelizmente, existe um, o mais pobre em termos de conteúdo artístico, que precisamos destrinchar para compreender a miséria criativa e confrontar as mentiras acadêmicas.

Arte conceitual é o nome do movimento que rompeu o caminho natural das criações artísticas. Considerado o mais radical dos movimentos contemporâneos, teve início em meados da década de 60, visto como um "vale-tudo", que não valia nada, utilizando o que denominaram de arte performática, arte corporal e arte narrativa; e assim como no dadaísmo tinha a intenção de rejeitar os métodos tradicionais da arte, como a escultura e a pintura. No lugar destas surgiu a ênfase na idéia embasada por uma grande onda de relativismo moral e estético, na qual a beleza, de claras proporções, tanto de formas como de luzes e cores, passa a ser relativa; o mesmo ocorreu com o bem e com a verdade — tudo passa a ser relativo. O que

o movimento dizia propor era tirar a atenção da obra em si e trazer essa atenção para a idéia; aparece então muita informação que nem sempre podia ser passada por um só objeto, os artistas então faziam uso de seus próprios corpos, em linguagem performática, textos, fotografias, documentos, mapas, filmes e vídeos.

Segundo historiadores e críticos, a arte conceitual existia de forma mais completa e também complexa na mente dos artistas, isso exigia uma maior atenção e participação mental por parte do espectador. Ela exigia do público que ele pensasse. Pensar não a respeito do sentimento do artista ao fazer aquele trabalho, mas pensar na informação que estava sendo transmitida.

Quem deu início à concepção de arte como idéia foi o francês Marcel Duchamp, que em 1917 pegou um mictório comum, assinou um nome qualquer, deu à sua "escultura" o nome de *A fonte* e a levou para uma exposição que ele ajudava a organizar em Nova York. O que Duchamp dizia querer com seu "ready-made" era valorizar o pensamento, a idéia, sem se importar com o produto visual. *Particularmente penso que o Sr. Duchamp queria mesmo era fazer uma piada com a comunidade artística e a brincadeira acabou sendo aceita no salão de arte de Nova York. Enfim, a brincadeira uma vez aceita teria que continuar, e então surgiram outras "obras".*

Os objetos que eram chamados de *ready-mades* eram objetos comuns, tirados do cotidiano, porque Duchamp dizia que a arte podia ser feita de qualquer coisa, desde que tivesse a idéia como respaldo; ele encaixa-se na história dentro do movimento dadaísta, que era o movimento

da "não-arte", considerado infantil pelo historiador Ernest Gombrich. Quando os dadaístas se depararam com o pensamento de Duchamp, abraçaram-no já de início. Para ele, o efeito de um objeto exposto sem qualquer implicação de bom ou mau gosto é desorientar o observador, levando-o a pensar. Estes objetos continuam sendo apenas o que são, e muitas vezes até desconcertantes, apesar de ilustrarem catálogos e exposições de arte e de terem sido batizados como obra de arte. A escolha de Duchamp dos objetos para fazer seus *ready-mades* não tinha nada a ver com questões estéticas ou de gosto. Em 1961 declarou: "A escolha se baseou em uma reação de indiferença visual, ao mesmo tempo com uma total ausência de bom gosto ou de mau gosto, de fato completa anestesia".

O francês Francis Picabia, pintor cubista, em alguns de seus depoimentos, veio completar este raciocínio, de que um objeto comum pode ser um objeto de arte, além disso, ele também declara que: "as verdadeiras obras de arte moderna não são feitas por artistas, mas muito simplesmente por homens". Este era um pensamento dadaísta, que tinha como uma de suas preocupações a "não superioridade" do artista como criador. Para Picabia, não existia problema, não existia solução, a obra existia e sua única razão de ser era existir. Não deveria representar nada além do desejo do cérebro que a concebeu.

Apesar de a essência da arte conceitual surgir no dadaísmo com Duchamp, o movimento conceitual propriamente dito começou quatro décadas depois, e durante este tal "período de gestação", houve diversos movimentos, que de certa forma acabaram adotando suas próprias

convenções artísticas, utilizando de uma linguagem específica em cada um deles. Tivemos a arte cinética, o minimalismo, o construtivismo, o expressionismo abstrato e outros, mas cada um com sua particularidade; até mesmo o Dada, que seria o movimento da "não arte", acaba sendo reconhecido com algumas características bem peculiares. Depois que cada método e linguagem foram explorados, volta-se então àquela discussão a respeito da arte como idéia, que veio a culminar no conceitualismo.

Entre o final dos anos 50 e começo dos anos 60, já muito próximo ao início da arte conceitual, houve alguns esforços em enfatizar o conceito duchampiano do "não objeto", tivemos então algumas manifestações artísticas intituladas de neo-dadá, que não chegaram a ser um movimento, mas algo muito rápido que vinha trazer de volta a essência do pensamento duchampiano. São trabalhos de Jasper Jons, Robert Rauschenberg, Yves Klein e Piero Manzoni. Robert Rauschember apresenta *Desenho apagado de De Kooning* em 1953, e o que ele chamou de telegrama-retrato de Íris Clert, com a seguinte frase: "Este é um retrato de Íris Clert, se eu assim o digo". Tivemos também as tentativas de vôo de Yves Klein, que se apresentavam em fotografias do artista saltando de muros, que já vinham mostrar os primeiros exemplos de arte performática. Yves Klein também descarregou dois caminhões de lixo na exposição de Arman em 1960, em Paris, o que levou críticos a pensar no processo deste trabalho como sendo performático e aflorando o pensamento da idéia como arte. Em 1960, o holandês Stanley Brown declarou que todas as sapatarias de Amsterdã formavam

uma exposição de sua obra, um projeto que aborda a questão da idéia, para levar o espectador a pensar e ver a obra por completo apenas na sua própria mente. Piero Manzoni lançou cilindros cromados, com rótulos informando que continham excrementos do artista, o que também nos leva a conceber a obra plenamente na nossa imaginação, uma vez que temos apenas o recipiente fechado, sem vermos o que está dentro dele. Houve também importantes manifestações do grupo Fluxos, com seus *happenings* executados por Claes Oldenburg, Jim Dine e Allan Kaprow em Nova York. O Fluxos foi um movimento paralelo e ao mesmo tempo contido no movimento da arte conceitual, que fez uma frente mais radical diante das outras manifestações artísticas de sua época.

Mas foi mesmo depois do início da década de 60, e com uma geração de artistas mais jovens, que a contribuição revolucionária de Duchamp incendiou a imaginação de diversos artistas, que o seu "movimento de um homem só" converteu-se numa multidão, e tornou-se algo que parece não ter fim.

No ano de 1966, o interesse no contexto e em dispensar o objeto virou uma epidemia, com variadas motivações, tais como política, estética, ecológica, teatral, filosófica, jornalística etc. *Traçando uma linha do tempo entre o movimento artístico com a Escola de Frankfurt, é notável o fato de que com o firme estabelecimento desta corrente filosófica nas universidades americanas é que a arte conceitual realmente explode.* Artistas jovens e com ambições vanguardistas que foram levados a acreditar que os métodos tradicionais da arte já estavam exaustos,

também a agitação política e a guerra de classes disfarçada de consciência social nos anos 60, depois de duas guerras mundiais, levaram-nos ao desinteresse pelo estilo, valor ou prestígio que o objeto tradicional da arte trazia; alguns artistas também intencionavam driblar e até ridicularizar o sistema de mercado da arte que existia, e passaram a se sentir confinados pelo próprio espaço da galeria. Apesar do desprezo pelo objeto em si, muitos materiais foram usados, tais como: serragem, recortes de feltro, pigmentos, farinha, látex, neve e até flocos de milho. Normalmente uma obra conceitual não aceitava uma mobilidade nem acesso normal, e muitas vezes surgiam propostas gigantescas de trabalho, muitos destes poderiam ficar conhecidos apenas através de fotografias, devido ao fato de que muitas obras existiam realmente num contexto conceitual e imaterial. Este processo foi chamado de "arte processual". A respeito deste tipo de trabalho declarou Mel Bochner:

> Um ponto de vista conceitualista doutrinário, diria que as duas características mais importantes da "obra conceitual ideal" seriam possuir um correlativo lingüístico exato, ou seja, que ela pudesse ser descrita e vivenciada em sua descrição, e ser infinitamente repetível. Não deve possuir absolutamente nenhuma "aura", nem qualquer espécie de singularidade.

Na realidade poucas obras conceituais atingiram este estado ideal, normalmente as obras que atingiram eram carregadas de pureza estética e idealismo político. Dentro

do movimento da arte conceitual existiram alguns artistas que se destacaram mais, e que de certa forma "representam" o movimento, estes são: Laurence Weiner, Douglas Huebler, Robert Barry e Joseph Kosuth.

Laurence Weiner, no final dos anos 60 declara que: "A arte que impõe condições ao receptor para a sua apreciação, constitui ao meu entender, fascismo estético". Weiner foi considerado um dos artistas que atingiu o objetivo de fazer com que a obra existisse plenamente na mente do receptor, que era o público. Obras como *Uma caneta jogada no mar*, que poderiam ser executadas por ele mesmo, por outra pessoa qualquer, ou por ninguém, poderiam ser recebidas por qualquer um, dizia: "Depois que você toma conhecimento de uma obra minha, você é o dono dela. Não existe maneira de eu entrar na sua cabeça e retirá-la de novo". Para Weirner é a linguagem que dá ao artista conceitual o caráter radical; é da linguagem que vem o "material com que se trabalha". Douglas Hubler declarou em 1968: "O mundo já está cheio de objetos mais ou menos interessantes; não desejo adicionar-lhe mais nenhum. Prefiro simplesmente declarar a existência de coisas em termos de tempo e de espaço". Uma das primeiras obras de Huebler foi: *New York — Boston Shape Exchange*, em que usou mapas e instruções para propor a criação de hexágonos idênticos (um em cada cidade) com 3 mil pés de lado e com pontos marcados por adesivos de uma polegada de diâmetro. Esta obra, mesmo que tivesse sido executada, seria impossível senti-la como um todo, podendo ser plenamente vista apenas na mente do espectador.

Apesar da extrema diversidade, a maior parte da atividade conceitual estava unida quase que por unanimidade na idéia da linguagem, na qual a experiência sensorial não importava. Josepf Kosuth, em seu texto "A arte depois da filosofia" disse: "A condição artística da arte é um estado conceitual"; ou seja, a arte está condicionada ao conceito e à idéia.

Em 1966, Bruce Nauman, um jovem californiano, fez uma série de fotografias, uma das quais em referência direta a Duchamp. Intitulava-se *A fonte*; o trabalho consistia em o próprio artista borrifando água da boca, ele mesmo seria a fonte, mostrando também o caráter performático. Então são duas obras estapafúrdias de uma só vez.

Joseph Kosuth publicou um texto considerado importantíssimo: "A arte depois da filosofia", que foi distribuído nos principais órgãos que tratavam de arte em todo o mundo, e é tido como um ponto de referência indispensável na compreensão da arte conceitual. Aqui o autor começa fazendo um aparato geral das descobertas filosóficas e científicas, uma vez que caminhavam juntas, e os grandes filósofos também eram os grandes cientistas. Kosuth levanta a teoria de um possível esgotamento das descobertas filosóficas, então ele coloca a questão como o "fim da filosofia e o início da arte". Ele também divide a arte em antes e depois de Duchamp, e coloca que seu verdadeiro valor aplica-se num período posterior a ele, responsabilizando-se por estas colocações, por ser altamente auto-suficiente, tanto em seus trabalhos como em suas publicações. Ele é considerado pela crítica um dos

artistas que mais fez uso de uma linguagem pura; para ele cada obra é a fotocópia da definição dicionarizada de uma palavra: "arte", "idéia", "significado", "nada", ampliada e impressa ao inverso, branco no preto. Afirmava que a arte não era a fotocópia concreta, mas sim as idéias que ela representava. Às definições de arte como idéia surgiu a obra *Uma e três cadeiras*. Consistia em uma cadeira, uma fotografia da cadeira e um texto explicando o que é uma cadeira. Dizia que cada uma representava algo em si, além da própria instalação que era a obra em seu estado completo.

Os *happenings* também foram muito populares na expansão da arte conceitual. Basicamente, a diferença entre *happenings* e performances é que os *happenings* são caracterizados como um acontecimento, algo que deve acontecer em público, na maioria das vezes em locais abertos, sem um contexto teatral, algo espontâneo que surge "de repente". Já as performances são mais premeditadas e estão dentro de um contexto teatral. Logo, uma pessoa atravessando a rua pode ser um *happening*.

Não nos restam dúvidas de que a primeira semente plantada para o surgimento da arte conceitual foi Marcel Duchamp, *porém é importante ressaltar que houve outro importante fio condutor: Pablo Picasso*. No cubismo surge um primeiro elemento semiótico, que nos transporta ao pensamento de conceito em termos arte. Isto acontece na fase chamada "sintética" do cubismo, quando Picasso usa um recorte de jornal em formato de garrafa de vinho e simplesmente cola na tela, ou o mesmo jornal em formato de guitarra. Não é uma pintura de uma garrafa

de vinho, ou uma pintura de uma guitarra, mas eis que temos representados uma garrafa de vinho e uma guitarra. O processo é basicamente o de transmitir informação: o recorte informa que ali tem uma garrafa de vinho, ou uma guitarra, sem que o artista a representasse de forma realista. *Basicamente a arte conceitual transmite informação de forma dinâmica, rápida e retórica; e isso é muito importante para o movimento e para uma revolução promovida pelo marxismo cultural. É a práxis, o fazer, o produto e o resultado que importam.*

No Brasil, um campo muito fértil tanto para as boas como para as más sementes, com mentalidade aberta à subversão, artistas ativistas políticos e de esquerda obviamente foram muito receptivos ao movimento que "tudo pode". Em 1969, Cildo Meireles refaz a tradição do *ready-made* com a série "Inserções em circuitos ideológicos", que se resume na interferência de objetos já existentes e a lançá-los novamente no sistema. Um de seus trabalhos foi o de estampar mensagens políticas com uma matriz de borracha em notas que estavam em circulação. Uma das frases era: "Quem matou Herzog?", fazendo referência a Vladimir Hersog, um jornalista integrante da base do Partido Comunista morto em circunstâncias estranhas durante o Regime Militar.

O trabalho de Meireles que ficou mais conhecido foi o *Projeto Coca-Cola*, usando o símbolo do capitalismo americano, interferiu com mensagens políticas como a seguinte frase: "Yankees, Go Home", usando a mesma tinta branca original do rótulo da marca para expressar o ódio de um artista de esquerda pela sociedade americana

capitalista. Como não poderia ser diferente, o artista é considerado um dos mais importantes do país, sempre reverenciado por críticos e jornalistas que compõem a mídia dominante.

Outro artista considerado importantíssimo para a história da arte no Brasil é Hélio Oiticica. Trabalhando em suas obras ora o pensamento anarquista, ora o revolucionário, teve grande produção na chamada arte ambiental, que é uma das ramificações que surgiram pegando carona no conceitualismo. Entre suas obras mais conhecidas estão os *Parangolés*, que nada mais eram do que uma espécie de abadás. Ele justificava como sendo um conjunto de obras que nasceu, nas palavras dele, "de uma necessidade de desintelectualização, de desinibição intelectual, da necessidade de uma livre expressão". Uma verdadeira apologia à burrice e ao desapego pela cultura.

Lygia Clark, artista considerada importantíssima e de grande influência para as artes plásticas no Brasil, em 1960 escreveu um texto intitulado "A morte do plano" que é uma síntese do resultado da filosofia kantiana e frankfurtiana. Segue um trecho:

> O plano é um conceito criado pelo homem com fins práticos: para satisfazer sua necessidade de equilíbrio. O quadrado criação abstrata, é um produto do plano. O plano, marcando arbitrariamente os limites do espaço, dá ao homem uma idéia inteiramente falsa, e racional de sua própria realidade. Daí surgem os conceitos antagônicos como o alto e o baixo, o avesso e o direito — contribuindo para destruir no homem o sentimento de totalidade. É também a razão pela qual o homem projetou sua parte transcendente

> e lhe deu o nome de Deus. Assim colocou o problema de sua existência — inventando o espelho de sua própria espiritualidade. O quadrado se carregava de uma significação mágica, quando o artista o considerava como levando uma visão total do universo. Mas o plano está morto. A concepção filosófica que o homem projetava sobre ele não mais o satisfaz — nada mais resta que a idéia de um Deus exterior ao homem. [...] Mergulhamos na totalidade do cosmo; fazemos parte deste cosmo, vulneráveis por todos os lados — que deixaram de ser lados: o alto e o baixo; a direita e a esquerda; o avesso e o direito; enfim, o bem e o mal: outros tantos conceitos que se transformam [...].[1]

Deixando de citar centenas de obras que não merecem atenção, lembramos o escândalo do *Queermuseu*. Entre as obras, imagens mostrando relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo e com animais, frases como "Criança vira travesti da lambada" e imagens de crianças de aparência andrógena. A mostra foi aberta às crianças, que ainda não têm estrutura psicológica para compreender e lidar com a sexualidade, e obviamente, todos os cidadãos que pediram o cancelamento da exposição foram rotulados pela comunidade artística e pela mídia como ignorantes, atrasados e preconceituosos.

Grandes instituições financeiras patrocinam estes eventos, além do dinheiro público que é investido por intermédio de leis de incentivo à cultura. Como em outros exemplos, o *Queermuseu* teve financiamento do banco Santander, enquanto o 35° Panorama da Arte Brasileira teve financiamento do banco Itaú e da Caixa Econômica Federal, além de apoio cultural de instituições respeitadas

1 Lygia Clark, *Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mario Pedrosa*. Rio de Janeiro. Funarte, 1980 – Arte Brasileira Contemporânea.

como o SESC. Lembremos que as grandes instituições financeiras como Santander e Itaú são de propriedade privada, controladas por poderosas famílias que seguem em sintonia com os interesses de outras poderosas dinastias internacionais no plano de destruição de valores familiares. Quanto menos família, melhor. Quanto menos gente nascer, melhor. Então essa gente financia tudo que possa evitar o crescimento populacional sem precisar causar um extermínio propriamente dito. Homossexualismo, feminismo e aborto parecem-me ser os mais alimentados. Família boa é a família deles, apenas.

O resultado destas articulações aparece em notícias como estas: alunos da Escola Estadual Dom Geraldo Fernandes, em Cambé, norte do Paraná, foram submetidos a produzir trabalhos para uma exposição de artes organizada por uma professora que tinha como pretexto fazer um protesto contra crimes sexuais cometidos por padres. Na produção dos trabalhos, páginas da Bíblia foram queimadas e sobre um púlpito foram coladas manchetes de jornais. A mostra tratou também de aborto e suicídio. Uma das obras mostra uma boneca pendurada por uma corda, questionando se o ato seria a "solução para seus defeitos", e objetos usados para realizar abortos, ensinando como usar cada um para a prática de um aborto em casa. Os pais dos alunos, com toda razão, consideraram os trabalhos como apologia ao aborto e ao suicídio.[1]

Outro acontecimento que reflete as conseqüências reais na sociedade é caso da menina Eduarda, de oito anos,

1 https://www.gospelprime.com.br/mostra-de-artes-queima-biblias-e-faz-apologia-ao-aborto-em-escola/.

que segundo os pais decidiu mudar de sexo. Eduarda já usava o nome social, Eduardo, desde os quatro anos, e agora mudou oficialmente seu registro na prefeitura de Pindamonhangaba no estado de São Paulo.[2]

O investimento nas crianças é pesado porque facilita a reengenharia social nas próximas gerações. Para subverter a mente dos jovens não é muito difícil devido à falta de conhecimento, experiências e senso da realidade. Mais fácil ainda é criar um imaginário influenciando a pessoa desde sua infância, inserindo padrões mentais, emocionais e espirituais, de modo a simplificar o processo de dominação e implantação de um governo mundial. É o sucesso absoluto e melhor do que o esperado do pensamento de Herbert Marcuse, autor de grande importância dentro da Escola de Frankfurt, que em seu livro *Eros e civilização,* escrito em 1955, apresenta um completo projeto de revolução sexual, de leitura obrigatória nos estudos acadêmicos de arte. Para Marcuse o homem fazia guerras porque era reprimido sexualmente, então ele deveria fazer tudo o que seu corpo tinha vontade para deixar de ser violento. Daí vem a conhecida expressão "Paz e amor", que deriva do pensamento "faça amor, não faça guerra". A revolução sexual é responsável pelo maior abismo entre gerações: quando mudamos o entendimento do sexo, mudamos o entendimento de nós mesmos, e assim caminhamos rapidamente para a concretização do *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley.

2 https://pleno.news/comportamento/crianca-de-8-anos-muda-de-genero-e-pais-comemoram.html?utm_source=Social&utm_medium=-facebook&fbclid=IwAR328fpNPTW7CZH5rVqE_eQyONl0l8e-49PryilKrYh_ukVSOd21mD7jc-Ro.

De modo postular e tautológico, a busca pelo belo, bom e verdadeiro está excluída da produção artística e da sociedade. O discurso retórico prevalece na defesa do indefensável. Retornando às perguntas do início deste capítulo, uma vez que a arte tornou-se um produto marxista e serve aos interesses da Nova Ordem Mundial, deixou de ser arte. Então, de certa forma, estamos sim vivendo em um mundo sem arte.

Para Ernest Gombrich, a arte reflete a sociedade em seu próprio tempo. A arte produzida por uma sociedade doente só poderá refletir então a sua própria doença. Então, na medida em que a sociedade for sendo sarada poderemos ter produções artísticas mais elevadas, que reflitam o bom, o belo e o verdadeiro.

O professor Olavo de Carvalho, em seu texto de 1997, chamado "Apeirokalia",[3] expressão grega que significa "falta de experiência das coisas mais belas", aponta que há tempos existe um abismo entre o bom, o belo e o verdadeiro, devido à total inversão de valores, tornando-os antagônicos entre si, sendo que estes três elementos juntos são o que causam no homem as experiências mais intensas.

Além dos grandes bancos que financiam as produções, temos os grandes empresários da mídia *maistream* financiando artistas menores, que atingem um grande e receptivo público, causando confusão de entendimento naqueles que iniciam uma busca pela verdade em meio a

3 Bravo!, Ano I, nº 1, novembro de 1997 e *A longa marcha da vaca para o brejo: O imbecil coletivo II*. Rio, Topbooks, 1998.

tanta manipulação. E segue o baile das poderosas famílias rumo à destruição da sociedade, mantendo seu legado obscuro de pai para filho.

Leon Tolstói, em seu ensaio "O que é arte?", publicado em 1898, demonstrava profunda angústia pelo estado da arte em sua época e acreditava que as gerações futuras iriam transformá-la em algo melhor. Não fazia separação entre arte e ciência e esperava que ambas tivessem um rumo mais elevado, sendo uma o suporte da outra. Mal sabia ele que tanto uma como a outra seriam completamente corrompidas. Tolstói revela uma crença na grandeza e na influência que a arte tem na sociedade, como parte efetiva do progresso da humanidade, capaz de transmutar a consciência racional das pessoas em sentimento. Em sua época a consciência religiosa era a consciência de fraternidade entre os homens. A arte orientada pelo cristianismo e com a ajuda da ciência, deveria tornar a vida pacífica, contagiando todas as esferas da sociedade, todas as classes sociais e todo comportamento com um sentimento fraternal de amor ao próximo, e que no lugar da violência fosse estabelecido o Reino de Deus, o mais alto objetivo da vida humana. "Talvez, no futuro, a ciência abra para a arte ideais ainda mais novos e elevados, e a arte os realizará. Mas em nosso tempo, o seu propósito está claro e definido: a tarefa da arte cristã é a realização da união fraterna dos homens".[4]

Tendo entendimento da grandeza e importância da arte para a humanidade, os postuladores da arte desde a Escola de Frankfurt até hoje, trataram de inverter com-

4 Leon Tolstói, *O que é arte?*, p. 273.

pletamente o seu uso para o mal e o afastamento de Deus. Não cabe a ninguém definir a função da arte, diz a comunidade artística. Porém, enquanto caímos nesta conversa, deixando de usar a arte para o bem, a comunidade artística usa-a para o mal, que cresce exponencialmente a cada dia, ao contrário do ideal de arte sonhado por Tolstói.

CAPÍTULO IX

Infantilização proposital, ou: A era da pedagogia danoninho

Márcio Scansani

Começo com alguns casos. Não me alongarei em cada um deles porque isso exigiria mais laudas e mais tempo do que disponho, mas sobretudo porque não me interessam análises pontuais, mas o que os une, além de suas conseqüências mais imediatas.

Veremos que o processo de infantilização da sociedade brasileira, que está em curso há mais de trinta anos, segue padrões predeterminados, obedece a uma lógica fria e provavelmente seja um modelo de instrumentalização sendo testado no Brasil para ser aplicado globalmente. Os dois primeiros são fatos; o terceiro é especulação minha. Dessa maneira, tendo sido provocado propositadamente ou não, o fenômeno existe, e se não foi provocado, passou a ser aproveitado por quem quer que tenha inte-

resse em manobrar a sociedade, desde as elites globalistas até os oportunistas políticos de sempre.

Naturalmente ele corre em paralelo com outros processos de controle de massas, sendo um dos mais eficientes pelo simples motivo de que, como veremos em doze casos adiante, poder ser aplicado nas mais variadas situações e sob as desculpas mais inusitadas porque, frente a um povo já pré-emburrecido, sempre encontrará eco.

Tudo isso pode parecer simples e banal — e é mesmo, tanto que poucos dão a verdadeira importância ou prestam a isso a devida atenção. Ou já estão anestesiados.

Cena 1

Um sujeito atravessa a rua (na faixa de pedestres, afinal ele tem que exercer sua "cidadania" — o que quer que esse termo signifique na novilíngua, não tem nada a ver com reais direitos e deveres do cidadão) sem olhar para os lados. O motorista que vier, que se vire para parar e não o atropelar. Nessa ocasião à qual me refiro realmente vinha um, que teve que brecar, assustado. O que atravessava a rua apontou para a faixa e ainda olhou feio. Sentia-se no seu direito de "cidadão", protegido, por leis que praticamente classificam o automóvel como "o" inimigo e o protegem desse bruto, pelo Estado *onipotente*, se estiver cumprindo as regrinhas de Papai (Estado). Nem lhe passa pela cabeça que o sujeito que dirigia o automóvel também é um cidadão em seu pleno direito. Papai cuida de seus filhinhos.

Cena 2

Prefeito de São Paulo "seqüestra" patinetes que já estavam bem distribuídos pelas ruas de partes nobres da cidade. Dispensa maiores explicações: todos se lembram do furdunço do seqüestro dos patinetes de São Paulo pelo Prefeito Bruno Covas; porém, nem todos notaram que, por trás da atitude autoritária havia um método: mais uma aplicação da regra de tornar o cidadão — principalmente o empresário — submisso a algo maior, com poderes quase imperiais, algo que abarque quase tudo de sua vida e a conduza, algo contra o que ele já não tem mais forças para combater e atualmente em um estágio no qual já nem queira combater, pois perdeu a noção da *necessidade* de combater já que no mínimo essa condição lhe dá a certeza de não precisar tomar muitas decisões.

Pouco importa que seja uma iniciativa capitalista e que seja pelo menos teoricamente útil às pessoas. Dentro de certa mentalidade, é *melhor ainda* que seja uma iniciativa capitalista submetida ao tacão do Estado.

Cena 3

Ciclovias têm preferência sobre automóveis. Sob as mais pueris justificativas, as ciclovias vêm adquirindo *status* de salvadoras do planeta.

Começando em São Paulo, na gestão Haddad, isso se espalhou pelo país como fofoca de feira, em boa parte dos casos tomando espaço dos automóveis — vide o Centro de São Paulo. De acordo com a cena 1 (e guardando

parentesco com a cena 2), o automóvel foi eleito por boa parte da esquerda como "o" inimigo. Fingindo proteger o cidadão, criam-se ou incentivam-se modismos dos mais variados, dentre eles o cicloativismo, que é parente do ambientalismo tóxico e é tão radical quanto.

Nada contra bicicletas, ou *bikes* — falo do cicloativismo como bandeira de uso político. Como os cicloativistas são os novos queridinhos, em breve podem ter preferência até sobre o pedestre. Não duvidem. Tudo com muito amor, pois, afinal, as bicicletas estão salvando o planeta dos pérfidos automóveis e seus motores movidos a queima de combustíveis fósseis.

Cena 4

Decretado o fim das piadas e do bom humor. Tudo, absolutamente *tudo*, tem potencial de gerar reclamação em alguma minoria, e essa minoria será protegida por agentes da lei do Papai Estado. Salvo se for branco, cristão (particularmente católico) ou judeu e principalmente se estiver posicionado politicamente como conservador: esses devem ser abatidos. Se for negro, mas cristão e conservador, também não deve ser poupado.

Nasce assim o "humor a favor". Nada mais sem graça. E, claro, nasce a crítica a quase tudo que já está sedimentado: quem não se lembra das acusações de racismo em *O sítio do pica-pau amarelo* ou de maus tratos a animais em *Atirei o pau no gato*?

Cena 5

No momento em que escrevo, tramita no Congresso Nacional a "Lei do abuso de autoridade". Nunca vi absurdo maior. Por essa calamidade em forma de lei, tratar um bandido como bandido não pode mais. Considero o processo o maior dos sintomas do apodrecimento da sociedade, talvez seja um teste para ver até onde ela agüenta ou talvez seja um sinal do desespero que tomou conta de certa esquerda, distribuída pelos partidos políticos, meios culturais e imprensa. Seja o que for, apenas o fato de essa estrovenga existir e ser levada a sério é indicativo da infantilização da sociedade e é destinado a provocar ainda maior infantilização por seus desdobramentos; ou seja, nova e cada vez maior dependência do Papai Estado e o conforto que isso traz para acalentar os coraçõezinhos sensíveis, e o sistema segue se retroalimentando.

Cena 6

Polícias de mãos amarradas. Por meio de vários garantismos que já datam de décadas, com o auxílio luxuoso da mídia engajada, a mentalidade "modernista" ou "progressista" vem fazendo o que pode para demonizar a imagem do policial. Isso se desdobra no discurso demencial do desencarceramento porque "o Brasil prende demais" ou "prisão não resolve". Eu realmente gostaria de saber se há algum limite para o número de prisões por 100 mil habitantes recomendável pela ONU, por exemplo, ou, se prisão (*tirar* de circulação elementos perigosos) não resolve,

por que o desencarceramento (*devolver* à circulação elementos perigosos) de *bandidos* resolveria?

Nos últimos anos esse item da agenda foi acelerado, pode-se imaginar por qual motivo. Está descrito no item anterior, mas convém a leitura do fundamental *Bandidolatria e democídio.*[1]

Cena 7

Movimentos sub-reptícios de cooptação de pais que tentam proteger seus pimpolhos, nas escolas ou nos ambientes públicos, de políticas ativistas e principalmente de doutrinação por parte de professores e eventuais palestrantes. Interessante que esses movimentos são no mais das vezes velados e discretos — as ações é que são subjetivamente agressivas e onipresentes, mas embaladas em pacotes de candura e virtude, caso contrário ninguém as compraria —; a maior vantagem do Diabo é fazer as pessoas pensarem que ele não existe: eis o motivo pelo qual nenhum desses movimentos diz *real e abertamente* a que veio.

Isso vale também contra o método Paulo Freire de ensino, a destruição das mentes em formação: não se pode fazer nada porque seria preconceituoso e isso é muito feio. Não preciso me alongar: excelente análise do estrago causado por esse ativista ideológico travestido de educador consta no livro *Desconstruindo Paulo Freire.*[2]

---

1 Diego Pessi e Leonardo Giardin de Souza, *Bandidolatria e democídio — Ensaios sobre garantismo penal e a criminalidade no Brasil*. Santo André: Armada, 2017, 2ª Ed., atualmente em 3ª Ed. pela sv Editora, de Porto Alegre.

2 Thomas Giulliano Ferreira dos Santos, *Desconstruindo Paulo Freire*, Porto Alegre: História Expressa, 2017.

Aqui temos pelo menos uma boa notícia: movimentos contra-revolucionários como o Escola Sem Partido ou o recente Docentes pela Liberdade são um pesadelo para quem já está na segunda ou terceira geração de doutrinadores, já perdeu contato com as idéias originais — ou seja, com o papel da educação e com o dever do profissional da área — e tornou-se apenas um agente de propagação, uma caixa de ressonância de um esquema corporativista.

Cena 8

Culto ao feio, ao bizarro, uniformização de qualquer expressão sob o nome abstrato de "arte": degradação de conceitos. Degradando-se o conceito de arte, consentindo em que qualquer culto ao bizarro ou construção de linguagem floreada para definir que o que é puramente lixo, seja colocado sob a égide do Estado superprotetor, transfere-se a opinião, o poder de julgamento a este. Artistas beneficiados por projetos socialmente danosos que começaram com boas intenções, como a Lei Rouanet, na ânsia de agradar ao poder e não mais a seu público, mesmo que sejam eles já bastante conhecidos, ganham papel de intelectuais orgânicos e *status* de verdadeiros intelectuais.

Daí constatarmos a queda brutal na qualidade de qualquer arte produzida no país nas últimas — no mínimo — duas décadas, começando pela música, não há nem um passo. Mas divago. Próximo.

Cena 9

Perseguição e demonização de fumantes, mas não a fumantes da *marijuana*. Coloca-se a saúde pública como prioridade aparente, quando essa é a última coisa que interessa; divide-se a sociedade e automaticamente aparece a figura do patrulheiro. Esse ser abjeto é resultado natural da operação, colabora voluntariamente e não custa nada.

Dizer que é por causa da poluição também não cola. Donos de caminhões que emitem fumaça preta ou de motos antigas sem catalizadores dificilmente são incomodados por esse motivo. No entanto, poluem muito mais do que fumantes. Impossível não pensar que não se trata de educação nem de saúde pública, mas de um exercício de controle de opiniões e, portanto, controle de massas.

Esta cena tem alguma relação com leis estúpidas como a proibição de saleiros em mesas de bares e restaurantes ou ainda de canudos de plástico. Políticos demagogos capazes de criar leis de tamanha inutilidade não faltam; e nunca, jamais, em tempo algum, nenhum desses iluminados teve qualquer interesse na saúde das pessoas ou da coletividade.

Cena 10

Travestis em banheiros femininos. Recuso-me a usar o termo corriqueiro "trans". São travestis mesmo. Que não se tente reclamar, mas que se tente ouvir as opiniões das pessoas comuns: todos, absolutamente todos, incluindo

homossexuais, são contra, menos os que comandam as operações ou aqueles a quem estes servem, sejam homossexuais ou não: isso realmente não importa.

Enquanto escrevo, leio que o ativismo LGBT (divirtam-se colocando mais algumas letras na sigla) perdeu no STF a batalha pela imposição da ideologia de gênero. Bem, os ativistas, como os da cena anterior, que pouco ou nenhum interesse pelo respeito devido aos homossexuais têm, nunca deixam de tentar — porque, precisamente como no item anterior, o respeito à pessoa homossexual é a última coisa que lhes interessa; interessa, sim, é a massa de manobra.

By the way, a sexualização precoce de crianças segue o mesmo, o mesmíssimo caminho.

Cena 11

Epidemia de "fogo amigo". Dezenas, senão centenas de ações contra um governo com mais caráter conservador do que qualquer outro antes dele, partindo de — supostamente — antigos apoiadores "arrependidos", o que caracteriza não propriamente mentira, mas desinformação.

Concomitantemente, ataques de protestantes um pouco mais fanáticos a católicos e vice-versa. Dentre esses grupos, em ambos, a rejeição a Israel, pois em Israel existe o aborto legalizado. Sim, por um motivo, os torquemadas de ambos os lados rejeitam a única nação verdadeiramente democrática do Oriente Médio. E o monstro do outro lado da fronteira israelense agradece.

Desviando um pouco para abranger a sociedade inteira, achamos mais: movimento negro *versus* "racistas" — entre aspas mesmo, uma vez que nem precisam ter qualquer atitude definitivamente racista, basta que alguém do movimento a considere assim; note-se que basta uma *opinião* para o caso tornar-se um *fato* e a ação tornar-se justificada. Índios. Ambientalistas. Gordos. "Oprimidos" em geral. Porque o processo de divisão da sociedade não pode arrefecer, não pode parar.

Aliás, outro sintoma gravíssimo de infantilização é a confusão recorrente de opiniões com fatos. Falaremos dela.

Cena 12

Sobre Jair Bolsonaro, nem é bom comentar. Passados meses de sua eleição, aparentemente muita gente ainda o julga com base no "gosto dele" ou "não gosto dele". Como crianças. Sim, muita gente ainda julga o presidente da República, como se ele fosse uma espécie de imperador absolutista que tudo pode, na base do "gosto dele/não gosto dele".

O discurso de existir uma legião de "arrependidos" alcança apenas aqueles com opinião volátil, os facilmente influenciáveis — o que constitui um número difícil de avaliar, mas tem potencial de influenciar um contingente maior de gente sem memória, que já se esqueceu do monstro que está do outro lado do muro, louco para voltar ao poder, que não aceita o resultado das urnas e que ainda está abastecido de gordas verbas; mesmo que te-

nha perdido a chave do cofre, seus tentáculos ainda estão imiscuídos nas máquinas governamentais do Oiapoque ao Chuí, do governo federal ao menor dos municípios — o que Gramsci chamava de "conquistar a hegemonia", infiltrar-se em cada repartição pública e só agir quando necessário — como hoje. Esses pensam ainda menos que esse monstro, em caso de retorno ao poder, virá com sentimento de vingança e virá vacinado: não cometerá os mesmos erros e, dessa vez, jamais sairá dali. Parece tolo o que acabei de dizer? Converse com as pessoas na rua, fale com gente nos cafés, no metrô. Desça ao mundo real para ver se isso é assim tão simples. Sigamos.

***

Choque de realidade

Poderia ficar eternamente listando fatos, mas não são mais necessários, considerando que várias áreas estão bem representadas. Todos já vimos muitas dessas situações, senão todas.

Dizer que isso tudo é lógico e é fato é quase um clichê; porém não é isso que nos interessa agora, mas o que une cada um desses cenários. Tudo isso não é apenas destinado a proporcionar a certa elite autonomeada um controle cada vez maior: é para garanti-lo por gerações, perpetuá-lo, via infantilização proposital da sociedade, que é obtida via paternalismo — seja de Estado, seja de grupos de pressão, pela manipulação da opinião pública *mainstream*. Há todo tipo de artifício nesse padrão de estratégia,

da simbologia à totemização de ícones ou à identificação de inimigos, em boa parte dos casos como se fossem componentes de uma nova religião.

Usar de artifícios dos mais variados, partindo de metáforas simples ou meras abstrações para penetrar nos recônditos das mentes humanas não é novidade, e também nesse caso a operação funciona como apertar interruptores. Não estamos falando de controle de massas direto, mas *dependente do controle de mentes via transformação de opiniões individuais em coletivas*. Inibindo as barreiras naturais de certo e errado do indivíduo, que estão embasadas na tradição, por meio da depreciação dessa mesma tradição, o operador tem como resultado mentes esvaziadas e aptas a serem usadas como instrumentos coletivos e, portanto, a servir de peões no jogo político.

Dessa forma, devemos entender que isso é um exercício de puxar cordinhas e apertar botões que nem nos cabe saber de onde vem, importa saber que *vem* e *vai te atingir*, queira ou não. Aprender a identificar pelo menos alguns desses estímulos vai ajudar.

Assim, é antes uma forma de infantilizar enormes contingentes, até obter massa crítica suficiente para impor sua vontade sub-repticiamente,[3] de forma a instrumenta-

3 "Sua vontade" — ou antes, vontade *de quem*, pode ser consultado nos livros do Alexandre Costa. Trata-se de uma elite que movimenta as cordinhas do poder, que não conhece fronteiras e à qual os principais partidos de esquerda estão ligados não exatamente por submissão, mas por cumplicidade. Não tem nada a ver com teorias de conspiração; essas ligações e suas práticas são apenas discretas. Se o leitor entendeu PT + PSOL + PCdoB etc., como estando contidos no Foro de São Paulo, que por sua vez está contido (ou melhor: nesse caso sim, subordinado) em organizações maiores, de caráter global, está correto.

lizar essas massas e garantir sua subserviência, seja pela repetição *ad nauseam* de mantras, seja por conferir caráter nobre e profundo a conversas para boi dormir (quem assiste a alguns dos debates promovidos pela GloboNews sabe do que estou falando), seja por provocar a desistência do combate, até que dentro das cabeças das massas, do inconsciente coletivo, aquela bobajada se torne verdade.

Tudo feito seguindo um ou mais métodos pacientemente implantados ao longo de décadas e abusando da simbologia do "protecionismo" do oferecimento do pertencimento a uma nata de "pessoas boas", dotadas de "consciência social" — o que, nem é preciso dizer, mas digo, gera um tipo de orgulho difícil de ser quebrado, pois provém de uma certeza que não foi checada nem o será, uma vez que ela proporciona o conforto de não ter que fazer questionamentos. Como disse antes, algumas dessas cenas exibem a lógica de novas religiões, incluindo a sacralização de ícones, de forma a deixar impresso nos corações e mentes que quem não concorda só pode ser contra a humanidade e deve ser execrado, ridicularizado e olhado como se fosse um pária; não faz parte da turma dos bem-pensantes que só querem salvar o mundo.

Não pode ser e realmente não é coincidência.

Impossível dizer exatamente *de onde* partem essas estratégias e menos ainda a motivação *real*, oculta por trás da motivação aparente — esta, por sua vez, oculta sob o discurso edulcorado. Dessa maneira, enquanto investigamos isso para podermos descobrir, denunciar e combater as causas, enquanto não temos informação

suficiente para combatê-las, tratemos de combater o que podemos no momento: as conseqüências. Ou seja, há três camadas de motivações: a primeira, para consumo da manada, a do discurso edulcorado, indignado, choroso, vitimista;[4] a segunda, destinada a satisfazer a militância mais próxima, com palavras de ordem e inimigos bem definidos; a terceira, aquela das cabeças pensantes, cuja descrição de momento pode ser satisfeita apenas dizendo que são os estrategistas que estão acima de pessoas comuns e partidos políticos, embora identificados com toda a gama de partidos de matiz vermelha (que também está sendo usada) e muito provavelmente boa parte deles está fora das fronteiras brasileiras, ainda que essa "nata" ignore fronteiras. Mais detalhes no capítulo e nos livros do Alexandre Costa — ele investiga causas, eu estou mais preocupado com as conseqüências, como identificá-las, rejeitá-las e combatê-las.

Portanto, se percebemos o efeito antes de saber quem o comanda, que tratemos de combatê-lo, pois é tudo que podemos fazer nesse momento: é o que já está exposto. E sem perder de vista a probabilidade de, com as conseqüências sistematicamente combatidas, consigamos puxar o fio da meada de suas causas. Aparentemente essa é uma má notícia (não conhecermos suas causas); porém, ela vem acompanhada pela *boa* notícia: identificando po-

4 Alguém se lembrou das fotos dos incêndios na Amazônia? Pois é. Elas nem precisam ser reais, não precisam ser atuais, basta que sejam jogadas na rede com algum sobrenome forte e a imprensa engajada e os artistas militantes fazem o que falta, com o bolo imediatamente turbinado pela rede de palpitaria. Eles sabem muito bem que isso será desmentido, mas o mal já terá sido feito.

líticas ou movimentos perniciosos, combatendo-os, cada vez com maior celeridade, podemos fazer com que os produtores de narrativas tentem emplacar novas historinhas e estratégias cada vez menos planejadas e mais frágeis, dada sua urgência; e, como podemos constatar pelos recentes casos Greenwald ou dos incêndios na Amazônia, os estoques de narrativas estão cada vez mais baixos — daí as historinhas cada vez mais ridículas.

Algo do que digo aqui vai se misturar com elementos de outros artigos deste mesmo livro; não importa, porque o contexto será outro. Eu falo da infantilização de toda uma sociedade como parte de uma estratégia, de fingir proteger para na verdade controlar. Não tenho a menor pretensão de fazer um estudo aprofundado, até porque tudo que eu disse está no nível do aparente, do dia-a-dia, do ar que respiramos, mas não é assim tão fácil de ser identificado porque, apesar de aparente, é discreto e vem sendo aplicado paulatinamente ao longo de décadas. Ser discreto, nessa área, aliás, é parte da estratégia do mágico que mostra a mão direita enquanto executa o truque com a mão esquerda. É a aplicação das aulas de Saul Alinsky, pois faz com que uma reação seja utilizada de acordo com o livro de regras deles e, portanto, destinada ao fracasso.

Profundas, sim, foram as pesquisas e os testes sociais aplicados às massas para se chegar às conclusões que emolduram as cenas descritas acima e gerar tais comportamentos. Essas práticas são antigas; remontam no mínimo a institutos como o Tavistock, de Londres, fundado como Tavistock Clinic, em 1920, partindo de observações do comportamento de soldados sobreviventes da

Primeira Guerra Mundial e de como, com os estímulos corretos, seria possível controlar contingentes inteiros. Foi seguido cerca de um ano depois pela fundação do *Council on Foreign Relations*, nos Estados Unidos. Isso explica porque, desde suas fundações, instituições como o Clube Bilderberg, a Comissão Trilateral, o Clube de Roma e várias outras organizações semelhantes sempre mantêm olhos bem abertos para a importância desses estudos, que continuam evoluindo.

Mas, voltando ao que interessa, esses cenários dão ao cidadão a sensação de pertencimento e de guarida, suprem eventuais carências e fazem com que o sujeito se sinta protegido da solidão e até mesmo de eventuais predadores quando, na verdade, está tendo seus direitos e sua própria capacidade de escolha cerceados, deturpados e reprogramados. Sobra para o cidadão comum a capacidade de escolha de seu carro, da música que vai ouvir, do passeio com a família no fim de semana, da marca de sabonete e, devidamente programado, estará feliz apenas com decisões menores. Não decide mais sobre as idéias que vai seguir.

Assim, apertando um pouco as vistas, notamos que certas coisas realmente causam incômodo. Notem que falei de vários casos, de naturezas totalmente distintas, mas com um único ponto em comum: a intenção de infantilizar as pessoas é patente. Esse processo vem se acelerando nos últimos anos, notadamente desde a Constituição de 1988, tão corretamente criticada por Roberto Campos em vários ensaios, que foram reunidos na compilação *A*

constituição contra o Brasil;[5] e é óbvio que foi turbinado na era petista.

Paralelamente, segue em pleno vapor o exercício do fogo amigo, coisa que pode até não ter sido provocada por essas elites, mas tem potencial para ser por elas usada: um livro sobre um ataque às práticas mais caras à religião católica, a caridade, partindo de um protestante assoberbado, ataques a protestantes por parte de católicos que não os vêem como irmãos que se deseja convertidos, como manda a tradição e a moral católica: a oração por suas conversões. E ambos ignorando os monstros que vêm crescendo, os inimigos, um de 1400 anos e outro de 230 anos, considerando-se a data da Revolução Francesa (sim, sei que os escritos sobre socialismo vêm de antes; usei a data como marco).

Brigas entre seguidores e detratores do filósofo Olavo de Carvalho constam nesse rol. As chances de essas brigas conduzirem a algo produtivo são as mesmas de derrubar um jato com um estilingue. A mim, causam a impressão de movimentos de egos. O fato é que ele, Olavo, é figura fundamental no aparecimento dessa "onda conservadora". Tão fundamental que muitos querem tirar uma casquinha — só que, novamente, os inimigos de ambos os grupos é que ficam felizes.

***

5 Paulo Roberto de Almeida (org.), *A Constituição contra o Brasil — Ensaios de Roberto Campos sobre a Constituinte e a Constituição de 1988*. São Paulo: LVM Editora, 2018.

Outro efeito colateral da infantilização forçada é a "covardização". Um ou outro que teime em dizer que algo está errado com as verdades consensuais, temeroso de não ser aceito nos círculos mais íntimos, como o do trabalho e o da própria família, de ser estigmatizado e carimbado como "radical" ou coisa que o valha, temeroso de ficar isolado e não ter mais nem mesmo com quem conversar, cede e passa a não mais tocar no assunto em circunstância alguma. Se não tiver informação suficiente para poder "peitar" os progressistas do tipo "veja como nós somos demais" de sua própria família ou trabalho, é exatamente isso que vai acontecer.

Porém, de alguns anos para cá, algo mudou — ou, antes, está mudando: um resultado inesperado (para a esquerda) da existência das turbulentas redes sociais provocou o que Percival Puggina chama de "bom efeito das redes sociais": mesmo em meio ao caos, elas "uniram os bons", os que raciocinam e agem baseados em fatos, não em opiniões. Daí as taras pelo controle dessas redes.

Evidentemente que a estimulação contraditória faz parte do processo. Dizer que feministas protegem as mulheres e não dar um pio contra um travesti jogando em um time feminino, ou ver movimentos negros criticarem qualquer coisa, menos os massacres de cristãos na Nigéria e no Quênia por muçulmanos é o quê, afinal?

Outro caso: da mesma forma que a correção política não substitui a boa educação, o respeito entre as pessoas, o excesso de leis e regulamentos de trânsito não cria motoristas educados, cria motoristas medrosos. Eles não são

educados a obedecer às normas de trânsito porque atendem a requisitos de segurança e respeito ao próximo, mas porque serão severamente punidos — e essas punições não têm nem nunca tiveram qualquer motivação social ou educativa: elas são arrecadatórias mesmo. Limites de velocidade ridículos e radares matreiramente colocados não podem ter boas intenções. E, por evidente, o medo também ajuda no processo.

Parecem coisas tão óbvias, não? No entanto elas se passam sob nossos narizes sem que boa parte de nós nos demos conta porque vêm sendo impostas paulatinamente ao longo de décadas. Não é o caso do "bom selvagem" de Rousseau, nós não nascemos bons e a sociedade nos corrompe: é que nascemos puros e o mal nos é ensinado, nos é imposto pelos maus. Eis a razão do combate da esquerda ao cristianismo — a barreira, a vacina contra esses ensinamentos, e eis o porquê de brigas entre cristãos serem tão perniciosas.

Além da degradação moral, há a degradação cultural; aliás, a segunda precede a primeira. Destruindo-se o edifício cultural sobre o qual está estabelecido o padrão de vida do indivíduo e seus horizontes, ele buscará refúgio na companhia de outras vítimas e notará que também estão como baratas tontas, e esse grupo se tornará mais um coletivo prontinho a seguir aos estímulos do "apito de cachorro": o primeiro que falar mais grosso, que oferecer as respostas (que evidentemente serão mentirosas porque já nascem baseadas em platitudes) que esse coletivo quer ouvir, leva o bando.

Em vários desses casos pode-se notar a estimulação contraditória, destinada a transformar cérebros em geléia. Tudo isso conduz, ainda que de maneira mais lenta, segundo o mais eficaz padrão do socialismo fabiano, a um estado de coisas totalitário, sem que se perceba. Qualquer que seja o caminho — fabiano, revolucionário, social-democrata, ele seguirá na mesma direção — e invariavelmente vai resultar em governos totalitários.[6]

Não, não pode ser coincidência.

***

A esquerda flerta com a infantilidade, conta com ela. Um povo infantilizado é capaz de aceitar qualquer bobagem sentimentalóide e está apto a seguir quem grita mais alto para "defendê-lo" e poucos percebem que santidade auto-imputada é sempre suspeita.

Convém lembrar que acusar alguém, quem quer que seja, de usar de "discurso de ódio" é coisa de quem não sabe se defender sozinho — e, portanto, chama o bando a auxiliá-lo. Equivale a contar à professora que foi chamado de "gordo" ou de "feia".

Observando por este ângulo é forçoso notar que a infantilização nada mais é do que mais uma das tantas técnicas de controle de massas.

6 V. Hannah Arendt, *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989 e Jean-François Revel, *A tentação totalitária*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

Como proceder então?

Em *A rebelião das massas,*[7] José Ortega y Gasset afirma que é assim que se portam as nações jovens: elas brincam. O Brasil é uma nação jovem. Seu povo, politicamente, é jovem. Não bastasse isso, sofreu uma ruptura em seu processo de amadurecimento com o golpe republicano de 1889.

Depois de ver tudo isso, não é mais preciso questionar: o brasileiro, como se pode constatar, é um povo altamente infantilizado. Em boa parte dos casos não passam de crianças crescidas. Melindram-se à toa. Mudam de idéia porque alguém não fez o que elas esperavam que fizesse. Consideram-se especiais. Não lidam convenientemente com a perda da inocência. Magoam-se com palavras mais duras, muitas vezes que as *precisam* ouvir; julgam políticos com base no que sentem por eles; não fazem o exercício do exame de consciência e são incapazes de avaliar que o problema *pode estar* neles; muito menos de reconhecer isso, em caso positivo. E, quase invariavelmente, atribuem as culpas de seus fracassos a qualquer um, menos a si próprios.[8]

Como exemplo, no caso de Bolsonaro, quantos já "mudaram de idéia" (ou foram persuadidos a isso) porque ele não foi suficientemente radical quanto ele, o elei-

7 José Ortega y Gasset, *A rebelião das massas*. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

8 Não estou dizendo que todo o mal que nos aconteça seja sempre culpa nossa. Muitas vezes não é; ocorre que temos que aprender a diferenciar o mal que nos é feito por terceiros daquele que foi decorrente de nossas ações, e para muita gente isso não é fácil.

tor individual, esperava que fosse, e não foi satisfeito em seu desejo?

Não tenho grandes pretensões com esse breve ensaio. Se não for pedir muito, gostaria apenas que quem o ler comece a se autoavaliar: *será que não estou eu mesmo me portando feito criança? Ou como covarde? Estaria eu sendo omisso? Que exemplo dou a meus filhos?* E que, claro, espalhe isso, que ajude tantos quantos puder a amadurecer. E não, eu não me considero apto a dar conselhos a ninguém, e muito menos a ensinar alguma coisa a quem quer que seja: só digo o que eu vejo, e se o que eu vejo pode ser útil a outros, que o seja.

Portanto, isto é apenas um desejo: quero também que as pessoas passem a aceitar menos as "verdades pré-mastigadas" e comecem a avaliar o que lhes chega aos olhos e ouvidos e por quais canais. Que desconfiem das opiniões consensuais. Que passem a ler bons livros, que procurem bons autores, que aprendam a julgar o que é bom e o que é ruim, não apenas para si próprios, mas para seu futuro, para sua coletividade (e sim, aqui uso o termo "coletivo" porque falo de uma sociedade), para sua cidade, para seu país — sua *pátria*. O Brasil.

CAPÍTULO X

Aurora

Ana Lígia Lira

No ponto do ônibus, prestes a começar a escrever este texto, eu observava uma mulher grávida que esperava o transporte ali. A brisa recifense soprava naquele fim de tarde e toda a beleza da Rua da Aurora se derramava diante dos nossos olhos em um colorido impressionante. Parece que, ao fim da tarde, se abre sobre Recife uma janela no tempo e no espaço e a esta cidade, por alguns minutos, é devolvida toda pureza de séculos atrás.

Quando esta janela se ilumina, podemos observar os belos contornos do casario colonial, as pontes e a maré. Aliás, neste dia, a maré subia lentamente, como em movimentos de aproximação, como se fosse uma mulher querendo conversar com outra, dizer dos seus ciclos, de

sua fertilidade e da raridade da centelha de vida que nela pode ser gerada e só por meio dela pode vir ao mundo. Pensando bem, a mulher também é como uma janela aberta para o céu por meio da qual a vida vê a luz.

O ônibus chegou e eu deixei para trás aquela mulher cuja aparição foi tão cheia de significados, aquela barriga vista ao som das águas do Capibaribe e em um lugar chamado Aurora. Qual nome poderia eu dar a este texto que não este: Aurora!

Aurora é uma palavra latina empregada para dar nome a uma claridade visível no céu antes do nascer do sol, prenuncia o começo do dia. No sentido figurado aurora significa a infância, juventude, início da vida. Na mitologia romana, Aurora é o nome da deusa do amanhecer, nome correspondente à deusa grega Eos. Aurora tem a ver com a vida que se anuncia e se desenvolve.

Este texto não será doce em sua totalidade, mas ainda assim terá muito a ver com a Aurora. Quando o assunto é aborto,[1] não é fácil decidir se começamos a falar da

1 **Nota do organizador:** O aborto não costuma ser elencado entre os tópicos relacionados aos fenômenos geopolíticos, sociais e culturais que compõem o que chamamos de Nova Ordem Mundial, mas vários aspectos dessa questão podem e devem ser analisados sob este ponto de vista. Em primeiro lugar existe a relação primária e mais evidente, que diz respeito ao controle populacional, um dos objetivos declarados dos planejadores da sociedade utópica que está sendo criada. Outro ponto relevante está ligado ao interesse de substituir os valores e princípios que formam as estruturas da civilização, em especial aqueles que derivam do cristianismo. Também podemos relacionar o aborto a um processo de dessensibilização que tende a desvalorizar e desconstruir o conceito de inviolabilidade da vida humana, que consiste na base da moral e da ética que foi cristalizada ao longo dos milênios. Por último, mas não menos importante, o aborto pode ser visto como um instrumento de corrosão do espírito, que desta forma tende a alimentar e fortalecer o componente espiritual presente nos

vida ou da morte, pois os dois extremos se encontram dentro do mesmo espaço. O útero, primeira morada da vida, transforma-se em campo de extermínio, em cenário para a morte.

Uma rápida pesquisa na internet me apresentou as diversas ferramentas e métodos abortivos e são todos terrivelmente piores do que qualquer método de tortura já aplicado no mais sanguinário dos massacres que tenha acontecido em conflitos sobre a Terra. Tudo me lembrava da crucificação de Cristo, uma criatura inocente morrendo torturada por conta de um pecado que não cometeu. Aqui me refiro a todos os motivos expostos para justificar o aborto, inclusive ao mais hediondo deles, o estupro. Obviamente, no caso do estupro, as vítimas são a mãe e a criança, mas, ainda sim, a criança é vítima do pecado de um terceiro: o estuprador.

Em seu livro *A reconvenção da origem*, Diego Galvão muito bem pontuou acerca desta realidade:

> Já foi dito diversas vezes que não é lícito praticar o mal para que dele provenha o bem; os fins não justificam os meios. Ora, é exatamente a que se propõe o aborto em caso de estupro: pretende a eliminação de uma vida inocente já existente para poupar um sofrimento de outra pessoa. O subjetivismo puro e simples passa a querer prevalecer sobre a moral, e já vimos que tal relativismo é perigoso, pois do mesmo modo diversas outras situações poderiam ser relativizadas. Olha-se apenas para um dos lados, esquecendo-se definitivamente do outro! Consegue-se piorar ainda mais a situação querendo-se fechar os olhos para

planos totalitários e que funciona como um amálgama de todo esse processo.

> tal realidade: no estupro, têm-se um agressor e uma vítima; após o aborto provocado na gravidez decorrente de estupro teremos, ao final de toda a situação, duas vítimas inocentes (mãe, por ter sofrido o estupro, e filho por ter sido morto) e dois agressores (estuprador e mãe, que terá provocado o aborto), talvez até três (o médico, que terá contribuído com a mãe para a morte da criança) ou mais, dependendo se alguém persuadir a mãe num momento que é muito difícil para ela. [...] Ademais, em caso de estupro, o aborto, antes de atenuar a dor da mãe, pode agravá-la incomensuravelmente: ao invés de um trauma com o qual a mulher já terá de aprender a conviver (estupro), somar-se-á ainda outro (aborto). Assim, ao invés de um, a mulher terá de aprender a conviver com dois traumas, um dos quais se sabe culpada.[2]

É uma crucificação sem nascimento. Um filho que morre martirizado sem direito sequer a uma mãe que o chore durante o martírio, assim como Maria de Nazaré chorou por Jesus. É uma vítima que sequer terá nome ou túmulo.

Quando eu já estava a um passo de desistir deste texto, em um daqueles momentos nos quais a gente freia o mundo e vai tomar um café, recebi a visita de Dona Josefa. Ela trabalhou muitos anos aqui em casa, mora na periferia do Recife e hoje é auxiliar de enfermagem em uma clínica de repouso na capital Pernambucana. De voz suave, paciência sem fim e traços indígenas muito marcados, Dona Josefa é dessas mulheres que, do alto dos seus cinqüenta e poucos anos, entende e já viu um pouco de tudo na vida.

---

2 Diego Galvão, *A reconvenção da origem: A ilegitimidade de um Estado democrático de direito para aprovar o aborto*. Curitiba: Viseu, 2019, pp. 164–165.

— Quando vejo esse monte de papéis espalhados no sofá, já sei que você está escrevendo. — Disse ela sorrindo.

— Estou tentando escrever, Dona Josefa. É um texto sobre aborto, mas não tenho conseguido chegar a lugar nenhum! — Lamentei.

— Na clínica onde trabalho tem uma mocinha que "endoidou" depois de um aborto. É de dar pena! — Disse, enquanto juntava os papéis relembrando os velhos tempos em que convivíamos diariamente eu e ela; com todo amor, organizava minha casa.

Dona Josefa não percebeu, mas, naquele momento, eu quase parei de respirar. Encostei-me a um canto da sala e percebi que o que precisava ser dito, tinha vindo bater na minha porta, arrumar os meus papéis e tomar um café comigo. Nem sempre o escritor escreve aquilo que ele planejou escrever, às vezes, meramente contamos às histórias que querem ser contadas e, geralmente, são estas que fazem a diferença.

— Dona Josefa, me fale sobre essa moça...

— Olhe minha filha, eu não sei detalhes, lá é uma clínica de repouso onde só tem gente com boas condições financeiras. A maior parte dos pacientes tem transtornos mentais leves, são idosos, passaram por alguma tragédia e precisam de um tempo ou é gente que a família quer esconder mesmo, infelizmente o mundo hoje é assim...

Eu ouvia com atenção e sequer imaginava o que viria pela frente. Dona Josefa continuou.

— Faz dois meses que essa moça foi internada lá, quem a levou foram os pais. Ela é muito jovem... acho que no máximo uns vinte, vinte e cinco anos. Loira, olhos azuis que parecem duas pedras de anil. A coitada toma tanto remédio, chora, tem pesadelos à noite... Dizem que ela era boazinha da cabeça, estava até na faculdade de medicina, ai engravidou e foi uma gravidez inesperada. Não entendo a forma como a gente complica a vida: Se a mulher se deita com um homem, o esperado é engravidar. É assim que Deus fez! Bem, mas a moda agora é isso de gravidez inesperada, né? O que eu sei é que a moça foi em uma dessas clínicas que têm lá para as bandas do Cais de Santa Rita. Lá fizeram uma curetagem e a mandaram pra casa. Deve ter ido sem o conhecimento dos pais... — Contou Dona Josefa, não fugindo à simplicidade e sabedoria de quem já caminhou o caminho de boa parte de uma vida.

A área do Cais de Santa Rita, em Recife, é uma região central, com grande concentração de comércio e locais de prostituição. Até aí eu sabia, mas nunca imaginei que ali existissem clínicas de aborto. Eu escutava o relato da Dona Josefa e sentia minha alma chacoalhar. O aborto é uma realidade que nos cerca de forma tão sorrateira que nós o ignoramos, mas ele está ali, acontecendo. As "clínicas" que, na verdade são matadouros de mães e filhos, estão disfarçadas de lojas de comércio, no fundo das casas, com fachada de salão de beleza...

— Clínicas de aborto no Cais de Santa Rita? — Perguntei, surpreendida.

— Sim, lá têm muitas. São clínicas que funcionam em locais imundos, geralmente o aborto é feito por gente que não sabe nem o que é um antisséptico, muitas vezes praticado por prostitutas velhas, as chamadas "fazedoras de anjos". As clínicas caras ficam em Boa Viagem. Essas são um pouco mais bem equipadas, mas, mesmo assim, muitas mulheres morrem.

— E essa menina fazendo medicina foi parar em um lugar desses?

— Não é só ela não, lá vão mulheres de todas as idades e de todas as classes sociais. Às vezes, deixam de ir para as clínicas caras não por falta de dinheiro, mas por medo de encontrar alguém conhecido, medo do escândalo. Explicou.

— E ela teve complicações então?

— A conversa que eu sei é que teve muita febre e infecção porque deixaram restos do menino dentro dela. Ninguém da família sabia. Depois do aborto foi se hospedar em um hotel. A família pensava que estava viajando na casa de amigos. No segundo dia após a curetagem, sentiu tantas dores que não conseguia ficar em pé. A arrumadeira foi trocar a roupa de cama do quarto e percebeu que havia algo de errado. A moça pediu ajuda para ir até o banheiro e foi apoiada na funcionária do hotel. Lá, não agüentou ficar de pé para tomar banho e se agachou. Quando ficou de cócoras, restos do aborto começaram a sair de dentro dela, inclusive dois pedaços da criança: o bracinho, já todo formado, e um lado da cabeça com a orelhinha e tudo. A gerente do hotel foi chamada, telefo-

nou para a família da hóspede e eles a levaram para um hospital particular.

— Meu Deus do céu! E isso é possível? Pedaços da criança? Não dá nem para acreditar!

— Se é possível? É o que mais acontece! Olhe minha filha, na hora de fazer o aborto, eles não dizem a verdade para as mulheres. Isso tanto faz ser em clínica clandestina barata ou cara, já que clandestinas todas são. Em uma clínica de gente rica, eles não dão o nome certo às coisas para não parecer ser o que é. Chamam a criança de problema, no máximo feto. Não usam a palavra aborto. Quando a família chegou com a moça na clínica que eu trabalho para ela se recuperar, disseram que teve uma "resposta emocional negativa a um procedimento sanitário". Eu estava na sala da psicóloga e ouvi. Em algumas coisas, todas as clínicas são iguais: vão dopar a mulher, abrir as pernas dela, tirar a criança aos pedaços, colocar um tampão de algodão e mandar a mulher pra casa. Se a mulher morrer no procedimento, colocam na mala de um carro e desovam o corpo em alguma vala.

Naquele momento, o mundo do aborto se desnudava diante dos meus olhos e era uma imagem aterrorizante. Dona Josefa falava com certa naturalidade, por certo aquele não fora o primeiro caso de aborto e suas conseqüências que ela viu na vida. Percebendo o quanto eu estava perplexa, Dona Josefa continuou como quem via ali uma rara oportunidade de alertar, de fazer algo com o que viu da vida.

— Acredite e escreva: aborto é a coisa mais individualista que existe. Quando a mulher pensa em abortar, seja

por qual motivo for, está pensando nela e só nela. Nas condições financeiras dela, no trabalho que a criança vai dar para ela, no que a família vai dizer dela... Este pensamento é incentivado pelo mercado do aborto. Matar gente sempre deu dinheiro, desde que o mundo é mundo. O bom mesmo é chamar a criança de problema e dizer que depois do "procedimento", com um ou dois dias, vai ficar tudo bem para ela, terá sido como um sonho ruim. Mas está longe de ser assim. Se você quiser a levo na clínica no dia de visita, para você conhecer a moça e ver com os próprios olhos.

A esta altura, eu e Dona Josefa já estávamos na mesa da cozinha. Ela terminou o café com bolo como se nada tivesse acontecido. Eu afastei minha fatia e sequer consegui tocar no café. Naquele momento eu percebi o quão difícil seria colocar esta conversa no papel e escrever este texto.

Não dormi naquela noite e nem na noite que se seguiu. O domingo era dia de visita e fui com Dona Josefa até a clínica. Caminhamos por cerca de vinte minutos, o porteiro foi meticuloso ao olhar nossas bolsas e fazer perguntas, mas se convenceu com a desculpa mais esfarrapada do mundo: entrevista de emprego. É bom ressaltar que aquela clínica não era de aborto e sim uma clínica de recuperação para pessoas de idades variadas e por motivos variados. Um tipo de um hotel com cuidados médicos.

Logo percebi a moça, que chamarei de Eva, sentada em um dos bancos do jardim. A aparência era de desolação e doença. O olhar, perdido e vazio. O corpo estava visivelmente debilitado, como se a vida ali teimasse em ficar quando Eva queria mesmo era que a vida se fosse.

Eu não me aproximei, não puxei conversa, mas a enfermeira responsável por Eva veio falar comigo a pedido de Josefa.

— Ela fica assim por dias e noites. Já teve de tomar soro na veia por causa da fraqueza, não quer comer. Acho que não quer mais viver, acorda com pesadelos durante a noite, tem surtos durante o dia. A vida dessa moça é um inferno! Ela engravidou do namorado, tinha acabado de começar o curso de medicina, as amigas incentivaram o aborto, fez em uma clínica que a amiga de uma amiga tinha feito. Aborto a senhora sabe como é, né? Ficou resto dentro. Ela quase morreu, mas o pior não foi isso, foi o trauma e arrependimento quando viu as partes do bebê saindo de dentro dela. A família diz a todo mundo que ela está na Europa.

A enfermeira tirou o celular do bolso e entrou em uma rede social. Pensei que ela estava tentando encerrar a conversa e me despedi quando disse:

— Não, espere, deixe lhe mostrar...

E lá estava o perfil social de Eva, alegre, cheia de vida, comemorando a aprovação no vestibular. A última postagem era uma foto de algum lugar com a legenda "Paris, para recarregar as forças antes da maratona da faculdade" em seguida, Eva se despedia dos amigos dizendo "Em *off* por uns dias, relaxar e depois estudar. Volto em breve". Obviamente, nenhuma das duas postagens havia sido feita por Eva ou, ao menos, não por iniciativa dela.

Eva, muito provavelmente, passou a sofrer da chamada SPA (Síndrome pós-aborto), desenvolvida por mulheres que abortam. Esta síndrome é comentada no livro *A reconvenção da origem*, o qual tomei como principal referência para este texto por seu caráter esclarecedor. Na obra, o autor, baseando-se em diversas fontes das quais colheu informações, apresenta a triste realidade da SPA, desde o testemunho de uma ex-dona de clínicas de aborto a posicionamentos cirúrgicos de especialistas, como a Doutora Wanda Franz — PhD, Professora Associada de Recursos Familiares na Universidade de West Virginia (USA) — a qual apresenta como alguns dos sintomas da SPA pavores irracionais e depressões fortíssimas! Isso porque o aborto provocado é algo totalmente oposto à natureza humana: recorrendo a ele a mulher concordou em ser cúmplice do assassinato do seu próprio filho, agindo de modo contrário ao que todos esperam que seja: uma verdadeira mãe! A Doutora Wanda ainda expõe o posicionamento do Dr. Vincent Rue: ele acredita que a SPA é uma espécie de DAPT — desordem ansiosa pós traumática —, reação a longo prazo desenvolvida por muitos veteranos da Guerra do V. A Dra. Wanda Franz esclarece também que, conforme os testemunhos daquelas que pertencem ao Movimento das Mulheres Vitimadas pelo Aborto (WEBA), a culpa que elas acabam sentindo pelo aborto provocado não foi infundida nelas por ninguém; antes, surgiu como fruto de um processo interno decorrente da própria experiência abortiva!

Diego Galvão, autor da obra que usei como livro de cabeceira para escrever este texto, alerta que os números

reais sobre o aborto no Brasil e no mundo são uma verdadeira incógnita.[3] Em 27 de maio de 2014, no Seminário "Gênero, Aborto e Sociedade", realizado na Câmara dos Deputados, em Brasília, a Dra. Isabella Mantovani,[4] em sua apresentação, tratou da elaboração das estatísticas de aborto no mundo, desfazendo diversas lendas e apresentando números reais. Segundo ela, os que defendem a legalização do aborto no Brasil afirmam que isto deve acontecer pela ocorrência anual de 1,5 milhões de abortos por ano em nosso país. Ela atesta que esse número astronômico é fornecido pelo Instituto Alan Guttmacher, que é um braço da IPPF — *International Planned Parenthood Federation* (principal rede de serviços de aborto nos Estados Unidos, fundada pela eugenista Margaret Sanger), que diz que para se chegar a este número deve-se pegar o número total de internações por aborto no país e multiplicar por cinco! Outra fonte seria o IPAS, um instituto privado que trabalha a favor do aborto e surgiu a partir do momento em que a USAID, agência norte-americana para o desenvolvimento internacional, deixou de promover o aborto no mundo por decisão do governo norte-americano, que passou a não permitir o uso de dinheiro público para o financiamento internacional do aborto. O IPAS, de acordo com a Dra. Isabella, ensina o mesmo que a IPPF: para se chegar ao número total de

3 Diego Galvão, *A reconvenção da origem: A ilegitimidade de um Estado democrático de direito para aprovar o aborto*. Curitiba: Viseu, 2019, pp. 197–199.

4 Mestrado em Saúde Coletiva, especialização em Estratégia de Saúde da Família pela UNIFESP, especialização em bioética pela PUC/RJ e especialização em Saúde Coletiva pela Faculdade de Odontologia e Centro de Pós-Graduação São Leopoldo Mandic.

abortos no país deve-se pegar o número total de internações por aborto e multiplicar por cinco. A grande questão é: por que "vezes cinco"? Por que multiplicar por cinco? De onde saiu esse número? Conforme a Dra. Mantovani, estes institutos nunca explicaram de onde saiu esta idéia!

O grande motivo de jogar os números do aborto para o alto não é de provocar espanto nas pessoas, como poderia parecer a um primeiro olhar, e sim o de convencer. É dizer que todo mundo faz, que é normal, que é comum, que é seguro. Eu encontrei dados que dizem que uma entre cada quatro mulheres no Brasil já praticou aborto intencional. O "estudo" ainda diz que 86% destas mulheres são cristãs. Eu sabia que já tinha visto este número em algum lugar e fui procurar os dados. Na verdade, o Censo do IBGE de 2017 diz que 86,6% da população brasileira é cristã[5] e a tal "pesquisa" divulgada por uma página feminista, mascarou o dado e o distorceu. Você realmente acredita que uma entre quatro mulheres no Brasil já pisou em uma clínica de aborto ou tomou remédios venenosos para abortar? Quantas mulheres você já viu abortando propositalmente na sua vida?

A conversa com Dona Josefa, o contato com Eva, o livro do Diego Galvão, a necessidade deste texto, levaram-me a pensar sobre esta indústria paralela e o aborto. As fortes cenas que vi de corpinhos dilacerados ou queimados por solução salina, os equipamentos usados no procedimento diabólico cujos semelhantes eu não vi

5 Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/ [acesso em 28/08/2019].

sequer nos arquivos que dão conta das torturas da época medieval, me deram a certeza de que o sacrifício de Cristo é repetido não só na Missa, mas sua crucificação se repete infinitas vezes em úteros maternos.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
e impresso pela Daiko Gráfica, São Paulo-SP, Brasil,
nos papéis *Chambril Avena* 80 gr/m² e cartão triplex 250 gr/m².

As últimas décadas têm sido decisivas para a criação de um novo mundo. Embora o lento e gradual processo de transformação tenha começado muito tempo atrás, essas mudanças vêm sendo sentidas com mais intensidade desde o início deste século.

Como todo processo revolucionário, o desejo de criar uma Nova Ordem Mundial requer a destruição dos princípios estruturantes da sociedade. Com a promessa de instaurar um paraíso na Terra, o plano impõe novos paradigmas destinados a alterar cada aspecto da vida, desde a economia, a política e as legislações até os comportamentos, as crenças e a moralidade.

Diante da iminente transição para essa nova sociedade planejada aos moldes totalitários, que vai exigir adaptações profundas e radicais no dia-a-dia de todos, compreender essa revolução diluída torna-se não apenas necessário, mas urgente.

— Alexandre Costa
(organizador)

Para conhecer outros títulos publicados,
visite: www.videeditorial.com.br

A cada dia fica mais evidente a transformação que o mundo atravessa. Esse processo, que visa modificar todo o ordenamento social por meio de iniciativas que fortaleçam o ambiente de governança global e a submissão das soberanias e individualidades a imperativos globais, deve alcançar praticamente todas as instâncias da vida em sociedade e modificar por completo o cotidiano de todos.

Este livro rastreia a origem, o desenvolvimento, as principais características e o alcance desta transformação, listando os pontos mais sensíveis desse processo que pretende criar uma nova civilização e um novo homem.

9 786587 138176

www.videeditorial.com.br